MASSAPÊ
EM FOCO

Osvaldo de Aguiar

Osvaldo de Aguiar aprendeu as primeiras letras em Massapê. Continuou os estudos no "Instituto São Luís", em Pacoti, transferindo-se depois para a capital cearense.

Matriculou-se na Faculdade de Direito do Ceará, onde recebeu o diploma científico. Durante o curso jurídico, secretariou a *Revista Acadêmica* e escreveu no *Jornal do Comércio*. Colaborou, ainda, nessa fase, no *Correio*, na *Gazeta* e nas revistas *Iracema*, *Jandaia* e *Ceará Ilustrado*, sob os pseudônimos de Sheley de Aguiar e Ovêncio Júnior.

De posse do canudo de bacharel, ingressou no Ministério Público alencarino, chegando a exercer as Promotorias de São Benedito, Itapipoca, Massapê e Maranguape.

Em 1944, passou a desempenhar a Procuradoria Judicial de Terras e em 1945 investiu-se na função de membro do Conselho Penitenciário do Estado.

A 3 de maio de 1946, assumiu a Procuradoria-Geral do Estado, em cuja frente permaneceu dez anos. A sua indicação para êsse elevado cargo, recebeu-a, com simpatia, a imprensa citadina. A *Gazeta de Notícias*, edição de 4-5-1946, entre outras coisas, disse:

"Para a Procuradoria-Geral, a escolha do Chefe do Executivo recaiu na pessoa de Osvaldo de Aguiar, nome vastamente conhecido nas letras, no jornalismo e nos meios jurídicos da nossa terra.

MASSAPÊ EM FOCO

OSVALDO DE AGUIAR

MASSAPÊ EM FOCO

1898 — 1968

(Achegas à sua História, sob vários aspectos)

FORTALEZA — CEARÁ — 1969

CE
981.31
A282m
ex.2
t.039646/2003

PRODUÇÕES DO AUTOR

Já editadas:

Caricaturas Políticas (1944)
Comentários à Lei de Terras do Ceará (1946)
Procuradoria-Geral do Estado (1953)
No Ministério Público (1955)
O Júri no Brasil e a Necessidade da sua Reforma (1956)
Homenagem a Silva Moura (1957)
Crônicas Alegres (1960)
Apreciação de uma Pesquisa Criminológica (1966)

Prontas para o prelo:

Atividade na Primeira Instância
Domínio das Terras Devolutas
Pareceres Judiciais
Pareceres Administrativos
No Setor da Procuradoria Eleitoral
Páginas Vadias
Em Voz Alta
Rimário Burlesco
Epístolas Íntimas
Recordando o Passado (Memórias)
Os Três Populares Santos Juninos
A Cachaça Através do Folclore

Endereço do Autor:

Rua Rodrigues Júnior, 720 — Fone: 21-23-62 — Fortaleza — Ceará

A memória de meus pais:

PERGENTINO AGUIAR

e

JOAQUINA FROTA AGUIAR,

como prova de veneração.

A história da civilização é a história dos grandes homens, que se vão sucedendo, de idade em idade. Os povos que não possuem tais homens não têm civilização, nem história.

Gustavo Le Bon

Os povos vivem da tradição. Quando perdem, com a memória e o respeito, a sua continuidade histórica, estão condenados a desaparecer.

Rui Barbosa

Depois dos pais que recebem o nosso primeiro grito, o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos.

Manuel de Macedo

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste. O torrão natal é o grande "feitiço", o admirável "tabu", que deve ser adorado cegamente.

Olavo Bilac

AO MUNICÍPIO DE MASSAPÊ

E À

SUA COLÔNIA EM FORTALEZA

Homenagem do Autor

NOTA EXPLICATIVA

Massapê é Município relativamente nôvo. Emancipou-se no fim do primeiro decênio republicano, quase ao raiar do século XX. Daí o motivo por que se apresenta, sobremodo, escassa a existência de estudo publicado a seu respeito.

Os antigos historiadores Barão de Studart, Joaquim Catunda, Tomaz Pompeu, Paulino Nogueira, Perdigão de Oliveira, Júlio César da Fonseca, João Nogueira, Sousa Pinto, João Brígido, Eusébio de Sousa e Pompeu Sobrinho, em seus compêndios sôbre o Ceará, lhe não fazem referência.

Por outro lado, os historiógrafos modernos, como Cruz Filho, Carlos Studart, Renato Braga, Ismael Pordeus, José Bonifácio de Sousa, Hugo Catunda, Raimundo Girão, Hugo Vítor, Denizard Macêdo e Albano Amora ainda não se dignaram de dar-lhe especial atenção. Técnicos dêsse quilate apenas Antônio Bezerra, Álvaro Gurgel de Alencar e Valderi Uchoa lhe dedicaram, em letra de fôrma, rápidos comentos.

As repartições oficiais especializadas em assuntos municipalistas, por seu turno, no tocante a Massapê, divulgam sòmente leves informes restritos aos setores demográfico e econômico, deixando à margem particularidades de suma relevância.

Os velhos, ou melhor, os primitivos habitantes da ex-"Serra Verde", e que poderiam fornecer, de viva voz, excelentes subsídios acêrca do Município, não mais falam. Emudeceram e partiram para a eternidade.

Os novos, que ora atuam na gleba, via de regra, só visam ao presente e ao futuro. Pouco se lhes dá o passado, esquecidos de que recordá-lo é viver outra vez e conservá-lo na memória

importa respeito à tradição, fator máximo da continuidade histórica e seiva vitalizante dos povos desenvolvidos.

Lutamos, assim, com dificuldade imensa, para colhêr os dados constantes dêste folheto, fruto de assídua e exaustiva pesquisa. Lançamo-lo, hoje, prazenteiramente, à estampa. Resta, agora, esperar que a crítica, justa e serena, lhe aponte as falhas e lhe corrija os erros cometidos, a fim de que, em nova edição, êle saia da forja menos omisso e mais escorreito.

Não tivemos em mira enaltecer nem diminuir pessoas e eventos. O nosso intuito, no caso, não é outro senão facilitar, com estas desvaliosas achegas, a tarefa meritória do futuro historiador de Massapê.

Praza aos céus o trabalho em lide receba a carinhosa acolhida do público. Basta isto, em verdade, para a nossa satisfação pessoal.

Fortaleza, dezembro de 1968.

OSVALDO DE AGUIAR

ASPECTOS HISTÓRICOS

DE FAZENDA A CIDADE

Massapê, que significa "solo formado pela decomposição de calcários constitutivos de argila compacta anegrada", no penúltimo quartel do século passado era simples fazenda do Município de Santana, sita na ribeira do Acaraú-Mirim. Pertencia ao capitão José Rodrigues Lima e sua espôsa, Dona Úrsula Balbina de Sousa Lima, pessoas influentes da sociedade sobralense, e que ali, em tempos idos e vividos, costumavam permanecer, em vilegiatura, durante a agradável quadra invernosa. Falecido José Rodrigues Lima, a vivenda formou a meação da Dona Úrsula, que a dirigiu por longos anos. Com a morte desta, passou o imóvel ao domínio do seu genro, Manuel Artur da Frota, cidadão evoluído e lúcido.

Senhora dotada de fina educação, Dona Úrsula deixou prole numerosa e ilustre. Era mãe do saudoso mons. Diogo José de Sousa Lima, benquisto pastor espiritual e eminente tribuno sacro e parlamentar; dos inolvidáveis magistrados Miguel Leopoldo Rodrigues Lima, José Austregésilo Rodrigues Lima, Francisco Pothier Rodrigues Lima e Antônio Plutarco Rodrigues Lima, bacharéis que se projetaram nos círculos sociais e nas letras indígenas, bem assim de Costança Idalina da Frota, casada com Manuel da Frota de Maria; Isabel Rodrigues Lima Soares, consorte de Manuel Canuto Soares; Raimunda Artemísia da Frota, matrimoniada com Manuel Artur da Frota; Teresa Rodrigues Lima Frota, que se uniu pelo himeneu a Celso Frota e Maria do Carmo Rodrigues Lima,

primeira espôsa do Dr. João Gualberto, tôdas elas portadoras de raras virtudes cristãs.

Foram-lhe, ademais, descendentes, na qualidade de netos, o Dr. Antônio Austregésilo Rodrigues Lima, prosador notável, laureado mestre de Medicina e neurologista de projeção internacional; Dr. Antônio Epaminondas da Frota, engenheiro diplomado na América do Norte pela Universidade de Carnell, especialista em assuntos portuários, Cônsul ianque no Ceará, durante 20 anos e egrégio catedrático de Geometria no antigo Liceu, e Dom José Tupinambá da Frota, vulto marcante do clero nacional e lídimo padrão de autêntico sociólogo. Merece, ainda, salientado o brilhante jornalista e escritor Austregésilo de Ataíde, atual Presidente da Academia Brasileira de Letras, e que lhe integra, também, a família em posição de destaque.

A propriedade rural, em vista do trespasse de Dona Úrsula, não entrou em decadência, segundo se presumia. Ao contrário, progrediu a olhos vistos, pois lhe reservou a sorte melhor condição, tornando-a, sucessivamente, Distrito, Vila e, afinal, Cidade. Fácil se nos afigura a prova da assertiva. Vejamo-la.

A ESTRADA DE FERRO

Decorria o ano de 1878. Outra sêca sinistra e maléfica, irmã e sucessora imediata da de 1877, que foi uma hecatombe pavorosa, avassalava o Ceará inteiro, aumentando, no seio do povo combalido e sofredor, em transes de agonia, a miséria e a fome.

Espírito arguto e sobretudo filantrópico, Dom Pedro II, no escopo de socorrer, no Norte da Província, os humildes campônios torturados pela irradiação nevrótica de um sol causticante e inexorável, expediu o Decreto n.º 6 940, de 19 de junho de 1878, autorizando os estudos e construção da Estrada de Ferro de Camocim a Sobral, "a formosa cidade intelectual rebrilhante em esplendores", na frase lapidar de Domingos Olímpio, admirável artífice de **Luzia-Homem.**

A anunciada via férrea, graças à boa vontade do venerando Imperador, homem justo e sábio, não se resumiu em mera promessa governamental tão comum nos democráticos tempos modernos de muita demagogia e pouca realidade. Tudo se providenciou, sem a menor demora, para a vinda oportuna da assistência salvadora. A Comissão de engenheiros e técnicos, a que o govêrno conferiu, em feliz instante, a feitura da estrada, foi logo remetida a Camocim, aonde chegara a bordo do navio "Guará", em 24 de julho de 1878. Estabelecido, prèviamente, o traçado, com passagem por Massapê, os trabalhos de exploração do terreno começaram em 30 de julho e os da construção da obra em 14 de setembro, tudo dêsse mesmo ano. Os dois primeiros trilhos assentou-os, em Camocim, a 26 de março de 1879, numa brilhante solenidade, o engenheiro José Privat, Chefe da Comissão incumbida de levar a efeito o empreendimento, tendo o Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, Presidente da Província, batido o primeiro grampo, a convite do diretor Rocha Dias.

O trecho inicial Camocim-Granja, com 24 quilômetros e quinhentos metros de extensão, abriu-se ao tráfego a 15 de janeiro de 1881.

Os últimos trilhos colocaram-se, de fato, em Sobral, a 21 de julho de 1881, mas o ato inauguratório da Estação só se deu, pelo engenheiro João da Cunha Beltrão de Araújo, em 31 de dezembro de 1882, com a entrada, garbosa e triunfal, na Cidade, da locomotiva "Rocha Dias".

Pelo nôvo caminho de ferro, civilizador dos sertões e criador de Vilas, passaram a circular normalmente as três locomotivas compradas em Filadélfia e que receberam os nomes de "Sinimbu", "Viriato de Medeiros" e "Rocha Dias", em homenagem, respectivamente, às pessoas do nobre Presidente do Conselho de Ministros, do ínclito representante do Ceará no Senado e do primeiro diretor da Estrada, homens públicos eficientes, que muito se bateram em favor da construção da via de transporte em referência. Essas três máquinas, cuja rapidez, na época, se tornou célebre, prestaram, por dilatados anos, valiosos serviços ao povo, ao comércio e ao intercâmbio sócio-intelectivo da Zona Norte do Estado. A musa popular fêz-lhes o elogio nestas quadras deveras conhecidas na região:

Tem a estrada de Sobral
Três máquina corredeira:
— "Rocha Dias", "Sinimbu"
E "Viriato de Medeira"...

Essas três locomotiva,
Quando corre, tudo arromba,
Quem tiver no seu camin,
Elas mata com a tromba!

E, efetivamente, assim sucedia. Centenas e centenas de reses mansas, jumentos tardos e ovelhas berradeiras, no curso dos anos, sucumbiram, desastradamente, devorados pelas rodas de aço dos pesados monstros ianques. Que o digam os incautos proprietários das inúmeras fazendas sitas à margem da linha férrea.

Parece de bom alvitre destacar, no momento, uma circunstância assaz importante e que precisa ser conhecida. Todos os serviços dessa ferrovia, na extensão de 129 quilômetros, abrangendo reconhecimento do terreno, derrubada de mata, cortes, aterros, dormentes, trilhos, pontes, pontilhões, caixas-d'água, fios telegráficos, Estações e casas de agentes, se efetuaram no tempo recorde de três anos e meio! Na época atual do avião a jato e do foguete estratosférico, a sua construção duraria dois decênios, a exemplo do asfaltamento da rodagem Fortaleza-Sobral, que se arrasta a passo lerdo de tartaruga, desde 1948, e cuja conclusão só se dará em 26-2-1969. Como diferem as cousas do passado das do presente!

A notícia da iniciação da mencionada obra, que avançava veloz do litoral para a hinterlândia, ecoou logo nas abas da Meruoca e nas ribeiras do baixo Acaraú, trazendo a Massapê crescido número de serranos e sertanejos que, reduzidos à extrema penúria, procuravam recursos para o sustento próprio e dos filhos na iminência de sucumbirem pela inanição.

Algumas tôscas barracas de palhas, feitas pelos flagelados, a título de abrigo provisório, surgiram ao redor do local da futura Estação ferroviária, inaugurada em 31 de dezembro de 1881, com o aparecimento do trem horário regular conduzido pela locomotiva "Sinimbu".

FAMÍLIAS POVOADORAS

Instalada a Estação, famílias vindas da Cidade de Santana, das Vilas de Palma, hoje Coreaú, de Meruoca, dos povoados de Remédios, São José e das fazendas próximas — Oiticará, Aurora, Canafístula, Passagem, Raiz, Contendas, Boiadas, Aiuá, Mumbaba, Cacimbinha e outras, atraídas pela fama das resfolegantes locomotivas norte-americanas, logo apelidadas "monstros de ferro com ôlho de fogo", procuraram residir em Massapê. Dentre as famílias procedentes das citadas localidades e que vieram aumentar o povoamento de Massapê, no período de 1882 a 1908, cumpre mencionar, pela ordem de chegada, os Olegários, os Albuquerques, os Adeodatos, os Arrudas, os Pontes, os Menescais, os Liras, os Aguiares, os Frotas, os Medeiros, os Alves, os Araújos, os Ximenes, os Andrades, os Dias, os Carvalhos, os Arteiros, os Carneiros, os Vasconcelos, os Rios, os Garcezes, os Sanchos, os Mamedes, os Mirandas, os Meneses, os Azevedos, os Linhares, os Pompeus, os Anastácios, os Mendes, os Dourados, os Ferreiras Gomes, os Nogueiras Borges, os Henriques de Araújo, os Carneiros de Araújo, os Coelhos de Araújo, os Ferreiras da Ponte, os Ferreiras de Paula, os Alves de Sousa, os Cavalcantes Rocha e outros naturais da ribeira.

A presença dêsses novos habitantes contribuiu para a formação do lugarejo, que nasceu e cresceu próximo à Meruoca, aprazível montanha coberta de mata espêssa radiante de fertilidade.

Nas encostas e nas terras supedâneas dessa bonita serra verde habitavam, na era de 1700, os Tapuias, cujo chefe, o valente Cocochini, permanecia em constante vigilância para repelir qualquer ataque à sua maloca, partido dos audazes Areriús, dominadores das margens do Acaracu, que passou a chamar-se Acaraú, por fôrça da Lei imperial n.º 1 814, de 22 de janeiro de 1879. Essas duas hordas de silvícolas, embora pertencentes à mesma casta, eram inimigas e rivais. Nada obstante, nunca se empenharam em luta sangrenta de conquista e extermínio. Respeitavam-se, recìprocamente, dentro da linha divisória das suas glebas. E assim viviam, em sossêgo, até que, em 1713, os colonos brancos componentes da segunda expedição governamental os atacaram, de rijo, tomando-

-lhes as terras, as roças e, sobretudo, as filhas donzelas, com as quais muitos dêles passaram a viver maritalmente, em caloroso aconchego. Dêsse cruzamento de duas raças distintas, a invasora branca e a nativa amarela, originaram-se, na Zona Norte, os inúmeros caboclos de chapéu de palha e alpercatas que, hoje em dia, habitam, com os mesmos costumes antigos, a grande área rural localizada entre a aba da Meruoca, onde nascem regatos murmurantes, e a pancada do mar, onde desemboca o famoso rio das Garças, em cuja corrente límpida as índias virgens tomavam banho matinal à sombra fresca das oiticicas em flor.

Tais mestiços, em que pêse ao conceito divergente emitido por Ildefonso Albano, criador do Mané Xiquexique, personificam o molenga Jeca-Tatu paulista descrito, com maestria, pela cintilante pena de Monteiro Lobato.

Os descendentes dos conquistadores lusos, sem mistura indígena, são, de fato, pela sua operosidade, os legítimos construtores dos núcleos populacionais da região e que ainda os dominam e mantêm em todos os sentidos, como seus senhores.

EDIFÍCIOS INICIAIS

A primeira casa residencial de tijolo e telha pròpriamente dita construiu-a, em Massapê, no fim de 1881, o major Francisco Olegário Carneiro, morador no sítio Canafístula e que se mudara para a fazenda de Dona Úrsula, confiante no futuro promissor dêsse lugar, em cujo centro passaria o caminho de ferro prestes a ser inaugurado. É uma casa de beira e bica, frente para leste e hoje localizada na rua Santa Úrsula.

Para a prova do asserto, invocamos o testemunho do próprio Olegário Carneiro, expresso em artigo de sua autoria, publicado no **Diário do Ceará**, em abril de 1918. Assim escreve o velho pioneiro da construção predial em Massapê:

"Em agôsto de 1881, mandei fazer duas caieiras de tijolos, as quais foram queimadas com madeira de um juremal, que tinha no terreno, hoje, centro da Cidade, compreendido entre a Matriz, a rua Santa Úrsula e o Mercado.

A 20 de novembro, começaram a cavar os alicerces da Estação e, no dia seguinte, dei princípio à casa onde resido. A

31 de dezembro do mesmo ano, foi inaugurada a Estação e a 3 de janeiro de 1882 entrei, com a minha família, na aludida casa."

Logo em seguida, consoante afirma o mesmo articulista, edificaram-se, em estilo idêntico, as casas de morada e negócio de João Adeodato e José Amâncio. Nessa época fizeram, também, as respectivas moradas Antônio Raimundo Ferreira Gomes, próximo da Estação; José Gaudêncio Menescal, à margem ocidental do riacho, e Ursulino Ferreira de Paula, na Baixa, ao lado da estrada real da Meruoca. Essa casa do Ursulino foi vendida, em 1903, ao famoso Francisco Queirós de Oliveira, que nela passou a morar, sempre armado para o que desse e viesse. Homem intrépido e afeito ao manejo do gatilho nas disputas acrianas, Queirós, a 24-1-1910, no antigo Distrito de Pitombeiras, empenhou-se, com Marçal Paixão, numa luta brusca e sangrenta. Feridos gravemente, a bala e a faca, ambos perderam a vida no mesmo instante. A tragédia abalou profundamente o Município.

Novas e modestas casas de tijolo umas e de taipa outras apontaram, irregularmente, aqui e ali, transformando a antiga fazenda num pitoresco povoado.

Em julho de 1883, o mons. Diogo José de Sousa Lima, que via melhor o mundo moral do que Kepler via o planetário, erigiu uma capela situada ao norte da Estação. Foi Dona Úrsula, mãe dêsse notável sacerdote, que doou o terreno para a construção e patrimônio da capela, manifestando desejo de que o Bispado a destinasse ao culto de Santa Úrsula, o que, de fato sucedeu, e, ainda hoje, prevalece para gáudio dos fiéis. Terminada e benta a ermida, edificou-se, em seu tôrno, uma série de casinholas. No outro lado da linha férrea, no lugar "Carnaubal", construiu-se, tempo depois, pequeno prédio para a cadeia e, um pouco adiante, próximo ao riacho, uma sala simples adaptada ao ensino primário. Ainda bem que, entre a Igreja, morada de Deus, onde reina a paz, e o presídio, valhacouto do crime, onde impera o vício, colocaram os fundadores do povoado a Escola, foco de luz intensa, que irradia clarões de aurora, iluminando escuridões à distância.

Levantou-se, em 1898, uma casa de ampla sala para o funcionamento da Câmara, da Intendência e do Tribunal do Júri.

VIAJANTES ILUSTRES E CONCEITOS EMITIDOS

A 3 de dezembro de 1884, desembarcou, na Estação de Massapê, o laureado historiógrafo coestaduano, Antônio Bezerra de Meneses, que visitava a Zona Norte, em caráter oficial. Eis como a incipiente localidade se lhe deparou à visão esclarecida de beletrista emérito:

"Massapê, se bem que insignificante e contendo poucas casas espalhadas sem forma de arruamento, em terreno acidentado, que declina sensìvelmente para o lado do poente, é, no entanto, o melhor dos pontos escolhidos para Estação, em conseqüência de sua vizinhança da serra da Meruoca e da Cidade de Santana.

A serra, que se ergue daquele lado a 12 quilômetros da povoação, apresenta agradável perspectiva, devido talvez à conservação da mata ou à porção d'água de diversos regatos que banham os flancos, ou efeito da luz que faz com que seja vista na distância sempre azulada e coroada, às vêzes, de alvos véus de neve." (**Notas de Viagem**, pág. 46.)

No ano de 1888, viajando em classe reservada, estêve em Massapê, de passagem para Granja, o estadista brasileiro Caio Prado, então Presidente da Província. Acompanharam-no, nessa excursão, os brilhantes intelectuais Justiniano de Serpa e João Lopes, além de outros moços que se distinguiram, naquela época, nas lides da imprensa, pelo brilho do talento. A despeito da pequena demora na Estação, êsses ilustres visitantes não fugiram ao desejo de elogiar o bonito panorama que lhes proporcionou a topografia do engatinhante lugarejo, circundado pela serra da Meruoca e os serrotes Aiuá e Madeira, que se vislumbram a poucos quilômetros.

Outra personagem insigne, acompanhada de seleta comitiva, de que fazia parte o saudoso jornalista João Brígido, em 31 de julho de 1889, chegou a Massapê, em trem especial, com destino à "Princesa do Norte", que a recepcionou com lauto banquete de requintado bom gôsto. Era o príncipe Gastão de Orleans, o eminente Conde D'Eu, genro de Pedro II e herói da guerra do Paraguai.

Na própria cabine da máquina, transformada em presépio florido, viajou o digno fidalgo ao lado do engenheiro Lima Brandão, a fim de melhor observar, de perto e de frente, o

caminho de ferro e as obras darte feitas, numa fase angustiosa de calamidade, por ordem do seu egrégio sogro, a quem Vítor Hugo chamou neto de Marco Aurélio e cuja grandeza moral deslumbrou o Nôvo Mundo.

Da gare da modesta Estação de Massapê, onde o cercaram pessoas curiosas de conhecê-lo, Sua Alteza, conforme revela a tradição, olhou a serrania, o riacho e a várzea circunvizinhos, exclamando admirado: "Que magnífico recanto para uma bela cidade!" E, logo após, o trem partiu em direitura a Sobral, soltando apito longo e triste, à semelhança de colossal lamento, como se estivesse a adivinhar que, dali a três meses e meio, numa surprêsa realmente pasmosa, tombaria a Monarquia, opulenta de tradições liberais, com a proclamação da República e conseqüente destêrro da família imperial para a Europa, berço clássico de seus antepassados. São os caprichos cruéis da sorte iníqua e má!

Ulteriormente, outras figuras de influência nas esferas eclesiástica, científica, política, militar e literária transitaram por Massapê, refesteladas nas primitivas "Marias-Fumaças" movidas a lenha e ora reduzidas a objetos de museu. Dentre êsses excursionistas, destacam-se os Bispos Dom Joaquim José Vieira e Dom Manuel da Silva Gomes; os quatro astrônomos inglêses que vieram à região observar o maior eclipse total do sol visível no Ceará; o cientista austríaco Luduvico Schuwenhagem, que visitou a "Casa de Pedra", na imediação do serrote dos Picos; o Príncipe Dom Pedro de Orleans e espôsa; os parlamentares e tribunos Assis Brasil e Maurício de Lacerda; o general Rondon, nôvo bandeirante do Brasil Central, e os escritores Simões Lopes e Humberto de Campos, primorosos estetas da pena. Tiveram êles, para com a localidade em desenvolvimento, referências tão lisonjeiras e honrosas que o povo, agradecido, as conserva na memória e no coração.

EMANCIPAÇÃO POLÍTICA E OUTRAS CONQUISTAS

O tempo, indiferente a tudo em seu derredor, continuava a marcha incessante futuro adentro. Cada ano decorrido Massapê, graças à fixação de gente nova no seu meio, crescia,

em ânsia febril e incontida, tornando-se ponto de animado comércio. Em virtude dessa franca expansão, chegou a Distrito de Paz pelo Decreto n.º 88, de 21 de outubro de 1890. Mas isso por si só não lhe bastava. A Lei Estadual n.º 398, de 25 de setembro de 1897, desmembrando o povoado do território de Santana, criou o Município, elevado à categoria de Vila, sob a denominação de "Vila da Serra Verde". A inauguração, porém, apenas se efetuou, oficialmente, a 5 de fevereiro de 1898, data assinaladora da sua real emancipação política.

O nome "Serra Verde", extravagante e inadequado, não agradou ao paladar do povo, que contra êle se insurgiu, sem discrepância. O protesto unânime ecoou na Assembléia Legislativa, que o acolheu, de boa mente, aprovando a Lei n.º 540, de 10 de agôsto de 1899, restabelecedora do topônimo primitivo.

O Intendente estreante da novel Comuna foi João Adeodato Ferreira, membro de conhecida família ribeirinha. Eleito por um ano, pela primeira Câmara empossada e constituída de oito vereadores, logo assumiu o exercício do cargo, cioso de iniciar a sua gestão.

A Coletoria Estadual deu mostra de vida efetiva, em junho de 1898. José Adeodato Ferreira foi-lhe o primeiro titular e Chagas Arruda, primeiro Escrivão.

Por sua vez, o Têrmo Civil veio a ser realidade, através da Lei n.º 512, de 31 de outubro de 1898, mas só se instalou em junho de 1890, fase em que surgiram o primeiro tabelionato e a primeira escrivania.

ÊXODO DE EFEITO POSITIVO

Raiou o ano de 1900, marco inicial do século XX. Partido do bôjo tenebroso da noite, o nôvo século, em alvorada de paz e de cântico, atingiu, de um jato, a luminosidade do dia, prometendo dádivas de ventura ao mundo, que o saudou num descumunal arrebatamento de entusiásticas vibrações.

O Ceará recebeu-o, em festas pomposas, com música e foguetório, na doce expectativa de dias mais ditosos. Massapê, a seu modo, partilhou dessa manifestação de regozijo público à ridente centúria que surgia. A esperança no ano nôvo, introdutor do nôvo século, invadiu tôdas as almas cearenses, de modo auspicioso e alvissareiro. Infelizmente, porém, logo se desfez. Ao invés de bonança e prazer, trouxe o tal 1900 consigo uma calamidade hedionda e fatal — a sêca que, em fúria brava e louca, extinguiu as fontes, crestou as árvores, reduziu os rebanhos e subjugou os homens!

Na impossibilidade de estada em ambiente assim martirizado pela inclemência da natureza madrasta, centenas de habitantes do Município, em rasgos de heroísmo, partiram em busca do alto Amazonas, que nadava em ouro, mercê da fantástica valorização da borracha, chegada ao fastígio culminante e cuja procura estupenda excitava a ganância ilimitada dos magnatas estrangeiros, açambarcadores dêsse maravilhoso produto brasiliense mais ambicionado que o próprio diamante. Naqueles ínvios confins nortistas, já se achavam alguns **brabos** conterrâneos, inclusive o veterano e afamado Alexandre Oliveira Lima, "cabeça-chata", rude e tenaz, que se assinava Lixandre Liveira Lima e recebeu a antonomásia de "Barão da Bôca do Acre", pelo fato de haver descoberto e desbravado a foz dêsse importante rio, de cujas ilhargas se apossara na extensão de cinco léguas corrente acima.

Por volta de 1910, êsse célebre e popular barão paroara, minado de beribéri e impaludismo, a busca de saúde, desembarcou em Massapê, onde veio a sucumbir, pouco tempo depois. Sepultaram-no, durante uma tarde invernosa, no cemitério local, sem as honras a que fazia jus pela enorme façanha de tornar conhecida do Brasil e do mundo a dita embocadura fluvial nunca dantes vista por gente batizada. O seu corpo transformado em pó repousa, anônimamente, na vala comum do campo santo, dormindo o sono fatal do esquecimento. Nem sequer uma cruz pobre de madeira tôsca ali existe para identificá-lo perante a posteridade. Triste fim de um barão condecorado pelo poder soberano da borracha e que com ela caiu, de maneira desastrada, deixando apenas na terra o exemplo da sua audácia inaudita e da sua tenacidade assombrosa!

Vontadosos e intrépidos, os novatos seringueiros massapeenses, imitando a ousadia do velho Alexandre, dominaram imensa área do "Inferno Verde", no apogeu da sua epopéia econômica, às margens do Purus, Juruá, Taruacá e Envira. Enriqueceram, com incrível rapidez e, mais felizes do que êle,

regressaram, cheios de pecúnia e saúde, aos penates, em cujo meio souberam empregar bem o fruto do seu trabalho hercúleo, desenvolvido na brenha da misteriosa selva amazônica, "virgem do passo humano e do machado".

SURTO DE PROGRESSO

A chegada festiva e triunfal dos paroaras prósperos, no lapso de 1903 a 1906, foi para Massapê vantajosa ao extremo. Fantástica vitalidade, em todos os sentidos, a essa época, se verificou no Município, resultante da fôrça dinâmica da fácil dinheirama trazida dos barracões amazonenses e que corria em abundância a ponto de banhar-se cavalo de prado com cerveja. Intensa febre de construção predial irrompeu pelos quatro cantos da Vila. Edifícios de vários feitios e de finalidades várias surgiram, da noite para o dia, formando ruas e praças.

Egresso do seringal "Nôvo Pôrto", no rio Envira, para onde embarcara no fim de outubro de 1900, Pergentino Aguiar retornou a Massapê a 5 de junho de 1903, tomando logo a iniciativa de fazer, na parte baixa e alta da sede municipal, inúmeros prédios de comércio e habitação. Coube-lhe a primazia de mudar o aspecto avelhantado e antiestético das casas residenciais, dando-lhes modêlo arquitetônico mais em voga no tempo. Em estilo moderno, erigiu, na Praça da Estação, lado leste, a sua primeira morada, vendida em 1910, ao capitalista João Leopoldo, pela então quantia fabulosa de dez contos de réis! A seguir, na rua Dona Úrsula, ergueu quase inteiro quarteirão residencial de agradável aparência. Dentre tais casas, dotadas de fôrro, soalho, varanda, gradil, área e jardim, destaca-se a escolhida para sua segunda morada, na qual se realizaram, durante trinta e quatro anos, de 1912 a 1946, animadas festas dançantes e grandes banquetes em homenagem a visitantes ilustres.

Pergentino Aguiar nasceu na Palma, a 29-7-1876, e faleceu em Massapê, a 3-6-1947.

Por sua vez, fizeram, igualmente, casa os seringalistas Antônio Frota Portela, Francisco Olímpio Frota, Vicente Olímpio Aguiar, José Raimundo Pontes, Isaac Pontes, Raimundo e Gabriel Aguiar, Regino e Emílio Aguiar, Francisco Ulisses Medeiros, Joaquim Mariano de Sousa, Vitorino de Meneses, Miguel Milério de Vasconcelos, Virgílio Pereira, Gaudêncio de Carvalho, sem esquecer o saudoso Antônio Augusto Meneses, que edificou, em 1903, do outro lado do riacho Contendas, bonita chácara, a que deu o nome de "Bandeira Branca", facilitando-lhe o acesso à rua, no inverno, por uma ponte de alvenaria e madeira, feita pelo pedreiro Raimundo Cara Branca, em 1907.

Essa chácara recebeu, em 20-1-1905, o primeiro índio legítimo transplantado do Amazonas para o Ceará. Trouxe-o consigo o capitalista Antônio Augusto Meneses, que o acolheu e domesticou, com paciência jesuítica. Era um colomim baixote e gorducho, chamado Marajó. A sua fuga, em 1906, do poder do cel. Meneses, para a morada de Francisco Gomes, em Sobral, provocou a mais ruidosa questão do fôro. O silvícola em carne e osso não valia a têrça parte do dinheiro gasto na demanda! Tudo não passou de mero capricho dos contendores!

A vivenda em aprêço comprou-a, no ano de 1918, Quincas Aguiar, que nela residiu com a família até 1945. Hoje pertence a José Carneiro de Araújo, que talvez desconheça êsse episódio histórico.

Construíram, também, suas moradas, nessa época, João Arruda e Casimiro Aguiar, os quais, além das residências familiares, ergueram prédios para fim comercial. Inovador por excelência, Casimiro Aguiar deu ao edifício destinado à sua loja aspecto de sobrado, único no gênero, existente na Vila. Fizeram, por igual, as respectivas habitações, Pompeu Mendes de Vasconcelos, José Garcez de Andrade, Antônio Juvêncio de Andrade, Antero Coelho de Araújo, Luís Nélson Lopes, Juca Aguiar, Álvaro de Andrade, Miguel Dias, Doca Pontes, Manuel Dias e, por último, João Pontes, que levantou moderno palacete de belo estilo arquitetônico. Todos êles, pouco a pouco, abandonaram a rotineira bica de telha tôsca e o arcaico "jacaré" de flandre pela moderna encanação embutida na parede, trocaram a vetusta pintura de cal pela venusta pintura a óleo e substituíram o ladrilho rústico de tijolo comum pelo vistoso soalho de acapu e cetim, que constituía a última novidade nos ricos salões dos bangalôs de Belém e

Manaus. Massapê recebia, assim, maquilagem delicada e indumento elegante como uma candidata a misse, na noite de seu desfile perante a comissão classificadora do concurso.

Por outro lado, a vida social, comercial, beletrística, religiosa e forense da Vila tomou considerável avanço.

Na esfera mundana, passou Massapê a ostentar ares de importância. Graças à iniciativa de Casimiro Aguiar, homem de clara mentalidade e requintado bom gôsto, vieram logo à luz clube diversional e grêmio recreativo e realizavam-se festas dançantes nas residências familiares, infalìvelmente, aos sábados e dias feriados.

Estimulados por Possidônio Soares, Neco Ricardo e José Louro, as danças populares do "Bumba-meu-boi" e das "pastorinhas" exibiam-se pelas ruas, ao som da música típica e os festejos gonçalinos efetuavam-se, nos arrabaldes, em meio a franca vibração do povo.

Nas manhãs e tardes domingueiras, grupos de rapazes e senhoritas faziam passeio campestre à ponte do rio Contendas na linha férrea. De lá regressavam, aos pares, cheios de júbilo e sedentos de feliz união, que os transplantasse ao encantado reino de Kiato, em cujo seio dadivoso a vida, serena e risonha, é uma constante primavera.

As célebres rodas nas calçadas das casas, onde moravam môças casadouras, atraíam os marmanjos elegantes da terra. Em tais reuniões familiares havia prendas, sortes, cantorias, recitativos, charadas, adivinhações e, as mais das vêzes, delas saíam noivados e casamentos venturosos.

No domínio de Mercúrio, a Vila também crescia e se ajeitava. Armazéns, lojas, bares, bilhares e tavernas abriam-se em quantidade para a satisfação da freguesia exigente.

No setor beletrístico, por igual, se notava entusiasmo e pujança. Efetuavam-se, de vez em vez, sessões literárias, dramas e comédias com regular assistência. Periódicos noticiosos e humorísticos, como **A Voz do Povo** e **A Luz**, passaram a circular, semanalmente, divulgando os eventos ocorridos no Município, no Estado e no País.

Na área religiosa, atento o elevado espírito de catolicidade do povo, Massapê alcançou a sua plena independência. Concedeu-lha a competente autoridade diocesana, criando-lhe

a Freguesia, mediante provisão de 22 de junho de 1911. A escolha do 1.º Vigário recaiu no padre Antônio Cândido de Melo, que, eventualmente, desde 1906, dirigia a Capela, depois transformada em Matriz.

Com relação ao campo judiciário, o movimento cresceu sensìvelmente. Impôs-se, assim, a presença de um magistrado com diploma e de substitutos leigos. O Têrmo Civil, dêsse modo, pela Lei n.º 1 235, de 9 de setembro de 1914, foi provido por Juiz togado, além de três suplentes sem toga. Coube ao Dr. Eugênio Marinho de Sabóia a honra de instalar e assumir a Judicatura, no exercício da qual permaneceu cêrca de três lustros.

Foram nomeados, respectivamente, 1.º, 2.º e 3.º suplentes, com alçada restrita ao preparo dos processos, os conceituados cidadãos Luís Nélson Lopes, Francisco Rodrigues Sancho e José Ferreira Vasconcelos, os quais exerceram as funções, de maneira correta. Pessoa estimada, prestimosa e, sobretudo, amiga da terra nativa, Isaac Pontes participou, também, da judicatura, na qualidade de suplente. E, como tal, realizou mais de 50 casamentos felizes.

Cioso da sua patente florescência, Massapê não mais se conformava com a simples e acanhada condição de Vila. Queria subir e mudar de hierarquia na esfera político-administrativa. A Lei n.º 1 408, de 27 de agôsto de 1917, em boa hora, satisfez-lhe o desejo, concedendo-lhe foros de Cidade. A sua inauguração, no entanto, só ocorreu no dia 5 de fevereiro de 1918, em sessão solene levada a efeito na Casa da Câmara, durante a qual discursaram vários oradores, inclusive o jovem José de Melo Arruda, filho do cel. João Arruda, então Prefeito e chefe político conservador.

Por volta do ano de 1918, a Coletoria Federal instalou-se na sede do Município. Dirigiu-a, como primeiro Exator, Francisco Felinto Aguiar, membro de importante família da Zona Norte do Ceará e que se houve na função com zêlo e equilíbrio. Auxiliava-o no mister, como Escrivão, Guilherme Vasconcelos, que lhe foi o substituto, quando da sua aposentadoria concedida em 1937.

Quatro anos após a criação da Cidade, o Têrmo de Massapê, por fôrça da Lei n.º 1 943, de 18 de novembro de 1921, elevou-se à Comarca, extinta pela Lei n.º 2 445, de 30 de ou-

tubro de 1926 e restaurada mediante Lei n.º 2 677, de 2 de agôsto de 1929. Pelo Decreto n.º 1 271, de 29 de maio de 1934, foi, de nôvo, suprimida a Comarca, que continuou como Têrmo judiciário de Sobral, provido por Juiz togado.

O art. 22 das Disposições Transitórias da Constituição de 1947 transformou o Têrmo em Comarca de 1.ª entrância. Como primeiro Juiz de Direito figura o Dr. Arnaud Ferreira Baltar, que assumiu o exercício do cargo em 30-12-1921, inaugurando a Comarca. O Dr. Hermes Paraíba, perante quem serviu, inicialmente, na função de Promotor de Justiça, o provisionado Antônio da Costa Leitão, substituiu, em 21-9-1922, o Dr. Arnaud Baltar no juizado, a cuja frente estêve, na primeira fase, até 17 de novembro de 1926. Restaurada a Comarca, voltou o Dr. Hermes Paraíba a dirigir-lhe os destinos, de outubro de 1929 a junho de 1931.

A partir da instalação do Município até a presente data, 42 cidadãos exerceram a Chefia do Executivo Municipal, 8 na qualidade de Intendentes, 17 como Prefeitos nomeados, 9 na condição de Prefeitos eleitos, 6 presidentes de Câmara em exercício e 2 Vice-Prefeitos em substituição.

NOVA EMIGRAÇÃO DE EFEITO NEGATIVO

No curso do decênio de 1920 a 1930, em conseqüência da sêca de 1919, tão nefasta e macabra quanto a de 1915, sofreu Massapê forte impacto na marcha ascendente. Inúmeros de seus habitantes, premidos pela escassez de recursos na gleba nativa, deixaram-na por outros centros mais adiantados e futurosos. Dessa feita não buscaram a fabulosa região amazônica, que entrara em colapso com a atordoante queda da borracha, motivada pela inércia criminosa do govêrno que lhe não racionalizou a extração em base científica, não a industrializou consoante lhe competia, nem tampouco impediu a saída de sementes das seringueiras nativas, aos milhares, para o Ceilão, Sumatra e Java, em cujo solo medraram, exuberante e ràpidamente, e de cujos governos receberam, de modo carinhoso, cuidados técnicos especiais.

Preferiram, por isso, fixar-se em Fortaleza, bem como no Rio, São Paulo e Pôrto Alegre, a cujas plagas afluíram em

falanges consecutivas. Na capital do Estado e naquelas opulentas metrópoles sulinas, bafejadas pelo fulgor da civilização, de acôrdo com a respectiva tendência, passaram a dedicar o esfôrço da sua energia indômita ao comércio, à indústria, ao setor bancário, às profissões liberais, à política, à administração pública, às fôrças armadas, à imprensa e às letras. Todos êles venceram, a golpes de trabalho construtivo, e, hoje, se acham magnìficamente instalados na vida.

Descrentes do futuro do Brasil, "gigante deitado eternamente em berço esplêndido", alguns dêles, mais ativos e audazes, atravessaram o oceano em rumo de nações estrangeiras. Quatro se radicaram em Nova Iorque, a descomunal Cidade líder do planêta. Três pararam em Cairo, egipciana metrópole, sentinela avançada do Canal de Suez. E dois, descendentes do velho **Deocleciano**, antigo vaqueiro da fazenda "Aiuá", ágeis como gato selvagem e rijos como aroeira sertaneja, chegaram a Pequim, no longínquo Oriente. E lá se estabeleceram com modesta venda de cuscuz de milho para mostrar aos chineses que não só de arroz vive o homem...

O êxodo verificado, no período de 1920 a 1930, ao inverso do ocorrido em 1900, foi prejudicial a Massapê.

Na primeira retirada, os moradores do Município, ávidos de fortuna compensadora, demandaram o ubérrimo rincão acriano, mas de lá voltaram, sem tardança, aos pagos, de cuja formação se constituíram obreiros incansáveis.

Na segunda saída, em grupos numerosos e repetidos, procuraram destinos diferentes, na perspectiva de ampla vantagem financeira e não mais volveram à terra nativa, concorrendo, dêste modo, para diminuir-lhe o desenvolvimento apreciável no vicênio inicial do século fluente.

PROVIDÊNCIA IMPERIOSA

Massapê, face a perda de 3 importantes Distritos, Alcântaras, Senador Sá e Palma, sofreu considerável diminuição no seu território e na sua renda. Não dispõe, assim, de recursos próprios suficientes para levar a efeito vultosos melhoramentos que lhe são indispensáveis ao confôrto e cuja imediata

execução o exige o progresso moderno de velocidade idêntica à dos foguetes espaciais.

A sua fonte de riqueza, nos dias presentes, repousa na agricultura e na pecuária. Estas, porém, atento o sistema rotineiro ainda usado e dada a falta de assistência técnica oficial, pouco produzem, em verdade. Agrônomos e veterinários, para a orientação dos lavradores e criadores ribeirinhos, são, no Município, **avis rara**. As plantas e as reses ali nascem, crescem e morrem à lei da natureza, como sucedia nos primórdios da fase colonizadora. Ademais, os últimos flagelos cilmáticos de conseqüências desastrosas concorreram para agravar a crise, escasseando-lhe a safra de cereais e dizimando-lhe o gado vacum.

A Municipalidade, ante tão grave estado de coisas, cuja debelação requer gastos excepcionais, por si só não pode enfrentar e resolver o difícil problema. Torna-se imperioso que outro poder mais alto se levante e vá ao encontro de Massapê, fornecendo-lhe os recursos públicos de que carece para o soerguimento, no setor rodoviário, educacional, médico, hospitalar, agropecuário, higiênico, sanitário e urbanístico. Para tanto se impõe forte atuação, junto ao govêrno, por parte das autoridades locais, dos políticos sem côr partidária e dos filhos da terra radicados na Capital. Sem essa união de fôrça e de vontade, nada se alcançará de positivo.

A Colônia massapeense é rica e poderosa. Congregada como se acha num centro de fins diversionais e filantrópicos, goza de sólido conceito perante a sociedade e os podêres constituídos. Fácil lhe é, desta sorte, conseguir do Estado e da União, tão pródigos em auxílio a outras Comunas, melhor tratamento para Massapê no sentido de restaurar-lhe o primitivo esplendor sócio-econômico. A Cidade bem merece êsse benefício, porque, como o disse aplaudido publicista alencarino, "ela forma caracteres fortes e homens dispostos para vencer e, por isso, se constitui num magnífico exemplo de fé e de tenacidade".

Não basta, porém, que os filhos ausentes se limitem a agir à distância em prol da urbe materna, "seu primeiro e virginal abrigo". Na impossibilidade de regresso definitivo ao seu seio carinhoso e bom, faz-se mister que, pelo menos, de quando em quando, a visitem e a olhem com ânsia de vê-la, estimulando-a

com a sua presença e fortalecendo-a com o seu apoio, a fim de que ela, encorajada, se reabilite perante os olhos dos que lhe assistiram à tradicional opulência. Essa mesma necessidade de reação também a sentiu o historiógrafo Valderi Uchoa. Sentiu e proclamou-a nos seguintes tópicos:

"Massapê tem sofrido muito nestes últimos anos. O seu povo é forte para vencer, em silêncio, na adversidade. É preciso, todavia, uma reação que seja salutar em benefício da economia do Município. Que despertem os seus líderes, se unam à Colônia aqui domiciliada e salvem o povo da terrível deblaque econômica que se prenuncia. Urge, assim, que o Estado e a União realizem obras de investidura capazes de repor Massapê na sua antiga senda.

"Pelo seu passado, pela sua tradição e pelo amor que lhe dedicaram João Arruda e João Pontes, Massapê precisa despertar e viver dias de progresso." (**Anuário do Ceará**, vol. 1.º, pág. 162).

DESTINO DA CASA ANTIGA

A vetusta casa da fazenda, saudosa lembrança de um passado extinto, resistiu, por mais de uma centúria, à metralha destruidora do tempo. Sòmente em 1905, durante uma noite caliginosa e trovejante de chuva torrencial, veio a ruir em parte. João Coati e espôsa, seus moradores ocasionais, morreram, simultâneamente, sem confissão e sem vela.

O tradicional solar de Dona Úrsula, na mesma colina, na mesma posição e no mesmo formato, em 1906, Joaquim Marques da Costa, casado com Floripes Maia da Conceição, o remontou, tornando-o tal qual o era, originàriamente. A nova morada, conhecida por "Alto da Boa Vista", e de cujo alpendre se descortina deslumbrante paisagem na mata verde-escura da aba da serra e no carnaubal farfalhante do campo fronteiro, transformou-se, por muito tempo, em ponto de atração folclórica, graças às interessantes festas de São Gonçalo ali realizadas, costumeiramente, como atestado vivo de amor às nossas gloriosas tradições populares.

Por milagre, não se apagou de todo esta relíquia antiga da Cidade, que deve ser vista e admirada com respeito, como

se fôsse um tabu intocável. A sua desapropriação, para torná-la patrimônio do Município, reservada a fins instrutivos e educacionais, seria medida certa e meritória. Urge, portanto, providência oficial nesse sentido.

70 ANOS DE MUNICÍPIO E 50 DE CIDADE

Ante a narrativa feita, reflexo fiel da verdade, infere-se que Massapê, nesta data, 5 de fevereiro de 1968, completou 70 anos de autonomia municipal e meio século de existência citadina. São duas etapas de elevada significação política, administrativa e social para a terra, que, embora seja relativamente nova, bastante prosperou nesse lapso de tempo, não obstante a índole emigratória da sua gente, que cumpre, assim, a predestinação da raça.

E êsse seu progresso material resultou, em parte, da iniciativa privada. O Poder Público local, nesse particular, muito produziu, mas não realizou tudo. E deixou de fazê-lo, porque o impediu a politicalha estéril e nefasta, na sua faina voraz de vil caftina com goela de lôba faminta e astúcia de rapôsa no cio. Semelhante megera sempre foi a cruel estranguladora das meritórias iniciativas e das nobres intenções dos gestores eficientes.

As efemérides em foco, tão gratas ao coração dos filhos da ex-"Serra Verde", não passaram despercebidas aos olhos das autoridades e despertaram as energias cívicas do povo para novos combates em prol do seu maior desenvolvimento. Ainda bem que assim sucedeu e oxalá sempre continue a suceder assim!

ASPECTOS FÍSICOS

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

O Município de Massapê está situado na Zona Fisiográfica Centro-Norte do Ceará. A maior parte do seu território estende-se no sertão e a parte restante abrange as encostas orientais da serra da Meruoca. A superfície, atenta a perda de três Distritos, em anos diferentes, acha-se, hoje, reduzida a 356 quilômetros quadrados.

Atravessado pela Estrada de Ferro de Sobral, atualmente ramal da Rêde de Viação Cearense, o Município ora se limita ao norte, com Morrinhos e Senador Sá; ao sul, Sobral e Meruoca; a leste, Santana do Acaraú, e a oeste, Moraújo.

CLIMA E TEMPERATURA

O clima em geral é quente e sêco. No verão, mormente nos meses de setembro a dezembro, o calor aumenta bastante, variando o termômetro de 30 a 35 graus à sombra. No fim do inverno, nos meses de maio e junho, a situação climática melhora consideràvelmente. Tudo muda por encanto. Os dias ficam menos sufocantes. As noites tornam-se agradáveis e as madrugadas às vêzes friorentas.

ACIDENTES OROGRÁFICOS

O terreno do Município é acidentado. Nêle demora parte da serra da Meruoca e em seguida a esta, há os seus contrafortes, que se vêem, aqui e ali, com os nomes de serrote do

Aiuá, Tucuns, Madeira, do Meio, Morro Vermelho, Gengibre, Babeco, Croatá, Pulgas e Cadoi.

A Meruoca, se bem não seja apreciável em tamanho, todavia se projeta no Ceará, pela amenidade dos seus ares balsâmicos, pela condição de pioneira no cultivo do café, sem dúvida, a maior riqueza agrícola nacional, e pela excelente qualidade da sua farinha. Merece, por isso, se lhe faça a referência destacada que vai adiante.

SERRA DA MERUOCA

A Meruoca, cujas abas orientais pertencem em parte a Massapê, se apresenta como única serra digna dêsse nome existente no Município. Tem, em média, 700 metros de altitude, e, aproximadamente, 6 léguas de comprimento e 5 léguas de largura. No seu solo ubérrimo, que tudo dá, em se plantando, e de cujo seio afloram centenas de olhos-d'água perenes, o Capitão-mor, da Vila de Sobral, José de Xerez Furna Uchoa, proprietário do sítio "Santa Úrsula", em 1747, plantou a primeira muda de cafeeiro chegada ao Ceará e por êle trazida da França, onde lha presenteou o Duque de Choiseul, Ministro de Luís XV. Êsse precioso arbusto, vindo de Paris, segundo afirma o Barão de Studart, durou 114 anos, pois ainda existia em 1861.

Medra, também, no âmago da sua terra fértil, com exuberância e rapidez, a mandioca, que produz a melhor farinha do Ceará e cuja fama remonta à época da brava gente silvícola.

Oásis repousante em plena aridez do sertão cearense, Meruoca possui clima ameníssimo, que fortalece o corpo como tônico providencial. Não é crível exista, em todo o Nordeste, outra serra que a iguale nesse ponto. Ibiapaba, Baturité, Santo Estêvão, Uruburetama, Maranguape, Araripe muito lhe ficam a desejar. A própria chapada da Borborema, na Paraíba, não a leva de vencida.

O célebre frei Cristóvão de Lisboa, quando, à frente de 20 portuguêses e vários indígenas mansos, a visitou, em 1623, assim se exprimiu: "Adiante, uma serra redonda chamada Meruoca, pelos índios, se ergue à distância. O seu verdor foi

objeto da nossa admiração. Parece um ninho de frescura que Deus, em sua sabedoria, ali colocara para reagir contra os desvios da natureza."

Idêntica impressão sentiu o publicista Mendes de Vasconcelos, que dêste jeito a pinta: — "Meruoca é um pão de ouro que majestosamente se ergue às alturas, atraindo emanações vaporosas derramadas no espaço."

E nós, que a conhecemos desde a infância, não nos escusamos de proclamar-lhe o esplendor. Consideramo-la magnífico jardim suspenso e florido, cujo perfume suaviza o ambiente, tornando a vida mais risonha e venturosa.

Indubitàvelmente, pela beleza e pela doçura, Meruoca é uma delícia. Pode-se, muito bem, compará-la a pequena nesga rediviva do Paraíso, em que a mão da natureza se esmerou tanto quanto pôde para vê-la transformada em bendita Canaã da concórdia e do amor.

SITUAÇÃO HIDROGRÁFICA

Banham o Município diversos riachos com os nomes de Contendas, Raiz, Panacuí, Tucuns, Jatobá, Mocós, Caranguejo, Cajueiro. Santa Luzia, Cavalo Morto, Riacho Fundo, Aiuá, Córrego da Onça, Penedo, Pajeú, Frecheira, São Bento, Cachoeirinha, Mulungu, Santa Rosa, Buraco do Inferno, Urubu e Coitèzinho. Em regra, sòmente correm durante o inverno. Secam no início do verão. Apenas dois — o Contendas e o Raiz — resistem mais algum tempo.

O Contendas, em cujo leito, no ano de 1936, a Prefeitura construiu excelente barragem de pedra e cimento para reter o lençol subterrâneo, no verão, nasce na Meruoca, atravessa a fazenda do seu nome, margina a Cidade, à semelhança de cinturão de prata, desemboca no Acaraú-Mirim, após um curso de 35 quilômetros. São-lhe afluentes os riachos Mulungu, São Bento, Cajueiro, Santa Rosa, Buraco do Inferno e Cavalo Morto.

O Raiz nasce na serra da Meruoca, divide ao meio o sítio Raiz, percorre cêrca de 30 quilômetros e cai na bacia do Acaraú-Mirim. Pelo lado direito, recebe o Riacho Fundo e o Cór-

t.039646/2003

rego da Onça; pelo lado esquerdo, os riachos Tucuns, Aiuá e Panacuí.

Dentre as lagoas, destacam-se a Lagoa Grande, à margem da Estrada de Ferro, e a Tapera, na fazenda do mesmo nome, por serem as mais volumosas em água e abundantes em peixes.

Na aba da Meruoca, os olhos-d'água se sucedem dentro da mata. São mais conhecidos os denominados Jaburu, Macaco, Onça, Mocó Cego, Casa Forte, Cocochini, Pia, Pedra Preta, Oitizeiro, Sulino, Ingá, Ripardo, Mariano e Pedro de Sousa. Há, ainda, nas bases e fraldas dos contrafortes meruocanos êstes olhos-d'água — da Racha, Arataca, Capivara, São Narciso, Cerrador, Gameleira, Torém, Vassoura, Sítio Nôvo, Angelim, São Daniel, São Remígio, São Domingos, Cachoeirinha, Lajem, Gavião, Cauã, Frecheira, Pé-da-Serra, Arrependido, Xiquexique, João Alves, Grota da Furna, Grota da Oiticica, Chiqueiro da Onça, Antônio Quirino e Serragem.

Quanto a açudes, além do Acaraú-Mirim, construíram-se, no Município, uns com ajuda do D.N.O.C.S. e do Estado e outros sem auxílio algum, os particulares chamados Tucuns, Cacimbinha, Japão, Milério, Juvenal, Aguiar, Cachoeirinha, Mumbaba, Apurinã, Córrego Verde, Poço Salgado, Gameleira, Campestre, Aiuá, Morro Vermelho, Baixa Grande, Bandeira Branca, Morgado, Bertinho e Raiz.

Dentre os reservatórios e olhos-d'água em aprêço, dois merecem relêvo especial — o açude Acaraú-Mirim e o Ôlho-d'água da Racha, aquêle pelo antigo valor no Estado e êste pela particularidade que encerra.

AÇUDE ACARAÚ-MIRIM

Êsse açude fica no vale e povoado do mesmo nome, 9 quilômetros a leste de Massapê. A sua construção foi iniciada em 1901 pelo Dr. João Thomé de Saboya e Silva, então arrendatário da Estrada de Ferro de Sobral. Continuou-a o engenheiro José Aires de Sousa, que sòmente a concluiu no ano de 1907, em conseqüência de ampliação verificada no projeto. Com 4 metros de alicerce abaixo do nível do rio e revestida de pedra à montante, a barragem tem 442 metros de extensão, 18 metros de altura, 88 de largura na base e 8 de coroamento. O sangradouro, aberto na rocha, mede 40 metros de largura e 100 metros de comprimento. A tôrre de tomada d'água, feita de alvenaria, em base de cimento, liga-se à parte superior da barragem por uma ponte de ferro. A galeria de escoamento, com 1 metro e 80 centímetros de altura, atravessa a barragem e vem ter à mencionada tôrre.

O açude, quando cheio, represa 60 milhões de metros cúbicos d'água e possui uma bacia hidrográfica de 50 000 hectares. Sangrou, pela vez primeira, com a lâmina de dois metros de altura e quarenta de largura, em abril de 1910, ano de rigorosíssimo inverno. O formidável volume líquido, à semelhança de cachoeira, precipitou-se, impetuosamente, pelo vale afora, em rebôjo espumento, até lançar-se no afamado rio Acaraú, que, raivoso e veloz, o conduziu, no leito, ao enorme sorvedouro do velho mar distante.

A repercussão do estrondo, nos serrotes circunvizinhos, despertou os humildes moradores da ribeira para a inaugural pescaria coletiva em águas do grande reservatório. Munidos de landuás e tarrafas, os pescadores da redondeza afluíram ao local, dispostos a enfrentar a fúria da corrente. Por três dias, morreu peixe em quantidade assombrosa. Era o primeiro benefício oportuno e salvador que o açude Acaraú-Mirim fazia, de mão beijada, à pobreza sofredora daquela distante região cearense.

Do ano de seu término até 1920, apresentava-se como o maior reservatório do Estado e do Nordeste, depois do Cedro, em Quixadá. Tamanha lhe era a importância que o Chefe da República, Dr. Afonso Pena, no ensejo da sua vinda ao Ceará, o incluiu entre as obras de visita obrigatória, que, aliás, não foi feita por haver S. Exa. antecipado o regresso ao Rio.

O lago artificial em foco, cujas águas claras se estendem a duas léguas, refletindo, no espelho do seu vasto lençol, o azul infinito do céu, além de ser bastante piscoso e possuir, em suas margens, bonitas plantas forrageiras, propicia aos visitantes agradáveis banhos, excelentes passeios de canoa e maravilhosas visões panorâmicas. Seria magnífico ponto de atração turística, se a estrada que o liga a Massapê, dada a natureza acidentada do terreno, não fôsse de acesso difícil.

O erudito escritor Humberto de Campos, ao viajar, em ginete, de Massapê ao Mirim, sentiu e proclamou, em crônica, a escabrosidade da dita estrada. São suas estas palavras:

"O caminho de Massapê ao Mirim é apenas de 9 quilômetros. Informado de que o presidente Afonso Pena vinha visitar o açude, o govêrno do Estado mandou preparar o caminho, tirando as pedras e tapando os buracos. Quando se soube que o homem não vinha mais, logo tudo parou. O leito da estrada se achava, dali em diante, quase obstruído por grandes pedras que dificultavam a marcha dos cavalos."

Isso se passou em 1906. Já decorreu mais de meio século, e pouco se efetuou nesse tocante. Mas nem tudo está perdido. Ainda é tempo de o poder competente construir, naquele trecho, uma rodovia moderna, capaz de tornar fácil e rápido o percurso.

Mãos à obra, pois, para realização dêsse melhoramen de indiscutível utilidade pública.

ÔLHO-D'ÁGUA DA RACHA

Existe em Massapê, num serrote do sítio "Raiz", a 8 quilômetros da sede, preciosa nascente denominada "Ôlho-d'água da Racha". Fica no centro de imensa pedra ôca semelhante a uma casa granítica, cuja fenda de acesso mede 58 centímetros de largura, 2 metros de altura e 5 de comprimento. Na base da entrada, há enorme laje, em cima da qual repousa grande pedra chata à maneira de degrau e que tem um metro de altura e 5 metros de extensão. Colocou-a ali o Criador para facilitar a penetração na furna, em cujo centro se encontra espaçosa sala, onde brota a fonte e donde partem três longos corredores em rumos diferentes.

A água dêsse manancial não jorra fora da pedra através da fenda. Invade o interior do rochedo, por meio dos três ditos canais, desaparecendo misteriosamente. Os olhos-d'água da redondeza, durante as rebeldes sêcas, diminuem o volume e alguns chegam até a estancar, por completo. Êle, porém, abre exceção. Continua sempre cheio e transbordante, sem necessitar das chuvas para a própria subsistência. A sua água é saborosa e clara. De tempo em tempo, no entanto, por influência atmosférica, muda ligeiramente de gôsto. Nunca foi submetida à análise, pelo que se desconhecem os elementos da sua composição. Todavia, o homem e os animais a bebem, sem inconveniente algum.

Jamais qualquer cientista alienígena ou indígena visitou a gruta em foco para observar-lhe, de perto, o esplendor. Apenas humildes roceiros das cercanias a conhecem. Raras pessoas ousam penetrar-lhe o recinto. Incluem-se, nesse número, os caçadores novos e corajosos, que praticam tamanha aventura, armados de espingardas certeiras e seguidos de cachorros valentes.

Na furna só conseguem entrar animais ágeis e esguios, como veado, rapôsa, guaxinim, cabrito, cão e outros da mesma espécie. Avantajados em demasia, boi, cavalo, jumento e burro não lhe podem, assim, provar a água que lhes escapa à bôca. Afirma-se que, outrora, do centro da caverna, em que a corrente flui, partiam urros parecidos com roncos de onças esfaimadas. Esta lenda passou de bôca a ouvido, chegando até nós.

É mesmo misterioso o "Ôlho-d'água da Racha".

"Vejam, agora, os sábios, na escritura,
Que segredos são êstes da natura"...

ASPECTOS ADMINISTRATIVOS E POLÍTICOS

RESUMO ESCLARECEDOR

Fiel à sistemática da lusitana gente, a Constituição do Império de 24 de março de 1824 não mencionou, no seu texto, o Chefe do Executivo Municipal. Era-lhe, de todo, estranha a figura isolada do administrador mirim.

Em face dessa falha constitucional, a Monarquia brasileira só conheceu a Câmara Municipal, que governava a Comuna, através do Presidente, acumulando as funções legislativas e executivas. Semelhante praxe deveras curiosa perdurou no País, até 15 de novembro de 1889, quando se proclamou a República e veio a lume a Constituição Federal de 24 de fevereiro de 1891, que traçou as normas orientadoras do nôvo regime.

O Estatuto Político Cearense, promulgado em 12 de julho de 1892, no art. 95, criou o cargo de Intendente na sede dos Municípios e de tantos subintendentes quantos fôssem os Distritos constituídos. Êsse Intendente, que a princípio era eleito por um ano pela Câmara, tornou-se depois de livre nomeação do Presidente do Estado, pela Lei n.º 764, de 12 de agôsto de 1904. O Intendente permaneceu com êsse nome até 1914, quando, por fôrça da Lei n.º 1 190, de 5 de agôsto dêsse ano, passou a chamar-se Prefeito, continuando a ser nomeado pelo Govêrno estadual.

A Constituição cearense de 1925, democrática por excelência, no artigo 89, tornou obrigatória a eleição do Prefeito interiorano, bienalmente, por sufrágio direto. Tal dispositivo, contudo, não era auto-executável. Precisava de diploma legal que o disciplinasse. Daí a publicação da Lei eleitoral n.º 2 367 de 31 de julho de 1926, sob cujas diretrizes se realizou, em 15 de novembro dêsse ano, a primeira eleição cearense para Prefeito, observando-se o nôvo sistema do voto secreto.

No dia 15 de novembro de 1928, a par da antiga e costumeira eleição para a Câmara Municipal, ocorreu, no Ceará, a segunda eleição direta de Prefeito correspondente ao biênio 1929 a 1930.

Antes de terminado o mandato das autoridades municipais eleitas e empossadas, irrompeu, no Brasil, a 3 de outubro de 1930, a revolução chefiada pelo Dr. Getúlio Vargas, que, vitorioso, assumiu, como Ditador, a Chefia Suprema do País, a 24 de outubro do mesmo ano.

Nomeado Interventor cearense, o Dr. Fernandes Távora baixou o Decreto n.º 6, de 16 de outubro de 1930, dissolvendo as Câmaras Municipais, destituindo os Prefeitos eleitos no regime decaído, e nomeando, em substituição a êstes, pessoas da sua confiança. Novos Interventores surgiram em cena e, conseqüentemente, novos Prefeitos na hinterlândia, sorridentes e eufóricos, deram sinal da sua graça. Essa fase discricionária perdurou, no Brasil, até 16 de julho de 1934, data da promulgação da nova Constituição Federal, restauradora da Democracia.

De acôrdo com as normas orientadoras vindas a lume, instalou-se a Assembléia Legislativa do Ceará, que, em maio de 1935, elegeu o Dr. Menezes Pimentel governador e aprovou a Carta Política do Estado em 24 de setembro de 1935. Uma vez empossado, demitiu o Dr. Pimentel todos os Prefeitos do interior sem distinção de côr política.

Em 29 de março de 1936, houve eleição para a Câmara Municipal e Prefeito por um quatriênio. A coisa pública corria, assim, com aparência de normalidade. Eis senão quando o presidente Vargas, em 10 de novembro de 1937, dá o golpe de Estado, transformando-se, outra vez, em Ditador. O Dr. Menezes Pimentel, por lhe merecer confiança, continuou à frente do Govêrno, na condição de Interventor. Sem perda de tempo, por ato de 26 de novembro de 1937, demitiu os Prefeitos adversários, conservando nos cargos os correligionários.

Dirigiu o prof. Menezes Pimentel os destinos do Ceará, nessa nova fase, de 11 de novembro de 1937 a 27 de outubro de 1945, data em que foi afastado pelo Chefe da Nação, por motivo até hoje desconhecido no seio dos políticos e do povo. Poucos dias após a saída do Dr. Pimentel, foi Getúlio Vargas deposto do Poder.

Mudou-se, por completo, o cenário da política brasileira. Novos Presidentes, novos Interventores e novos Prefeitos passaram a atuar nos diferentes cargos. De três em três meses, surgia um Presidente no "Palácio das Águias", um Interventor no "Palácio da Luz" e outros Prefeitos nas sedes municipais. Parecia um jôgo de empurra, para não dizer gozada comédia política, com o aparecimento sucessivo de diferentes figurantes no palco. Essa situação irregular e caótica continuou por quase um decênio. Só desapareceu com o advento da Carta Magna de 18 de setembro de 1946, que colocou o País dentro da legalidade.

Promulgada a Constituição Cearense de 23 de junho de 1947, efetuaram-se, em 7 de dezembro dêsse ano, eleições para Vereadores e Prefeitos. Outros pleitos, de quatro em quatro anos, se lhes seguiram, no devido tempo.

Esta narrativa tem por escopo orientar o leitor na formação e continuidade da máquina administrativa de Massapê explicando-lhe o motivo da variação no nome, no período de gestão e no modo de escolha dos Chefes do Executivo Municipal, no correr do tempo.

INAUGURAÇÃO DO MUNICÍPIO

Massapê nasceu e batizou-se no albor da República sob a égide da Constituição Estadual de 12 de julho de 1892, a cujos preceitos inovadores obedeceu a sua estrutura.

De acôrdo com a Lei n.º 33, de 10 de novembro dêsse ano, disciplinadora da organização municipal, efetuou-se em janeiro de 1898 eleição para a sua primeira Câmara. No dia 5 de fevereiro de 1898, entre discursos, música e foguetório, instalou-se o Município, com o juramento e posse solenes dos membros da Câmara, votada pelo povo e a investidura do primeiro Intendente, eleito por um ano, mediante voto dos Vereadores. A escolha do dirigente da Comuna recaiu na pessoa de João Adeodato Ferreira, que a governou de 5 de fevereiro de 1898 a 5 de fevereiro de 1899.

Presidiu à sessão inaugural do Município, segundo é sabido, o Vice-Presidente da Câmara de Santana, Sr. José Ferreira Maria de Sousa Brandão, rábula hábil e inteligentíssimo, vulgarmente conhecido por Calabadaia, seu nome de guerra respeitado em tôda ribeira. Serviu de Secretário, nesse ato, o Sr. José Joaquim Carneiro Cavalcante, homem às direitas, genitor do ex-Prefeito Dermeval Carneiro e irmão do comerciante Oscar Carneiro. Era conhecido, na intimidade, por Padócio, antonomásia que lhe adveio da infância e o acompanhou até a morte, ocorrida em 15-12-1899.

À primeira Câmara, várias outras se lhe seguiram devidamente eleitas, de quatro em quatro anos. Após o primeiro Intendente, novos Intendentes receberam os votos da Câmara, no lapso de 1899 a 1904. Foram eleitos, nesse interregno, José Amâncio de Albuquerque, que logrou reeleição, e Francisco Olegário Carneiro. Os Intendentes restantes, de 1904 a 1914, foram nomeados pelo Presidente do Estado.

LEGISLADORES-MIRINS

Vale mencionar, neste ensejo, os nomes dos Vereadores da Câmara estreante e que são os autores das normas legislativas disciplinadoras da vida do Município recém-nato. Constituíram-na os seguintes cidadãos: João Tibério Arruda, José Firmo Aguiar, Antônio Descartes Carneiro, Francisco Henrique Araújo, Antônio Germiniano de Aguiar, Esmerino Gomes de Sousa, Joaquim Caetano e Ursulino Ferreira de Paula.

No correr do tempo, em Câmaras sucessivas, outras pessoas gradas participaram do Legislativo Municipal. Salientam-se, dentre elas, pela eficiência e operosidade, Francisco Xavier Dourado, Francisco Carneiro da Ponte, Antônio Lira Aguiar, Manuel Rufino Furtado, José Edésio Carneiro de Albuquerque, Francisco Lira Pontes, Gabriel Aguiar, Manuel Rodrigues de Oliveira, Miguel Milério de Vasconcelos, João Mamede de Sousa, Antônio Atibones Ximenes, Manuel Dias de Carvalho, Manuel Ricardo Pinto, João Milton Car-

neiro, Francisco Henrique de Araújo, Clóvis Albuquerque, Cesário Ferreira Apoliano, Joaquim Dias de Carvalho, Alfredo Ribeiro Campos, Antônio Sérgio Andrade, José Valdemar Costa (atual Secretário da Prefeitura), Manuel Caubi Aguiar, Coriolano Gomes da Frota, Vicente Lira Cavalcante, Silvino Ferreira Brito, Francisco das Chagas Albuquerque, Raimundo Viana, Raimundo Enéas da Silva, Paulo Viana e Quintino Alves Pessoa.

A atual Câmara Municipal, eleita para o quatriênio de 1967 a 1971, compõe-se dos seguintes Vereadores: Raimundo Machado da Ponte — Presidente, Manuel Ferreira Campos — Secretário, Antônio Frutuoso Filho, Francisco Jonas de Albuquerque, Gerardo Emiliano Mendes, José Peregrino Sousa, Gerardo Filomeno Oliveira, João Cajàzeiras Sobrinho e João Marques de Araújo.

INTENDENTES E PREFEITOS

Impõe-se, por igual, a indicação dos dirigentes do Município, a partir de 1898 até a presente data, já na qualidade de Intendentes eleitos e nomeados, já na condição de Prefeitos nomeados e eleitos. Ei-los, em ordem cronológica, com os respectivos modo de provimento e tempo de permanência no cargo.

INTENDENTES

	Maneira de provimento	Exercício no cargo
1 — João Adeodato Ferreira	eleito	1898 a 1899
2 — José Amâncio de Albuquerque	eleito	1900 a 1902
3 — Francisco Olegário Carneiro	eleito	1903
4 — Diogo Lopes de Aguiar	nomeado	1904 a 1906
5 — João Arruda	nomeado	1907 a 1908
6 — José Amâncio de Albuquerque	nomeado	1909 a 1910
7 — Moisés Rocha	nomeado	1911
8 — José Paulino da Costa	nomeado	1912 a 1914

PREFEITOS

1 — João Arruda	nomeado	1915 a 1918
2 — Joaquim Mariano de Sousa	nomeado	1919
3 — João Pontes	nomeado	1920 a 1924
4 — José Raimundo Pontes	nomeado	1925 a 1926
5 — João Pontes	eleito (bién.)	1927 a 1928
6 — Manuel Dias de Carvalho	P. Câmara ex.	20-8-927 a 30-12-927
7 — Manuel Ricardo Pinto	P Câmara ex.	14-8-928 a 1-12-928
8 — Francisco Pessoa de Andrade	eleito	1-12-928 a 16-10-930
9 — Joaquim Nogueira Borges	nomeado	18-10-930 a 3-6-931
10 — Francisco Cavalcante Rocha	nomeado	3-6-931 a 23-5-932
11 — Júlio Bezerra de Farias	nomeado	30-5-932 a 30-12-932
12 — Dr. Canamari Ribeiro	nomeado	9-1-933 a 10-7-934
13 — Regino Aguiar	nomeado	3-7-934 a 15-9-934
14 — Vilebaldo Frota Aguiar	nomeado	17-9-934 a 2-6-935
15 — João Cavalcante Lira Rios	nomeado	17-6-935 a 16-6-936
16 — Dermeval Carneiro Vasconcelos	eleito	16-6-936 a 29-11-937
17 — Dermeval Carneiro Vasconcelos	nomeado	29-11-937 a 20-6-945
18 — Antoni Frota Aguiar	nomeado	25-6-945 a 16-11-945
19 — Amadeu Albuquerque	nomeado	17-11-945 a 14-3-946
20 — Dr. João Coraci Vasconcelos	nomeado	15-3-946 a 9-12-946
21 — Miguel Pontes	nomeado	16-12-946 a 8-3-947
22 — Dr. Arnaldo Sousa Brandão	nomeado	8-3-947 a 6-1-948
23 — José Carneiro de Araújo	eleito	6-1-948 a 1-7-949
24 — Sérgio Andrade	P. Câmara ex.	1-7-949 a 31-10-950
José Carneiro de Araújo	reassumiu	1-11-950 a 1-2-951
25 — Antoni Frota Aguiar	eleito	1-2-951 a 25-3-955
26 — Dr. Aurimar Pontes	eleito	25-3-955 a 25-3-959
27 — Francisco Chagas Albuquerque	eleito	25-3-959 a 25-3-963
28 — Quintino Alves Pessoa	Vice-Pref. ex.	3-9-962 a 3-10-962
29 — Maria Luísa Pontes	eleita	25-3-963 a 7-8-964
30 — João Alberto Siqueira Campos	Vice-Pref. ex.	7-8-964 a 25-3-967
31 — Francisco Lopes de Aguiar	eleito (quad.)	25-3-967 a 25-3-971

(É o atual)

NOTA: Entre as pessoas citadas na relação supra devem ainda ser incluídas Francisco Carneiro da Ponte, João Milton Carneiro e Coriolano Gomes Frota, os quais exerceram, também, a Prefeitura, em pequeno período, como substitutos legais, respectivamente, dos prefeitos João Arruda, Francisco Pessoa de Andrade e Aurimar Pontes.

Portador de apreciável conhecimento contábil e lingüístico, Rubens Mendes Carneiro exerceu, durante anos, as funções de Secretário da Prefeitura Municipal.

DIVISÃO DISTRITAL

Criado pela Lei n.º 398, de 25 de setembro de 1897 e instalado a 5 de fevereiro de 1898, o Município de Massapê, no início, se compunha apenas de três Distritos — o da sede e os de Acaraú-Mirim e Remédios. No correr do tempo, em virtude da Lei n.º 1 858, de 9-9-1921, da Lei n.º 2 755, de 9-11-1929, e do Decreto n.º 193, de 20 de maio de 1931, passaram a pertencer-lhe, também, os Distritos de Pitombeiras, São José dos Alcântaras e Palma.

Através do Decreto n.º 129, de 30-9-1935, deu-se a desanexação da Palma, que voltou à sua antiga situação de Comuna autônoma. A seu turno, os Distritos de Acaraú-Mirim, Pitombeiras e São José dos Alcântaras, ex vi do Decreto Lei n.º 448, de 20 de dezembro de 1938, receberam, respectivamente, os nomes de Mirim, Senador Sá e Alcântaras. Posteriormente, o Decreto-Lei n.º 1 114, de 30 de novembro de 1943, mudou o nome de Mirim para Ipaguaçu e o de Remédios para Tuína.

A Lei n.º 1 153, de 22 de novembro de 1951, que fixou o quadro territorial cearense, com vigência no qüinqüênio de 1949-1953, desmembrou o Distrito de Alcântaras, (ex-São José dos Alcântaras) para Meruoca, extinguiu o Distrito de Ipaguaçu (ex-Acaraú-Mirim e ex-Mirim), cuja área passou a integrar o Distrito-sede e criou o de Padre Linhares no povoado de São Luís.

Pela Lei n.º 3 762, de 23 de agôsto de 1957, o Distrito de Senador Sá, que era o maior e mais populoso, desmembrou-se, tornando-se Município independente. Por sua vez, a Lei n.º 3 923, de 25 de novembro de 1957, criou o Distrito de Aiuá e a Lei n.º 6 802, de 25 de novembro de 1963, elevou o povoado de Mumbaba a Distrito.

Nos dias atuais, Massapê dispõe do Distrito-sede e dos pequenos Distritos de Tuína, Padre Linhares, Aiuá e Mumbaba, que pesam pouquíssimo na balança econômica municipal. A transformação das povoações de São Luís, Aiuá e Mumbaba em Distritos não compensou a grande perda territorial e populacional sofrida com a desanexação dos Distritos em aprêço. Continuou o Município desfalcado em mais de dois têrços da sua superfície, o que lhe acarretou considerável

prejuízo no setor público e privado. É deveras lamentável que tal haja sucedido.

Queria Deus os atuais Distritos também não exijam, breve, a independência política. Caso se concretize semelhante absurdo, que se afigura viável, Massapê ficará reduzido, tão-só, a zonas urbana e suburbana.

O Tempora! O Mores!

POLÍTICA, PARTIDOS E CHEFES

A verdadeira política, "filha da moral e da razão", sincera e reta, segundo o conceito clássico, é a arte de bem dirigir a coisa pública. Paira muito acima da cobiça individual e da ganância partidária num plano superior, onde impera, altaneiro, o interêsse coletivo.

Tal, porém, sòmente se verifica nos centros adiantados e cultos. Nas regiões em estado embrionário de civilização, a política, longe de ser a mola dinâmica do progresso e do bem-estar social, é a mãe fecunda da rotina e da discórdia. Rui, num anátema de fogo, qualificou-a, pejorativamente, de politiquice, politicagem, politicalha e politicorréia... Jocoso rábula matuto, em linguagem causticante e realista, chamou-lhe — "megera de tamanco, contaminada de doença mundana, e cujo contato se deve evitar por higiene moral".

No desditoso Nordeste, atrasado e paupérrimo, em cujo seio dominou infrene o cangaceirismo protegido pelos sobas aldeães, senhores de baraço e cutelo, a política malsã, prenhe de fraudes e artifícios, durante anos, constituiu forte entrave ao desenvolvimento da região. Armados até os dentes, os grupos volantes e sinistros de Antônio Silvino, Lampião e outros que tais, unidos a certos chefetes sem escrúpulos, garantiam-lhes a vitória nas urnas, em troca de favores indecorosos.

O partido de cima, dono absoluto da situação governamental, tudo fazia e desfazia, a seu bel-prazer. O partido de baixo, coitado, sofria, em silêncio, as agruras da derrota, as mais das vêzes, injusta. Não tinha direito a nada. Negava-se-lhe pão, água e até a liberdade de viver pôsto em sossêgo... O lema do chefete nas graças do govêrno não era outro senão

êste — "amparar o correligionário e aniquilar o adversário". Teatrólogo de talento invejável, Carlos Câmara, ao descrever, na peça "Zé Fidelis", o panorama político matuto, salientou tal particularidade nesta frase famosa e burlesca: "Para os amigos proteção, para os inimigos cadeião"... Êsse **cadeião** usado no aumentativo, por fôrça de rima, não passa de infecto cárcere sertanejo, primeiro estágio para a fatal cidade dos mortos...

Em Massapê, cujo povo sempre possuiu índole pacífica e ordeira, jamais predominou o arrôcho sufocante e tenaz peculiar a muitas Cidades nordestinas. Os chefes locais nunca acoitaram capangas e facínoras como meio de perseguição aos adversários. Nunca viveram em constante teiró e eterna intriga. Faziam, também, politicagem, não resta dúvida, mas de modo sereno e humano. Quando donos da situação, não prejudicavam, costumeiramente, a honra, a vida e a propriedade dos derrotados. Apenas lhes negavam favores de caráter partidário e lhes não davam apoio no setor administrativo, o que impedia, de certo modo, a solução de determinados problemas urbanos, carecidos, para tanto, de união de vista e ajuda recíproca.

No primeiro quartel da centùria fluente, existiam no Ceará dois partidos políticos: o Conservador, conhecido por "Marreta", e o Democrata, posteriormente, chamado "Rabelista". Chefiaram o primeiro, em Massapê, em fases sucessivas, José Amâncio de Albuquerque, João Arruda e Joaquim Mariano de Sousa, três cidadãos de bem a tôda prova. Filhos da terra, conheciam-lhe a fundo as necessidades e muito trabalharam em seu benefício.

O cel. João Arruda, nascido a 11-7-1877, foi o que mais demorou na liderança municipal do partido, constituindo-se, por isso, na segunda década da vida da Comuna, o pioneiro das suas iniciativas civilizadoras. Deve-se-lhe a elevação da Vila a Cidade, instalada em 5 de fevereiro de 1918. Obediente à orientação do comendador Nogueira Acioly, jamais lhe negara fidelidade. A seu lado, juntamente com José Amâncio de Albuquerque, sempre estêve na fase áurea do mando e com êle caiu na hora amarga da deposição imposta pela falange revolucionária rabelista. Mudou-se para Fortaleza, onde veio a falecer em 29 de março de 1949.

Dirigiram o segundo partido José Paulino da Costa, Miguel Arcanjo de Aguiar e João Pontes.

Procedente de Santana, sua terra, na qual fôra Juiz de Paz e cujo Município representou na Assembléia Provinciana, na legislatura monárquica de 1888 a 1889, José Paulino da Costa, fixado em Massapê, assumiu a Chefia do Partido rabelista e exerceu o cargo de Intendente. Prosista e folgazão, sempre vivia de bom humor. Destemido e arrojado, três dias antes da deposição do presidente Nogueira Acioly, tomou as posições em Massapê, cuja Intendência assumiu a 29 de fevereiro de 1912. A morte surpreendeu-o em 3 de junho de 1928, na idade de 83 anos.

Natural da Palma, onde era comerciante, Miguel Arcanjo de Aguiar chegou a Massapê no mês de maio de 1898. Em 1900 foi ao Amazonas, donde regressou em 1903, passando a residir na fazenda "Raiz", a uma légua da sede do Município. Dono de regular fortuna, aclamaram-no logo chefe local do Partido Democrata. Homem condescendente e generoso, não distinguia o amigo do inimigo político. Tratava-os no mesmo pé de igualdade. Nos dias de eleição, em sua mesa farta, os votantes se serviam à vontade e os mais ladinos almoçavam duas e três vezes!... Evidentemente, com tamanha abnegação, o cel. Miguel Cipriano, como era mais conhecido, não nascera dotado de bossa política, o que sucede à sua numerosa descendência.

A política, como é sabido, requer, da parte do seu dirigente, agilidade, arteirice e astúcia. Avançado em anos e convencido de que lhe minguavam tais dotes, o cel. Miguel Arcanjo de Aguiar deliberou transitar a chefia do partido a João Pontes, homem nôvo e dotado de qualidades positivas para o desempenho do encargo de difícil manobra. Faleceu Miguel Arcanjo de Aguiar em 13 de novembro de 1933, aos 89 anos de idade.

Investido na função e de posse do leme, começou João Pontes, nascido em 8-7-1886, a dirigir o barco, com cautela, conseguindo levá-lo a bom têrmo. Permaneceu nesse pôsto até a sua morte, ocorrida a 8 de outubro de 1940, em conseqüência de um desastre de automóvel na Estrada Sobral-Fortaleza. Prestou a Massapê assinalada messe de serviço, quer no setor mercantil, quer como administrador e parlamentar.

Com o advento da revolução de 1930, os ditos partidos políticos estaduais desapareceram e 4 anos depois vieram à tona outros denominados União Democrática Nacional, (U.D.N.), Partido Social Democrático, (P.S.D.), Liga Eleitoral Católica, (L.E.C.), Partido Social Progressista, (P.S.P.), Partido de Represenação Popular, (P.R.P.), e Partido Comunista do Brasil, (P.C.B.).

Vilebaldo Frota Aguiar, em 1912, integrou a "Divisão do Norte", que defendia, então, a causa rabelista em efervescência vulcânica. Posteriormente, ingressou nas hostes do Partido Democrata, chefiado por Moreira da Rocha. Quando ocorreu a organização dos partidos, em 1934, se filiou à União Democrática Nacional, corrente saboísta, assumindo-lhe, em Massapê, a direção. Passou mais de um lustro nesse pôsto.

Falecido João Pontes, Osiris Pontes, seu filho, sucedeu-lhe na chefia política. Apesar de jovem, se houve no cargo com aprumo. Maneiroso e cordato, herdou do berço os atributos necessários ao exercício desse mister.

Jarbas Aguiar, falecido em dezembro de 1966, liderou, por seu turno, pequena facção dissidente da U.D.N.

A revolução triunfante de 31 de março de 1964 depôs o presidente João Goulart e extinguiu todos os partidos nacionais, acabando, assim, de vez, com as tradicionais figuras dos chefes políticos, que se transformaram em coisas que o tempo levou...

Em lugar dêsses entes, que tudo, pessoalmente, resolviam nas esferas federal, estadual e municipal, duas novas agremiações passaram a orientar e decidir os destinos do Brasil: Aliança Renovadora Nacional (A.R.E.N.A.), e o Movimento Democrático Brasileiro (M.D.B.). Aquela congrega, em seu seio, os partidários legítimos e adesistas espertos da revolução vitoriosa, e êste reúne, em suas fileiras, os oposicionistas de fibra e os desgostosos inconsoláveis. Ambas essas agremiações ora estão em plena atividades com representantes nos Podêres Executivos e Legislativos brasileiros.

Resta, agora, esperar o resultado das suas promessas. Tempo a tempo.

REPRESENTANTES DO POVO

Massapê, se bem seja um dos menores Municípios cearenses, todavia é o que, no regime republicano, maior número de filhos mandou à Assembléia Legislativa do Estado. Teve a honra de ser-lhe o primeiro representante, na Casa do Povo, o Chefe Democrata João Pontes, que atuou nos anos de 1929 a 1930 e 1935 a 1937. Seguiram-no, nessa função eletiva, os seus filhos Osiris Pontes, José Pontes Neto, constituintes de 1947 e deputados de 1954 a 1958, bem como Aurimar Pontes e Vilmar Pontes, que se elegeram em 1958.

Por sua vez, também tomaram assento na Assembléia Vilebaldo Frota Aguiar, Joaquim Morizé de Andrade, Francisco Vasconcelos Arruda, Antônio de Melo Arruda, José Firmo Aguiar e Francisco das Chagas Albuquerque, suplente em exercício.

Presentemente, pontificam no Legislativo Estadual — Armando Aguiar, João Batista Aguiar e José Firmo Aguiar.

Osiris Pontes, em 1958, conquistou diploma de deputado federal, posição em que hoje se acha, como representante do M.D.B.

Fora do Ceará, alguns conterrâneos abraçaram a carreira política. Teve ingresso na Câmara Baixa do País, como representante do antigo Distrito Federal, Anésio Frota Aguiar, que ora é deputado estadual pela Guanabara. Projetou-se no Rio, pela bravura e honestidade à frente da Delegacia de Polícia, e, sobretudo, como vibrante orador nos comícios políticos ao lado de Maurício de Lacerda e outros tribunos consagrados no País.

Em Goiás, o Dr. Antônio Raimundo Gomes da Frota, médico de nomeada, elegeu-se deputado estadual em duas legislaturas seguidas.

No Amazonas, representa o povo na Assembléia José Austregésilo Medeiros Mendes, esculápio jovem e verboso. Possui excelentes dotes oratórios.

Na Câmara Municipal de Fortaleza, de 10 anos a esta parte, se há feito sentir a presença de massapeenses. Na atual legislatura, ali atuam, em posição de destaque, os vereadores

Ademar Arruda, José Ribamar de Vasconcelos, José Raimundo Linhares e Fausto Aguiar Arruda.

Todos os citados legisladores, quer no Ceará, quer nas outras regiões, agiram e agem, com eficiência, nas comissões técnicas e no plenário, em defesa dos interêsses coletivos.

ASPECTOS URBANOS

FISIONOMIA DA CIDADE

Massapê, sede do Município, erigido à categoria de Cidade em 27 de agôsto de 1917 e instalado em 5 de fevereiro de 1918, fica no sopé da Meruoca, à margem esquerda do riacho Contendas, que o circunda de oeste a leste e na adjacência do açude Acaraú-Mirim, cuja represa, no inverno, lhe banha os arredores. Dista da Capital 258 quilômetros pela ferrovia e 256 pela rodovia, tem 76 metros de altitude e apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 3° 32' de latitude S e 40° 20' de longitude W. Gr.

Possui a Cidade 1 320 prédios distribuídos por 42 logradouros. As ruas, na maioria, são amplas e calçadas com pedras irregulares. A praça central pavimentada a paralelepípedo oferece agradável aspecto moderno. A arborização das avenidas existentes em duas praças é simétrica, verdoenga e tratada a capricho. Deixa magnífica impressão no espírito dos visitantes. No centro de tais passeios, vêem-se grandes tanques d'água, à guisa de lagos, em cuja superfície casais de patos, gansos e marrecos nadam, serenamente, o dia inteiro, em arrulnos amorosos, que lhes transformam a vida em céu aberto.

A urbe é iluminada à luz elétrica, abastecida d'água encanada oriunda de poços feitos no álveo do riacho e dispõe de pequena rêde telefônica com 40 aparelhos, inaugurada oficialmente em 5-2-1968. Há, no centro, aprazível clube moderno, um hotel dotado de excelentes acomodações e um

cinema de regular confôrto. As casas residenciais apresentam boa aparência. Dentre os prédios públicos, destacam-se a Estação da Estrada de Ferro, a Casa da Câmara, a Agência Postal Telegráfica, o Grupo Escolar, as Escolas Reunidas, a Cadeia Pública, o Centro de Saúde e outros.

Existem, na sede, dois templos católicos: a Matriz, ora em reconstrução, e a Capela de São Francisco das Chagas, na praça que lhe recebeu o nome. Em frente à Matriz ergue-se a "Coluna da Hora", erigida pela Municipalidade em 1940. No seu ápice um relógio, com 4 mostradores de 1 metro e 10 centímetros de diâmetro, indiferente a tudo, marca a marcha do tempo. Ao lado da coluna, nota-se a herma de João Pontes, construída a 8-10-1941. Êsse filho da terra se projetou no comércio e na política. Foi Prefeito do Município e o seu primeiro representante na Assembléia Legislativa.

Na Praça São Francisco, vê-se elevada coluna de cimento, em cujo tôpo aparece a estátua de "Chica Pinote", heroína açoitada pelo destino. Esculpiu-a Francisco Lopes, em setembro de 1930. A idéia da homenagem partiu do povo de que era amada e a que pertencia pelo sangue e pelo coração. À pequena distância dêsse monumento, lobriga-se a bonita Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, comemorativa das Sagradas Missões, pregadas em julho de 1939. Feita com pedra tôsca, imitando criação da própria natureza, a obra revela ao público o cintilante talento do artista que a executou.

Na Praça da Estação, outro busto chama a atenção dos visitantes. É a efígie, em granito, do cel. João Arruda, antigo chefe conservador do Município e um dos pioneiros do progresso da Cidade.

Três farmácias, uma Cooperativa de Crédito, dez lojas, cinco bares, quatro boutiques, várias mercearias, duas padarias, uma torrificadora atendem às necessidades da população. Duas feiras semanais, às quartas e sábados, atraem à Cidade roceiros serranos e sertanejos, que expõem à venda, ao ar livre, gêneros de tôda espécie, frutas, produtos de palha e utensílios de louças de barro como potes, jarras, panelas, alguidares, quartinhas, etc.

Existem, na Cidade, algumas associações de caráter civil. Merecem relêvo a "União dos Empregados do Comércio", fundada em 9-7-1933, o "Centro Social Massapeense", fundado

em 15-12-1960 e instalado em 21-1-1962, o "Centro Juvenil Massapeense", fundado em 19-3-1962, o "Clube Operário de Massapê" e a "Associação Pró-Melhoramento Rural". Três amplificadoras, em pontos distintos, diàriamente, realizam programas de gravação e estúdio.

MERCADO

Sito no centro da Cidade, o Mercado forma um quadrilátero de prédios iguais no tamanho e no aspecto. É obra de iniciativa privada e foi construída por volta de 1899. Possui área interna, onde a Prefeitura levantou, há um lustro, moderno barracão, que dispõe de bancas e compartimentos revestidos de azulejo e reservados à venda de carne, peixe e caça.

Nos alpendres laterais, as frutas e verduras são expostas à freguesia.

É farto e deixa boa impressão a quem o procura.

MATADOURO

O Matadouro substituiu o arcaico e anti-higiênico Curral do Açougue, levantado em 1899, à margem da estrada, que ora demanda a represa do Mirim. Apesar de construído há um decênio, o atual Matadouro longe se acha de atender à exigência moderna. Nêle o gado ainda é abatido à moda antiga, sem a observância dos recursos técnicos usados nas grandes Cidades do País.

Urge a edificação de obra mais aperfeiçoada.

ATRATIVOS NATURAIS

A paisagem física de Massapê é, sem a menor dúvida, fascinadora. Na quadra invernosa, ela passa por admirável metamorfose de rara beleza. Transfigura-se tôda como por encanto, oferecendo, aos nativos e aos estranhos, panoramas deslumbrantes.

Cobertos de relvas rasteiras, osculadas pela brisa matutina, as várzeas e campos circunvizinhos assemelham-se a imensos tapêtes verdes, que se perdem de vista e atraem as atenções gerais.

Na extensão de um légua, a planície do "Campo Grande" deslumbra os viajores, dando-lhes a impressão de exuberante pampa sulista em pleno vigor primaveril.

Os riachos próximos, em cuja corrente os peixes miúdos nadam em cardume, fluem nos respectivos leitos em busca do açude Acaraú-Mirim, murmurando misteriosamente uma canção misteriosa. Suas águas limpas proporcionam aos ribeirinhos e turistas, à sombra de frondosas cajàzeiras, refrescantes banhos que purificam o corpo e revigoram o espírito.

As manhãs claras despertam em festa e alacridade, saudadas pelas graúnas, corrupiões, canários, galos-de-campina e bem-te-vis, músicos alados da Natureza, que, do alto das carnaubeiras, enchem o ambiente de sonoridade com os gorjeios maviosos da sua orquestra enfeitiçante.

Massapê, em verdade, na fase hibernal, ostenta aspectos magníficos. Tudo sente os efeitos miraculosos das chuvas abençoadas. A própria paisagem urbanística não lhes escapa alcance. A alma encantadora das ruas anima-se e palpita dominada de forte entusiasmo. Ao contato com a linfa do Céu, que lhes molha o telhado, descendo, em doce rumorejo, pelas biqueiras, as casas residenciais tomam nova e aprazível fisionomia.

Por sua vez, o clima fica mais salubre, o ar, mais puro e o sossêgo, mais bucólico.

Sorridente e eufórica, a Cidade transmuda-se em delicioso refúgio, perfeito sanatório natural ali colocado pelo Criador para recuperar as humanas energias gastas na luta pela vida e prevenir a saúde dos seus habitantes, cuja longeva existência, na crosta terrestre, varia em média de 80 a 90 anos! Os macróbios contam-se, às centenas, na Comuna. E passeiam erectos pelas artérias, ora em ginetes, ora a pé, como se fôssem efebos opulentos de seiva e sequiosos de amor vadio em noites friorentas...

Em virtude de tamanhos atrativos, Massapê se torna recanto digno de ser visitado por gregos e troianos. Impõe-se, assim, como medida aconselhável, que pessoas amigas, anualmente, o procurem, de abril a junho, delicioso período das vacas gordas, dos bois cevados, dos peixes d'água doce, das avoantes de bando, das marrecas ariscas, das nambus espantadiças, dos queijos de coalho, dos leites mungidos, do milho verde, do feijão nôvo, dos banhos no rio, das pescarias e das caçadas.

Ao conhecê-la, em maio de 1935, Joaquim Leão, festejado poeta paraense, proclamou a verdade neste expressivo sonêto, retrato fidelíssimo dos atributos positivos da formosa urbe sertaneja, que resplandece encravada entre a serra da Meruoca e o serrote do Madeira.

Filha dileta dos sertões do Norte,
Terra mimosa, hospitaleira e boa,
A fama do teu nome não destoa
Da beleza selvagem do teu porte.

Esbeltos carnaubais doou-te a sorte,
Cinge-te o colo o campo onde revoa
A passarada que em seu trino entoa
A ti um preito de afeição mais forte.

Tuas ruas espaçosas e alinhadas,
Tuas praças risonhas e animadas,
A Meruoca que a teus pés se inclina,

O teu povo gentil e delicado,
Tudo isto forma um todo aprimorado,
Com um certo ar que ao viajor fascina...

REPARTIÇÕES PÚBLICAS E DIRIGENTES

Existem, em Massapê, algumas repartições públicas que prestam relevantes serviços à população. Destacam-se as seguintes:

ESTAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO

Essa repartição começou a funcionar em 31 de dezembro de 1881. O seu primeiro agente foi Ursulino Ferreira de Paula, que a dirigiu de 1882 a 1898. Vejam-se os demais agentes, em ordem sucessiva: José Gaudêncio Menescal (1899 a 1910); Antônio Teófilo Dias (1911 a 1924); Prisco Linhares, José Medeiros, Francisco Torquato da Silva, Antônio Tavares, Raimundo Silveira, Alfredo Sales, Raimundo Silveira (novamente), Francisco Paiva Lima e Osmar Viana Lima.

O primeiro telegrafista chamava-se José de Melo e manejou o **morse** de 1882 até 1928, sem afastar-se um dia. Era exemplo de amor ao cargo. Sucedeu-lhe o filho, Piragibe de Melo. Outros, em seguida, ocuparam, também, o pôsto, mas estiveram nêle menos tempo.

COLETORIA ESTADUAL

Criada em junho de 1899, essa Coletoria entrou em atividade no mesmo ano. Desde o seu início vem funcionando em quarto alugado, sem o devido confôrto. Já é tempo de o govêrno dotar o Município de prédio condigno para a sede dêsse setor fiscal, que tanta renda lhe propicia, anualmente.

Vão, adiante, em ordem cronológica, os Exatores e respectivos Escrivães, a partir da instalação até os dias correntes.

1) **Coletor** — José Adeodato Ferreira, (de 1899 a 1900), **Escrivão** — Francisco Chagas Arruda; 2) **Coletor** — José Raimundo Costa Carneiro, (de 1901 a 1911), **Escrivão** — Francisco Chagas Arruda; 3) **Coletor** — Ulisses Olímpio de Medeiros, (de 1912 a 1915), **Escrivão** — Anselmo Andrade; 4) **Coletor** — José Amâncio de Albuquerque, (de 1916 a 1919), **Escrivão** — José Frederico de Andrade; 5) **Coletor** — Ulisses Olímpio de Medeiros, (de 1920 a 1928), **Escrivão** — Francisco Cardoso Ferreira Lima; 6) **Coletor** — Pergentino Aguiar, (de 2-3-1929 a 17-11-1930), **Escrivão** — Francisco Cardoso Ferreira Lima, (até 17-11-1930); 7) **Coletor** — Amadeu Albuquerque, (de 25-11-1930 a 11-6-1935), **Escrivão** — José Frederico de Andrade, (de 16-11-1930 a 11-6-1935); 8) **Coletor** — Pergentino Aguiar, (de 11-6-1935 a 28-2-1945), **Escrivão** — Antônio Alves Vasconcelos, (de 25-5-1936 a 30-5-1943), **Escrivão** — Francisco Alcides Carneiro, (a partir de 4-6-1943); 9) **Coletor** — João Batista Brandão, (de 2-3-1945 a 25-6-1946), **Escrivão** — Francisco Alcides Carneiro; 10) **Coletor** — Raimundo Pacheco, (de 3-7-1946 a 31-12-1947), **Escrivão** — Francisco Alcides Carneiro; 11) **Coletor** — Antônio Bezerra Nunes, (de 5-1-1948 a 30-5-1949), **Escrivão** — Francisco Alcides Carneiro; 12) **Coletor** — José Alves Campos, (de 14-6-1949 a 2-3-1951), **Escrivão** — Francisco Alcides Carneiro; 13) **Coletor** — Antônio Bezerra Nunes, (de 9-3-1951 a 15-8-1961), **Escrivão** — Francisco Alcides Carneiro; 14) **Coletor** — Domingos Rodrigues de Meneses, (de 18-8-1961 a 10-2-1963), **Escrivão** — Francisco Alcides Carneiro, (até 25-10-1962), **Escrivão** — Enéas Mamede de Sousa (nomeado em 30-10-1962); 15) **Coletor** — Manuel Eliézer Tomaz, (de 13-2-1963 a 15-11-1965), **Escrivão** — Enéas Mamede de Sousa; 16) **Coletor** — José Indemburgue da Ponte, (de 19-11-1965 a 5-5-1967), **Escrivão** — Enéas Mamede de Sousa; 17) **Coletor** — José Paulino Aguiar, (tomou posse em 9-5-1967). É o atual. **Escrivão** — Enéas Mamede de Sousa. É o atual.

AGÊNCIA DO CORREIO

O serviço postal é antigo. Remonta à época do aparecimento da Estrada de Ferro, quando nasceu o núcleo populacional e o comércio principiava a tomar vulto. Foi criado a 9 de maio de 1882 e instalado no dia 27 de julho dêsse ano. Serviram de agentes Melquíades de Albuquerque (1882 a 1902), Maria do Carmo Menescal (1902 a 1906), Antônia Arruda (1907), João Tibério Arruda (1908 a 1920) e Júlia Linhares (1921 a 1931).

Nessa fase, o govêrno federal reorganizou as Agências Postais e Telegráficas, dando-lhes modernas diretrizes.

TELÉGRAFO NACIONAL

O Telégrafo Nacional, em Massapê, data de menos tempo. É muito mais nôvo. Instalou-se em 12 de julho de 1925, num prédio particular impróprio a seu fim. Funcionou indepen-

dente dos Correios até 31 de dezembro de 1931. Isaías Caldas dirigiu a novel repartição, como primeiro telegrafista, de 1925 a 1927. Depois dêle, ocuparam, sucessivamente, o cargo, já transformado em Agente Postal Telegráfico, Jonas Pinheiro (1928), José Rodrigues Silva (1929 a 1933), Antônio Urano Sobrinho (1934 a 1936), Francisco Pena de Queirós (1937 a 1938), Paulo Barroso (1939), Francisco Luís da Silva (1940), Jordão Franco Rabelo (1941 e 1942), Francisco Ribeiro da Costa (1942 a 1952), Raul Lima (substituiu a Ribeiro da Costa nos meses de setembro, outubro e novembro de 1945), Alzerina Alencar Guimarães (1953), Lázaro da Silva (1953 a 20-1-1964), Francisco Jaime Andrade (de 20-1-1964 a 15-3-1966), Francisco Gomes Sobrinho (de 15-3-1966 a 1-4-1967) e Francisco Jaime Andrade (nova posse: 1-4-1967). É o atual.

JUNÇÃO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

Por fôrça do Decreto Federal n.º 20 859, de 26 de dezembro de 1931, deu-se, no Brasil, a união dessas duas repartições, que até então eram autônomas. Passaram a funcionar juntas no mesmo prédio e sob as ordens de um único chefe, denominado Diretor do D.C.T., nas capitais, e Agente do D.C.T., nas localidades interioranas.

A construção do prédio da Agência Postal Telegráfica de Massapê iniciou-se em novembro de 1949 e terminou em 22 de março de 1953. A sua inauguração oficial verificou-se em 20 de maio de 1954, às 19,30 horas, em sessão solene, a que compareceram o Diretor Regional do D.C.T., Dr. José Pinto Cavalcante, e o engenheiro construtor da obra, afora as autoridades e pessoas gradas da terra. No dia seguinte, isto é, 21 de maio de 1954, os dois serviços públicos, já reorganizados, passaram a funcionar no nôvo edifício.

É o seguinte o atual corpo de funcionários dessa Agência: Maria de Lourdes Aguiar, Francisco Gomes Sobrinho, Francisco Waldiny Soares Arruda, Raimundo Atualpa Carneiro, Francisco Robério Mendes Carneiro, Simone Frota Aguiar, Franciné Cavalcante Rocha, Francisco Válter Pontes, José Nílson Pontes e Antônio Justino Nascimento. Não há telegrafista porque o telefone substituiu o morse.

COLETORIA FEDERAL

Criada em março de 1918, instalou-se nesse mesmo ano. Não possui sede própria. Dirigiu-a, do início até 6 de outubro de 1937, data em que obteve a aposentadoria, Francisco Felinto Aguiar. Nesse lapso de tempo, não se afastou das funções. Exemplar lhe era a assiduidade.

Eis em ordem os Coletores e Escrivães que nela prastaram serviço: 1.º **Coletor** — Francisco Felinto Aguiar (1918 a 1937), **Escrivão** — Guilherme Ferreira Vasconcelos; 2.º **Coletor** — Guilherme Ferreira Vasconcelos — 1.º **Escrivão** — Joaquim Fernandes de Sousa, 2.º **Escrivão** — João Batista Aguiar Filho; 3.º **Coletor** — Nasário dos Santos Vieira Costa, 1.º **Escrivão** — José Maria Frota Aguiar, 2.º **Escrivão** — João Batista Carvalho, 3.º **Escrivão** — Hildo de Pinho Pessoa; 4.º **Coletor** — Manuel Dantas Saraiva; 5.º **Coletor** — Francisco Evangelista Chaves, **Escrivão** — Tarcísio de Carvalho Sousa; 6.º **Coletor** — José Maria Frota Aguiar. É o atual. Segundo deliberação oficial, essa Coletoria, em janeiro do próximo ano de 1969, será extinta por medida de economia.

AGÊNCIA DA ESTATÍSTICA MUNICIPAL

Fruto de convênio entre a União e o Estado, a repartição em tela instalou-se, na Cidade, a 1.º de agôsto de 1945.

Raimundo Sousa Viana, figura afeiçoada à gleba adotiva, foi o primeiro Agente Estatístico do Município. Ocupou o cargo durante 11 anos e um mês, isto é, de agôsto de 1945 a setembro de 1956. Em seguida, exerceram, também, a dita função — Quintino Jácome de Carvalho (outubro de 1956 a julho de 1961); José Ribamar de Alencar, (31-8-1961 a 11-8-1962) e Válter Alves de Vasconcelos, que assumiu o cargo em janeiro de 1963 e ainda lhe é o titular. Ora se acha fazendo estágio na sede em Fortaleza.

Inaugurador da repartição, Raimundo Viana, falecido a 1.º de outubro de 1956, no Hospital da Base Aérea de Natal, merece que se lhe faça referência louvável. Personificava a modéstia, mas possuía, em verdade, espírito arguto e profundo conhecimento da matéria em que se especializara. Em-

bora nunca houvesse alisado bancos acadêmicos, tinha regular preparo literário. Escrevia prosa de maneira correta e compunha trovas com facilidade extrema.

Mantivemos com êle, há tempo, calorosa polêmica em verso a respeito do famoso jangadeiro "Jacaré", que morreu afogado na barra da Tijuca, no Rio. A peleja rimada publicou-a, na íntegra, a **Gazeta de Notícias,** edição de 26-7-1942, e a comentou, em destaque, a imprensa carioca, sem dúvida pelo grande interêsse que, então, despertava, no País inteiro, a figura legendária do heróico pescador cearense.

ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

DECRÉSCIMO POPULACIONAL

De acôrdo com o recenseamento de 1950, a população total do Município era de 29 710 habitantes.

O censo de 1960 acusa a existência de 18 235 habitantes. Houve, assim, no curso do decênio, uma diferença, para menos, de 11 475 almas. Duas causas preponderantes concorreram para êsse decréscimo: a violenta catástrofe climática de 1958, que forçou a retirada de camponeses para outras paragens, e a desanexação dos importantes distritos de Alcântaras e Senador Sá, que se transformaram em Municípios autônomos.

POPULAÇÃO URBANA E RURAL

Presentemente, a população urbana e rural está assim distribuída — Distrito de Massapê (sede): população urbana — 4 760, rural — 7 915; Distrito de Tuína — urbana — 461, rural — 2 157; Distrito de Padre Linhares — urbana — 425, rural — 1 651; Distrito de Aiuá — urbana — 236 e rural — 630. A população do recente Distrito de Mumbaba, cujo território se desmembrou de Tuína, ainda não foi estimada oficialmente. Na área urbana da Cidade e Distritos ora existem 5 882 almas e na zona rural 12 353, perfazendo o total de 18 235 habitantes.

O curioso é que, segundo a estatística, o número de mulheres excede o de homens e a quantidade de morenas ultra-

passa a de brancas. A supremacia verificada, nesses dois pontos, afigura-se fàcilmente explicável. Resulta da constante emigração do elemento masculino e da preferência do tipo branco **calçudo** pelo tipo escuro **saiúdo**, de cuja união, lícita ou ilícita, se origina a morena ardente, roliça e enxuta, que constitui a flor exuberante da raça.

ASPECTOS ECLESIÁSTICOS

RELIGIOSIDADE DO POVO

A população de Massapê prima pelo alto espírito de catolicidade. Tamanha lhe é a crença religiosa que jamais outra seita estranha logrou acomodar-se no Município. As tentativas, nesse sentido, surgem, de espaço a espaço, mas sem resultado prático.

Essa extraordinária fé em Cristo é antiga. Recua à formação da aldeola. Já nessa época, o povo, sem Pastor certo c sem Capela, reclamava a presença de um clérigo, que lhe guiasse os passos na doutrina cristã. Como lhe não fôsse logo atendido o desejo, deliberou contratar, por sua conta e risco, o padre José Tomaz de Albuquerque para que praticasse os atos religiosos, inclusive os sacramentos, desde o batismo à extrema-unção. A primeira missa celebrou-a êsse sacerdote, com regular assistência, em 10 de maio de 1882, na modesta casa residencial que lhe fôra reservada.

Feito, a seu pedido, um quarto de taipa e telha para servir de centro de oração, nêle passaram a ser celebradas as missas até 15 de julho de 1883, efeméride assinaladora da bênção da Capela de Santa Úrsula, pelo mons. Diogo de Sousa Lima. Uma vez instalada a ermida, o próprio mons. Diogo e o pe. Francisco Xavier Nogueira, a êsse tempo, vigários, respectivamente, de Meruoca e Santana, apareciam, vez por outra, no povoado, onde oficiavam o divino culto. Párocos de Sobral, como os monsenhores Filomeno Coelho e Fortunato Linhares, esporàdicamente também surgiam ali, a passeio, e realizavam ofícios sacros.

CAPELANIA E PAROQUIATO

Embora terminada em 1883, a Capela de Massapê passou sete anos assistida pelo vigário de Santana, Paróquia a que pertencia, bem como pelos curas das freguesias vizinhas. Sòmente em 1890 veio a ser provida de capelão designado para residir no povoado. Foi investido no cargo o pe. João de Lira Pessoa, que o exerceu por dois lustros em franca atividade eclesiástica. Natural da Princesa do Norte, ordenou-se em Fortaleza a 19-6-1887.

Em 1899, o pe. João Evangelista Alves substituiu o pe. João de Lira Pessoa na Capelania, por algum tempo, prestando valioso serviço espiritual aos fiéis. Nasceu em Santana do Acaraú e recebeu a ordem sacerdotal no Pará, em 1891.

Ordenado em 30 de novembro de 1905, o padre Antônio Cândido de Melo, no início de janeiro de 1906, obteve nomeação para coadjutoria de Santana, cujo vigário era então o padre Teótime Maria de Vasconcelos, figura influente no meio eclesiástico e na esfera política, pois se elegera Deputado Provincial na legislatura de 1884-1885.

Na qualidade de coadjutor da Paróquia santanense, o pe. Antônio Cândido de Melo recebeu ordem para curar a Capela de Massapê, com residência nessa Vila, onde se instalou em fevereiro de 1906 e começou a exercer o nobre mister religioso que lhe competia. Com a sua fixação na terra e a sua eficiente operosidade evangelizadora, dia a dia aumentava o número de devotos, chegando a crescer de tal forma que provocou a criação da freguesia, desmembrada da de Santana, por Decreto Episcopal de 22 de junho de 1911, firmado por D. Joaquim José Vieira, segundo Bispo do Ceará. Transformou-se, assim, a Capela em Matriz, sob a invocação de Santa Úrsula, que era já o orago. Nomeado vigário de Massapê, o pe. Antônio Cândido de Melo, para cuja escolha muito concorreu a valiosa interferência do padre Teótime Maria de Vasconcelos, investiu-se na função a 1.º de agôsto de 1911, inaugurando a nova Paróquia e dando continuidade à sagrada missão de guia espiritual do rebanho humano confiado à sua pessoa. Permaneceu nesse cargo até 30-7-1916, data em que o transferiu ao mons. Alfredo Soares e Silva, seu substituto e ilustre conterrâneo.

A freguesia de Massapê, que a princípio era subordinada ao Bispado de Fortaleza, pertence, hoje, à Diocese de Sobral.

IGREJA E CAPELAS

Além da Matriz, bastas vêzes reformada, e, em 1963, demolida para, em seu local, erguer-se uma igreja moderna, existe, na Cidade, a Capela de São Francisco das Chagas, construída, em 1927, pelo cidadão João Ferreira Gomes, e ampliada, em 1939, pelo vigário Francisco Linhares, e melhorada, em 1946, na gestão do padre José Aristides Cardoso.

Todos os anos, com a santa missa, procissão, novena, quermesse e leilão, comemoram-se, de par com outras festas, a de Santa Úrsula, padroeira, em 21 de outubro, e a de São Francisco, famoso taumaturgo que domina milhares de devotos, em 4 de outubro. Essas festividades cristãs atraem muita gente não só de Massapê como das localidades vizinhas.

Antigamente, afora a de São Francisco das Chagas, na sede, possuía a Paróquia de Massapê 9 capelas no seu território. No decurso do tempo, perdeu 5 das mais importantes. Em janeiro de 1942, foi-lhe retirada, para o Marco a Capela de Tucunduba, que, posteriormente, passou a integrar a alçada eclesiástica de Senador Sá. A 24 de junho de 1952, a fim de constituírem a Paróquia de Senador Sá, além da Capela dessa Cidade, desmembraram-se, para lá, as de Aiuá, Serrota e Salão.

Nos dias atuais, pertencem à Paróquia massapeense apenas 4 Capelas: a de Nossa Senhora dos Remédios, construída em 1878 por mons. Diogo de Sousa Lima, no Distrito de Tuína; a de São Luís, no Distrito de Padre Linhares; a do Sagrado Coração de Jesus, no Distrito de Mumbaba; a de São Braz, no povoado de Meruoquinha, sem falar na futura Capela de Tangente ou Poço Verde, cujo prédio foi começado, mas ainda não está concluído.

A construção da Matriz já se iniciou, vai para um lustro. Pela imponência e custo da obra, é preciso que o povo da terra e a colônia em Fortaleza, unidos ao vigário, tomem a peito a nobre tarefa de levá-la ao fim. Só desta forma, o desejado templo de Deus, em pleno coração da urbe sertaneja, re-

nascerá, elegante e majestoso, e do alto das suas tôrres erguidas, esperançosamente, para o Céu, como braços suplicantes de dádivas divinas destinadas aos corações dos fiéis, o bronze católico, em sinal de reconhecimento, tocará festivas aleluias de paz, crença, amor e confraternização.

ASSOCIAÇÕES CRISTÃS

Possui Massapê diversas sociedades de cunho religioso. Salientam-se, dentre outras, a Conferência de São Vicente de Paulo, decana das associações dêsse gênero e a que mais ampara a pobreza, a Pia União das Filhas de Maria, a Congregação dos Moços Marianos, a Obra das Vocações Sacerdótais, o Apostolado da Oração, a Associação das Mães Cristãs, a Adoração Contínua, a Cruzada Eucarística e a Congregação da Doutrina Cristã. Tôdas funcionam com regularidade e hão prestado ao povo inestimáveis benefícios materiais e espirituais.

VIGÁRIOS DA FREGUESIA

Desde a sua criação, serviram nela, como vigários, em ordem cronológica, êstes diligentes sacerdotes:

1) **Mons. Antônio Cândido de Melo** (de 1.º-8-1911 a 30-7-1916). Natural de Ibiapina. Filho de José Ferreira de Melo e Josefa Soares de Melo. Nasceu a 3 de outubro de 1878. Ordenou-se a 30 de novembro de 1905, na capital cearense. Em janeiro de 1906, foi nomeado coadjutor de Santana, com residência em Massapê, onde chegou em fevereiro dêsse ano e a cuja Capela passou a prestar assistência.

Elevado Massapê a Paróquia, foi-lhe o primeiro vigário. Assumiu e inaugurou a nova unidade católica, a 1.º de agôsto de 1911. Nela permaneceu até 30-7-1916, quando dela saiu para outro encargo. Durante a sua administração, ampliou e forrou a Igreja, que se originara da Capela, dando-lhe aspecto mais estético. Construiu a sacristia, dois altares e abriu arcos no corpo da matriz. Fêz o côro e respectiva escada. Organizou um grupo de cantoras. Adquiriu e instalou os quadros da Via-Sacra. Levantou o Cruzeiro em frente ao patamar. Fundou

a Sociedade Vicentina e a Associação das Zeladoras do Coração de Jesus.

Brilhante exegeta do código sagrado, semeou a fé e a graça no espírito dos paroquianos, que, em paga, lhe tributaram comovedoras provas de afeto.

Guindado à categoria de monsenhor, passou a exercer o ofício de secretário do Bispado. Em 1918, aceitou a vigararia de Ibiapina, cuja Prefeitura também dirigiu no govêrno do Dr. João Thomé. Vítima de colapso cardíaco, faleceu em 9 de março de 1947, às 20 horas, no Mocambo, antigo Distrito então pertencente à sua Paróquia, Ibiapina, no centro de cuja Matriz lhe repousam os restos mortais.

2) **Mons. Alfredo Soares e Silva** (de 30-7-1916 a 30-1-1918). Filho de Venceslau Soares e Silva e Rosalina de Carvalho Soares, nasceu em Ibiapina a 15 de abril de 1884. Recebeu o presbiterato a 30 de novembro de 1908, em Fortaleza. Substituiu a mons. Antônio Cândido de Melo, a 30 de julho de 1916, na Paróquia, onde permaneceu apenas um ano e meio. Nessa fase, cimentou, em forma de ladrilho, o velho piso da Matriz, modernizou as colunas laterais e pintou a óleo o fôrro do altar-mor.

Robusta expressão do clero cearense, exerceu o divino ministério, com intenso brilho espiritual e difundiu, no coração dos fiéis, os salutares ensinamentos do Evangelho. Deixou o cargo em 30 de janeiro de 1918 para fixar residência no Rio.

Na antiga Capital do País, redatoriou a importante revista **Brasil Social**. Divulga, de vez em vez, na **Cruz** e outros órgãos da imprensa carioca, artigos doutrinários repletos de conceitos instrutivos. Prosador admirável, escreve com maestria e elegância. A frase lhe sai da pena, pura e límpida, demonstrando ao público legente os seus invejáveis dotes de exímio estilista. É, nos dias atuais, Capelão do Hospital dos Servidores do Estado, na Guanabara.

3) **Pe. José Joaquim Carneiro da Frota** (de 2-2-1918 a 3-7-1933). Veio ao mundo em Santana, a 20 de março de 1888. Desejosos de fazê-lo servo de Cristo, os seus pais, Miguel Francisco Carneiro da Frota e Maria Fiel de Araújo, mandaram-no estudar em Alagoas, onde se ordenou em 1915. Egresso do Seminário de Maceió, volveu ao Ceará, sendo-lhe confiada a vigararia de Meruoca. Em 2-2-1918, Dom José Tupinambá

da Frota, seu primo, transferiu-o para Massapê, de cuja Paróquia tomou posse na mesma data.

Extremamente caridoso, a filantropia, que lhe era virtude congênita, dominava em cheio a sua nobre alma cristã. Jamais deixou de favorecer os pobres, nas horas amargas de infortúnio. Sempre lhes ouvia os gritos de socorro partidos das entranhas exauridas pela desdita.

Simples, comunicativo e sociável, fêz excelentes amizades. Desempenhou o cargo com zêlo e dedicação. Regeu a Paróquia até 3-7-1933, data do seu falecimento, ocorrido em Sobral, onde está sepultado no Cemitério São José.

4) **Dom José Bezerra Coutinho** (de 6-1-1934 a 3-10-1935). É cearense, nascido na cidade de Capistrano, a 7 de fevereiro de 1910. São-lhe genitores João Pedro Coutinho e Maria José Bezerra Campelo. Após brilhante curso, ordenou-se em Sobral, a 3-12-1933.

Nomeado vigário de Massapê, assumiu a função em 6-1-1934 e nela estêve até 3-10-1935. Sacerdote impoluto e possuidor de irresistível fascínio pessoal, pelo dinamismo e franca comunicabilidade, atraiu logo as simpatias gerais. Psicólogo de fino quilate, conhece, sobremodo, a alma humana. Dirigiu, por isso, com sabedoria, a vultosa falange de devotos da veneranda Santa Úrsula. Dotado de palavra fácil e atrativa, nos sermões dominicais, costumava transmitir aos paroquianos empolgantes mensagens de crença e de fé eminencialmente purificadoras dos corações.

Traçou vasto programa administrativo, mas não houve tempo de executá-lo, em vista da sua rápida transferência para São Benedito. Contudo, chegou a fundar a Congregação dos Moços Marianos, a Congregação da Doutrina Cristã e a Cruzada Eucarística, às quais dedicou todo o carinho. Elevado à dignidade episcopal, aceitou a Diocese de Estância, em Sergipe, a cuja frente ora se encontra.

5) **Pe. Francisco Linhares** (de 11-1-1936 a 12-9-1941). Abriu os olhos à vida no dia 25-12-1911, em Cariré, onde então residiam seus pais, José Prisco Linhares e Maria Amélia Adeodato Linhares.

Conferiu-lhe a ordenação, a 21 de setembro de 1935, o saudoso Dom José Tupinambá da Frota, 1.º Bispo de Sobral. Designado para o paroquiato de Massapê, assumiu-lhe o exercício em 11-1-1936. No curso da sua governança, construiu a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, o Consistório da Capela de São Francisco das Chagas e edificou a Capela de São Luís, no povoado do mesmo nome, hoje denominado Padre Linhares em sua homenagem e a de São Braz, na povoação de Meruoquinha. Fundou, na sede, as Associações das Mães Cristãs, da Adoração Contínua, da Pia União das Filhas de Maria e a Obra das Vocações Sacerdotais. Criou o "Curso São Thomaz de Aquino", que funcionou com proveitosa freqüência. Faleceu, no exercício da Vigararia, a 12-9-1941, em Sobral.

No dia da morte dêsse querido levita, raro padrão de virtude cristã, o povo de Massapê em massa compareceu ao sepultamento. No instante em que a autoridade eclesiástica terminou a cerimônia da recomendação do corpo para a viagem eterna, ocorreu um fato tocante e singular. Marica Frota, piedosa filha de Maria, que se achava ao lado do caixão fúnebre, contrita, exclama, em voz firme e comovente: "padre Linhares, morrestes e ireis direto para o Céu. Não esqueçais de levar, também, o vosso rebanho." Ato contínuo, Miguel Soares, paroquiano apegado em extremo à delícia da vida terrena, e que, por igual, se achava junto ao ataúde, de joelhos, suplica com a franqueza que lhe é característica: "padre Linhares, levai sòmente as ovelhas, deixai, por piedade, os carneiros."

6) **Mons. José Maria Moreira do Bonfim** (2-1-1942 a 3-1-1944). Filho de Manuel Moreira do Bonfim e Maria Teodora do Bonfim, nasceu em Crateús a 16-11-1911. Ordenou-se, em Sobral, a 16-11-1939.

Em 31-12-1941, recebeu a nomeação de vigário de Massapê. Tomou posse do cargo em 2-1-1942 e o desempenhou por dois anos. Miliciano da verdade eterna, exerceu, com carinho lìdimamente paternal, a sua augusta missão apostólica, cujo objetivo precípuo é apurar, como um filtro prodigioso, os pecadores, tornando-os limpos de consciência e dignos da morada celeste. Como pastor de almas é expedito e vigilante. Orienta o rebanho, de modo firme e proveitoso. No âmbito material, prestou à Paróquia inestimáveis favores.

Em janeiro de 1944, o Chefe da Diocese o transferiu para Crateús, à testa de cuja vigararia permanece, iluminando-a com o brilho do seu espírito.

7) **Pe. José Aristides Cardoso** (de 4-1-1944 a 10-6-1948). Nasceu a 6 de janeiro de 1915 em Campo Grande, hoje Guaraciaba do Norte. É filho de Meton Magalhães Cardoso e Quitéria Ribeiro Cardoso, sendo neto de Clínio Memória, chefe de tradicional família cearense. Ordenou-se em Sobral a 20-11-1938. Coube-lhe a Paróquia de Massapê, da qual tomou posse a 4 de janeiro de 1944 e em cujo exercício estêve até 10 de junho de 1948. Nesse período, além de entregar-se, com desvêlo, à faina nobilitante do ministério sagrado, concluiu, entre outras obras, o ampliamento da Capela de São Francisco, acrescentando-lhe bonita tôrre de 22 metros de altura. Regeu o "Educandário Santa Úrsula", na Cidade, de parceria com o professor João Alves Teixeira e Maria do Carmo Carneiro. Criou o Ambulatório São Vicente de Paulo, destinado a amparar os inválidos. Fundou a Instituição das Senhoras de Caridade, com o objetivo de trabalhar pela boa marcha do dito Ambulatório. Idealizou e conseguiu a instalação, na sede, de um Tiro-de-Guerra, a fim de preparar a juventude para a defesa do Brasil, inoculando-lhe no peito a ardente seiva do civismo.

Imprimiu à festa da Padroeira animação excepcional, atraindo à Cidade, em vibrante romaria, os oragos das Capelas da Paróquia.

Imaginação lúcida e criadora, se houve no vicariato, com fulgor invulgar. As suas práticas simples iluminavam os ouvintes, indicando-lhes o ditoso reino da paz e da bem-aventurança.

Paroquiou Ibiapina e ora dirige os destinos religiosos de Martinópolis.

8) **Pe. Otacílio Alves Sales** (de 12-6-1948 a 30-12-1948). Filho de Carlos de Oliveira Sales e Elisa Alves Ferreira Sales, nasceu no Acaraú, a 9 de junho de 1915. Concluiu os estudos no Seminário de Sobral, onde se ordenou no ano de 1938. Nomeado vigário de Ubajara, na Ibiapaba, ali desempenhou, algum tempo, a sua nobre missão. Daquela Cidade serrana, o Bispo Dom José Tupinambá o transferiu para Massapê, em cuja Paróquia se empossou a 12 de junho de 1948 e nela pontificou até 30 de dezembro dêsse mesmo ano. Apesar da brevidade de sua estada no vicariato, foi-lhe, sem dúvida, proveitosa a gestão em ensinamento espiritual.

Renunciou ao cargo no fim de 1948, para ingressar na Ordem da Companhia de Jesus. Hoje, reside no Rio, Estado da Guanabara, a cuja Pontifícia Universidade Católica presta valiosa cooperação.

9) **Mons. Manuel Henriques de Araújo** (Tomou posse a 1-1-1949). Filho de Rafael Henriques de Araújo e Ana Pessoa da Costa Henriques, nasceu a 10-12-1898, servindo-lhe de berço a poética Meruoca. Os estudos superiores fê-los no Seminário Arquiepiscopal de Fortaleza, de 1917 a 1926. A ordenação concedeu-lha o Bispo Dom José Tupinambá da Frota, a 30-1-1927. Nomeado vigário da gleba nativa, onde celebrou a primeira missa em 6-2-1927, ali permaneceu de janeiro de 1929 a novembro de 1930, quando foi transferido para Camocim. Aceita a Paróquia de Massapê, investiu-se no vicariato a primeiro de janeiro de 1949.

Virtuoso e cônscio de sua responsabilidade na função religiosa, não se esquece de pregar aos fiéis a palavra de Deus. Está agora empenhado no sentido de dotar a Cidade de um templo à altura do progresso moderno. Se levar a bom têrmo a louvável iniciativa, prestará à Paróquia extraordinário serviço, tornando-se credor de imorredoura gratidão.

Mercê dos dotes peregrinos que lhe exornam a personalidade, foi agraciado pela Santa Sé com o título de Monsenhor, em abril de 1958. Afeito à leitura dos clássicos, escreve o idioma em frase tersa e corrente. É o atual pároco da freguesia.

SUBSTITUTOS EVENTUAIS

Nas ausências e faltas temporárias dos vigários efetivos, alguns sacerdotes da Diocese responderam por Massapê. Assim é que, durante a viagem do padre **Antônio Cândido de Melo**, em 1915, ao Rio, na busca de saúde, administrou a Paróquia o pe. Dr. **José Tupinambá da Frota**, então vigário de Sobral, de cuja Diocese foi nomeado primeiro Bispo, tomando posse do cargo a 22-7-1916. Filho de Manuel Artur da Frota e Dona Raimunda Artemísia da Frota, nasceu Dom José em Sobral, a 10-9-1882 e morreu, na mesma cidade, a 25-9-1959. Incumbiu-se, igualmente, nesse tempo, dos misteres religiosos de Massapê, o pe. **José Raimundo Batista**, vindo ao mundo, em

São Mateus, a 31-8-1832 e falecido em Sobral no mês de abril de 1918.

Após a morte do pe. **José Joaquim da Frota,** respondeu pela Paróquia, de 11-8-1933 a 30-12-1933, o pe. **João Teófilo Soares Leitão,** vigário de Meruoca, falecido em 21-8-1934.

Depois da transferência do então pe. **José Bezerra Coutinho,** encarregou-se da freguesia, de 2-11-1935 a 7-1-1936, o pe. **Antônio Cordeiro Soares,** nascido no Ipu a 6-8-1908.

De 30-12-1945 a 18-2-1946, estêve na vigência interina do vicariato o pe. **José Furtado Cavalcante,** natural de Viçosa e atual pároco de Meruoca.

O pe. **José Arteiro Soares** figura como o primeiro filho de Massapê que abraçou a carreira sacerdotal. Não lhe foi, todavia, vigário. Apenas costumava lá celebrar a santa missa, quando aparecia em visita à família. Nasceu em 11-1-1896, ordenou-se em Fortaleza a 28-7-1918 e faleceu a 19-7-1931. Estêve como coadjutor de Tamboril e pároco de Santa Quitéria e Acaraú.

O seu corpo jaz no centro da matriz da terra natal.

Pe. **José Juvêncio de Andrade,** filho de Antônio Juvêncio de Andrade e Francisca Laura de Andrade, nasceu em Santana a 6 de abril de 1866. Fixou residência em Massapê com os seus genitores, no fim do século passado. Terminou o curso superior no Seminário de Mariana, em Minas Gerais. Não vigariou Massapê, mas, ao tempo em que permaneceu ali, celebrava o santo ofício no impedimento do vigário.

Regeu a freguesia de Palma, bem com a de Crateús, onde estacionou de 1915 a 1942.

COADJUTORES

O pe. **Manuel de Araújo Feitosa,** no período de 10-5-1913 a 6-1-1914, foi coadjutor do pe. **Antônio Cândido de Melo.** Era natural de Arneiroz e recebeu o presbiterato em 1912.

O pe. **José Ataíde de Vasconcelos** nasceu em Santana, e de lá, muito jovem, saiu para o estudo no Seminário. No lapso de 2-1-1963 a 9-4-1965, respondeu pela coadjutoria de Massapê, na gestão do atual pároco, mons. **Manuel Henriques de Araújo.**

MILAGRE ESPANTOSO

Quando da visita de Nossa Senhora de Fátima a Massapê, em 6 de novembro de 1953, segundo é corrente e moente, se verificou grande milagre à vista da multidão perplexa e surprêsa. Aleijado e mudo, há tempo, Raimundo Roberto Monte, vulgo "Doquinha", recebeu a bênção dirigida aos enfermos. Nesse instante, sentiu, de súbito, estranha sensação no corpo e teve acesso de chôro. Terminada a cerimônia religiosa, ainda sob o efeito do calefrio que o acometera, voltou ao lar, amparado nas muletas, suas velhas protetoras. Dormiu, tranqüilamente, a noite inteira, com a serenidade de um justo.

No dia seguinte, cedo, saiu de casa em procura da Praça da Matriz. Ao vê-lo andar firme e ao ouvir-lhe o timbre da voz, a população, que o conhecia entrevado e mudo, qual valetudinário irremediável, prorrompeu em delírio, pálida de espanto. E num gesto dignificante e nobre, logo o conduziu, triunfalmente, em passeata, pelas ruas da Cidade, entre hosanas de alegria e brados de louvor à Virgem de Fátima, encarnação lídima da virtude suprema e perfeição angelical de eterna pureza.

Estava, assim, consumado o milagre!

ASPECTOS JUDICIÁRIOS

TÊRMO E COMARCA

Distrito de Paz em 21 de outubro de 1890 e Fôro Civil em 31 de outubro de 1898, Massapê tornou-se Têrmo judiciário, subordinado a Sobral, pela Lei n.º 1 235, de 9 de setembro de 1914. A Lei n.º 1 943, de 18 de novembro de 1921, criou a Comarca, abrangendo o Têrmo-sede e o de Palma, desmembrado de Granja.

O Dr. Arnaud Ferreira Baltar foi o primeiro Juiz de Direito de Massapê. Nomeado por ato de 19-12-1921, tomou posse em 30-12-1921 e instalou a novel Comarca em sessão solene, com troca de discursos laudatórios. Por ato de 1.º de janeiro de 1922, o govêrno o pôs à disposição do Estado para prestar serviço público. Desde então não mais voltou ao cargo, pelo que, pràticamente, apenas passou um dia no exercício.

Em vista de haver depois se investido noutro juizado, substituiu-o, na chefia da Comarca, o Dr. Hermes Paraíba, que, nomeado a 8-8-1922, se empossou em 21-9-1922.

Por interêsse político, deu-se a extinção da Comarca pela Lei n.º 2 445, de 30 de outubro de 1926, na gestão do desembargador Moreira da Rocha. Pôsto em disponibilidade, o Dr. Hermes Paraíba deliberou fixar residência em Recife.

Mediante a Lei n.º 2 677, de 2 de agôsto de 1929, restaurou-se a Comarca, constituída dos Têrmos de Massapê, Santana e Palma. Designado para ocupá-la, novamente, o Dr. Hermes Paraíba regressou de Pernambuco, assumiu o juizado a 13-10-1929 e nêle permaneceu até 11-6-1931, quando se verificou a sua remoção para o Crato. Em 7-1-1955, assumiu a Desembargatoria.

Nomeado para substituí-lo, em 11-6-1931, o Dr. José Jaime de Oliveira Praxedes hoje, Desembargador, assumiu a direção da Comarca em 11-7-1931. Estêve no exercício do cargo até 1-6-1934, data em que obteve a transferência para Ubaretama, donde saiu, em 1942, para a Corregedoria-Geral da Justiça, ingressando no Egrégio Tribunal, em 1954.

O Decreto n.º 1 271, de 29 de maio de 1934, extinguiu a Comarca. Reduzido, dêsse modo, a simples Têrmo judiciário anexo a Sobral, voltou Massapê a ser provido por Juiz Municipal até 1949.

A Constituição cearense de 23 de junho de 1947, no art. 22 das Disposições Transitórias, transformou em Comarcas todos os Têrmos do Estado. Essa norma, no entanto, sòmente veio a ser executada após a vigência da Lei n.º 213, de 9 de junho de 1948, que dispunha sôbre a Organização Judiciária do Ceará e regulamentou o preenchimento das novéis circunscrições judiciárias.

Massapê voltou, de nôvo, à situação de Comarca classificada em segunda entrância pela Lei n.º 3 082, de 10 de fevereiro de 1956, e mantida pela Lei n.º 6 904, de 12 de dezembro de 1963, vigente Código Judiciário Cearense.

JUÍZES MUNICIPAIS

Durante o tempo em que foi Têrmo, nêle atuaram os seguintes Juízes municipais:

Eugênio Marinho de Sabóia (1915 a 1930); Nilo Carleial (1-6-1934 a 19-12-1938); Renato Silva (1-1-1939 a 20-11-1943), Edmar de Sousa Melo (1-7-1944 a 30-3-1946) e Pedro Ubirajara Virgulino Freire (7-4-1946 a 13-5-1949).

JUÍZES DE DIREITO

Na sua fase de Comarca, exerceram a judicatura, como Juízes de Direito, êstes magistrados:

Arnaud Ferreira Baltar (30-12-1921 a 1-1-1922 — um

dia); Hermes Paraíba (1.ª fase) (21-9-1922 a 17-11-1926); Hermes Paraíba (2.ª fase) (13-10-1929 a 11-6-1931); José Jaime de Oliveira Praxedes (11-7-1931 a 1-6-1934); Pedro Ubirajara Virgulino Freire (14-5-1949 a 26-5-1954); Raimundo Catunda (2-7-1954 a 2-4-1956); Francisco Nogueira Sales (2-6-1956 a 5-11-1960); Mílton Evaristo Aragão (12-10-1961 a 1-4-1964); Francisco de Assis Nogueira (27-5-1964 a 24-4-67); José Albuquerque Rocha (30-8-1967 a 6-11-1968); Bacharela Maria de Sousa Cintra (posse em 21-12-1968). Continua no exercício.

PROMOTORES DE JUSTIÇA

O Ministério Público, desde o regime monárquico, não tinha relêvo nem autonomia. Era dependente do Poder Judiciário, cujo Estatuto específico lhe traçava regras disciplinadoras e a cujo chefe devia certa obediência.

A Carta Federal de 1946, em boa hora, reparou semelhante injustiça. Além de instituir a carreira dêsse órgão técnico, defensor da sociedade, prescreveu que os Estados, também, a adotassem em seus códigos básicos. A Constituição cearense de 1947, fiel à diretriz da Carta Magna, por igual, tornou obrigatório o concurso para o ingresso no cargo inicial da carreira.

Como chefe do Ministério Público, tivemos a honra de presidir, no Ceará, ao primeiro concurso, em janeiro de 1951 e ao segundo, em junho de 1953, para o preenchimento das Promotorias nas Comarcas de primeira entrância. Coube-nos, ainda, indicar, para a devida nomeação, os 57 bacharéis aprovados nos ditos certames de seleção intelectiva. Dentre os classificados, cinco serviram em Massapê. Vejam-se os Promotores que atuaram na Comarca a partir da instalação até agora:

Antônio da Costa Leitão (13-9-1923 a 19-5-1925); Raimundo Carvalho Lima (27-5-1925 a 1-11-1926); Raimundo Osvaldo de Aguiar (1-1-1930 a 1-6-1931); José Gomes Sobreira (junho de 1931 a novembro de 1932); Édison Burlamaqui (14-12-1932 a 1-6-1934); Antônio Dedeus de Almeida (20-4-1951 a 3-7-1953); José Deusdedith de Sousa (4-9-1953 a

4-2-1955); Weimar da Silva Thé (19-4-1956 a 30-7-1958); Luciano de Arruda Coelho (substituiu o titular efetivo Weimar da Silva Thé, durante o tempo em que êste respondeu pela primeira Promotoria de Sobral), Plácido Marinho de Andrade (9-8-1958 a 17-3-1967) e Kideniro Stefenson Teixeira. (Tomou posse em 2 de junho de 1967). É o atual.

TABELIAES E ESCRIVAES

1.º CARTÓRIO

O primeiro tabelionato de Massapê foi criado pela Lei n.º 512, de 31 de outubro de 1898 e instalado em junho de 1899. Ursulino Ferreira de Paula, seu primeiro titular, permaneceu no cargo, de junho de 1899 até 22 de maio de 1925, data da sua morte.

Substituiu-o na função, em 24-12-1927, o seu filho José Maria Gomes, que foi aposentado no cargo por ato do govêrno de 18 de setembro de 1968, aprovado pelo Tribunal de Contas em resolução de 25 de novembro dêsse mesmo ano. O cargo será provido por concurso, caso não haja para êle pedido de remoção ou promoção.

2.º CARTÓRIO

O segundo tabelionato criou-o a Lei n.º 2 382, de 28 de agôsto de 1926. Para êsse cargo obteve nomeação, mediante concurso, Francisco Sabino da Costa, que o exerceu no período de 24-12-1927 a 8-9-1936, quando lhe sobreveio o falecimento.

Vago, dêsse modo, o segundo Cartório, a êle concorreu José Ferreira Gomes, que passou a desempenhá-lo, a princípio, interinamente e depois, vitaliciamente, no lapso de 3-10-1936 a 8-1-1962.

Aposentado José Ferreira Gomes, logrou nomeação para o cargo a sua filha, Leda Maria Gomes Vasconcelos, que assumiu o exercício em 29-5-1962 e é a atual serventuária.

ASPECTOS ECONÔMICOS

MEIOS DE TRANSPORTES

Os meios de transporte são artérias por onde circulam os produtos, gerando a riqueza e incrementando a economia. Nesse particular, Massapê está relativamente bem servido. A ferrovia de Sobral, da R.V.C., na extensão de 258 quilômetros, e a rodovia BR-222, com 256 quilômetros, quase tôda asfaltada, ligam a Cidade à Metrópole cearense, numa viagem de cinco horas.

Razoável estrada de rodagem, com 18 quilômetros, une Massapê à Cidade de Meruoca, aprazível centro de veraneio, que repousa, entre colinas, a 700 metros acima do nível do mar. Outra estrada de rodagem, com 60 quilômetros, parte de Massapê para Coreaú, facilitando o intercâmbio comercial entre as duas Cidades. A rodovia para Sobral, com 21 quilômetros, de construção recente, é de indiscutível utilidade. A Estrada de Ferro liga Massapê a Camocim, a Crateús e demais Cidades que lhe ficam à margem.

Possui, ainda, o Município, várias estradas carroçáveis, que se dirigem para Santana, Marco, São José, Remédios, Mirim e outras localidades vizinhas.

COMÉRCIO

O comércio de Massapê, no lapso de 1905 a 1920, foi bastante movimentado. Existiam, na sede, as lojas de fazenda de João Adeodato, Francisco Olegário Carneiro, José Amâncio de Albuquerque, Abílio Ribeiro Lima, Antero Coelho de Araújo, Joaquim Casimiro de Aguiar, João Arruda, Luís Nélson Lopes, Frederico Andrade & Cia., as casas varejistas de Nélson Arruda, Felicíssimo Frota, Possidônio Soares, Antônio Lira Aguiar e as Farmácias de Vicente Aguiar e de Teófilo Ramos.

Em seguida, nas décadas de 1920 a 1940, apareceram, no ramo retalhista, os estabelecimentos de Bento Alves de Sousa, viúva J. Oquendo & Cia., Miguel Anastácio, Oscar Carneiro, José Carneiro de Araújo, J. Carneiro & Cia., M. Dias & Cia., José Garcez Rios, Assis Alves, J. Aguiar & Carvalho, Tertuliano Magalhães & Cia., Raimundo Alves, Gabriel Aguiar e as Farmácias de Pedro Dias, Coraci Vasconcelos, Alfredo Rangel, Edgar Carvalho e Juca Aguiar.

Nessa 2.ª fase, atuaram, no alto comércio, as firmas importadoras e exportadoras de João Pontes, Álvaro & Dias, Aguiar & Carvalho, Soares & Carneiro, Joaquim Aguiar e João de Lira Cavalcante.

O estabelecimento mercantil de João Pontes e o dirigido por Álvaro de Andrade e Miguel Dias, massapeenses operosos e eficientes, que se tornaram capitalistas e os mais opulentos comerciantes da praça, eram importantes armazéns que vendiam em grosso e dispunham de caixeiros-viajantes para a colocação de mercadorias no interior do Piauí e Maranhão.

Hoje em dia, não mais existem as mencionadas casas de negócio. Umas se dissolveram e outras se transferiram para Fortaleza.

Nessa época, como instituto de crédito, funcionava, na Cidade, o "Banco Comercial de Massapê", fundado em 2 de junho de 1930. Êsse conhecido estabelecimento creditício, cujo gerente era João Mílton Carneiro, durante mais de um decênio, prestou reais serviços ao comércio local, já no empréstimo de dinheiro, já na transferência de numerário para outros bancos do País.

Na sede do Município, nos dias presentes, segundo a estatística oficial, estão em atividades 15 estabelecimentos atacadistas e 96 varejistas. O comércio mantém transação com as praças de Fortaleza, São Luís, Belém, Recife, Rio e São Paulo, onde compra artigos manufaturados e para onde vende chapéus de palha, cêra de carnaúba, algodão, mamona, oiticica, paco-paco, couros e peles silvestres.

INDÚSTRIA

A indústria, no Município, além de limitada, é rudimentar. Reduz-se à extração de cêra de carnaúba, ao beneficiamento de algodão, arroz e ao fabrico de chapéus de palha de carnaúba, rapadura, farinha de mandioca, aguardente e louças de barro. Contam-se, na Cidade, uma serraria e pequenas oficinas de funileiros, ferreiros e carpinteiros. Tudo é em diminuta escala. Não há emprêsas arrojadas e de alta e franca produtividade.

AGRICULTURA

A agricultura, entregue, hoje, quase tôda a agregados e rendeiros, não está desenvolvida. Marcha devagar. Nada se fêz, oficialmente, até agora, para racionalizá-la nos moldes da técnica moderna. As terras cultiváveis desconhecem o arado e outros equipamentos mecânicos destinados ao mesmo fim. Prevalece, ainda, como sucede em todo o Nordeste, o uso rotineiro da enxada, abolida, na Europa, há mais de um século.

Contudo, produz, em regular quantidade, algodão, mamona, mandioca, milho, feijão, arroz e frutas, especialmente bananas, atas, mangas e cajus.

A PECUÁRIA

Massapê não pode ser classificado entre os Municípios cearenses essencialmente pastoris, como Quixaramobim, Quixadá, Crateús, Independência, Santa Quitéria, Tamboril e Tauá. Faltam-lhe, para tanto, grandes campos de sôlta e largos recursos forrageiros. Existem, todavia, espalhados nas fazendas, segundo os dados oficiais, rebanhos constantes de 2 700 bovinos, 1 600 asininos, 380 muares, 600 eqüinos, 2 500 suínos, 3 200 ovinos e 4 650 caprinos, os quais satisfazem as necessidades internas.

O gado estrangeiro, como o holandês, turino, normando, hereford, jersey, flamengo e schwyz, que gosta de sombra e

água fresca, a exemplo de certos funcionários ociosos, não se adapta bem ao clima. Só a raça zebu, resistente por natureza, suporta a canícula do verão que cansa e enerva os animais.

As últimas sêcas, as constantes moléstias, como carbúnculo, brucelose, raiva, aftosa, mal do chifre, a praga do carrapato e do morcêgo, a picada da cascavel e da jararaca, a fôlha do tingui e da maniçoba e a ausência completa de medicação específica, tudo isto junto reduziu, sobremodo, os rebanhos. A salvação repousa na assistência governamental. Se esta falhar, não ficará de pé uma só rês para semente.

FLORA

Em anos idos, nas encostas das serras e nas ilhargas dos ribeiros, as matas espêssas e frondosas ofereciam aos olhos do observador em êxtase a fertilidade da encantadora vegetação. Abundavam, em tais pontos, cedro, aroeira, pau-d'arco, paraíba, frei-Jorge, pereiro, angico, tôdas de obrigatório emprêgo nas construções prediais. Ao lado dessas árvores e das frutíferas e medicinais, floresciam em quantidade vultosa, pau-branco, sabiá, jurema-preta, jucá, angelim, jatobá, mororó apropriados à construção de cêrcas e de casas de taipa.

As sêcas periódicas, as queimas dos roçados, as fornalhas das antigas locomotivas, os arcaicos fogões caseiros e os fornos das olarias, dos engenhos e das casas de farinha, nestes últimos cinqüenta anos, devastaram bastante as matas. Hoje em dia, as árvores, mormente as de superior qualidade, rareiam. Estão reduzidas a menos de um têrço. E se não houver severa providência oficial no sentido de reflorestamento, dentro de um vintênio, os serrotes desnudos se transformarão em esqueletos fósseis e os terrenos ribeirinhos em desertos africanos arenosos e estéreis.

Oxalá essa medida salvadora chegue antes do extermínio completo.

FAUNA

A fauna, tirante a criação doméstica, nos primórdios do Município, era vultosa e variada. Bichos de pêlo, de pena e de escama superabundavam nos respectivos ambientes.

Nos topes e abas das serras e serrotes vagavam, aos bandos, onças, gatos, veados, pacas, caititus, guaribas, preguiças, tamanduás, macacos e sagüins. Nos campos e várzeas, eram encontradiças emas, sariemas, jacus, perdizes e nambus. Nas lagoas e barreiros, não faltavam marrecas, paturis, patarronas, jaçanãs, sericoras e outras caças. Nos rios, córregos e poços, aos cardumes, curimatãs, piaus, traíras, piranhas, carás, cangatis, camurins, bodós e piabas nadavam ao alcance dos pescadores.

De 40 anos para cá, em virtude da valorização e procura das peles silvestres, no âmbito comercial, os animais do mato passaram a ser perseguidos, noite e dia. Ávidos de ganho fácil, os caçadores fizeram-lhes ataques constantes e atrozes, matando-os em quantidade espantosa. Onça sussuarana e pintada, gato maracajá e vermelho, veado guarapu e capoeiro, tamanduá-bandeira e mirim, pràticamente, hoje, quase não mais existem. De raro em raro, em busca dos bebedouros, aparece, perdido e espantado, nas veredas, um espécime dêsses bichos. Até cobras, sapos, tejos, camaleões não ficaram a salvo da investida mortífera. Muitos foram, também, sacrificados ao capricho da moda. Só escaparam à fúria exterminadora dos atiradores de profissão os animais miúdos e comestíveis conhecidos por caças, tais sejam — mocó, preá, cutia. peba, tatu, rabudo, marrecas, avoantes, nambus, bem como os peixes de tôda espécie. E não desapareceram, por completo, porque as suas peles não têm préstimo e a proliferação é astronômica! O Município, nesse tocante, ainda possui regular reserva de caças que lhe satisfazem o consumo.

ASPECTOS EDUCACIONAIS E CULTURAIS

ENSINO E INSTRUÇÃO

A primeira escola pública estadual foi criada em Massapê, no ano de 1888, quando o povoado ainda pertencia à Santana. Dirigiu-a, com proveito, a professôra Arminda Araújo, que nela permaneceu até 1912, ano em que o govêrno a removeu para Granja, onde se aposentou, voltando a morar em Massapê. Substituiu-a, na dita escola, a professôra Anita Araújo, que ministrou aulas até 1915. Nessa época, novas escolas estaduais de sexo masculino e feminino se fundaram, passando a regê-las as mestras Isabel Magalhães, Maria Frota Cavalcante e Francisca Vasconcelos Marques.

De 1924 a 1930, atuaram, também, na faina educacional infantil, as professôras Eduwiges Colares, Hermínia Vieira, Priscila Guerra e Maria Isabel Pontes.

Instaladas as "Escolas Reunidas", durante o govêrno do Dr. Justiniano de Serpa, passaram nelas a ensinar, sob a direção de Mariana Rodrigues de Moura Gondim, as professôras Isabel Magalhães, Maria Arruda, Maria Frota Aguiar e Luísa Soares e Silva. A essas abnegadas alfabetizadoras, outras, igualmente esforçadas, sucederam no exercício do nobre mister.

Nos dias atuais, no setor estadual, funcionam, no Município, os seguintes estabelecimentos de ensino primário:

Um "Grupo Escolar", na sede, com 7 salas. Hoje, lhe é Diretora a diplomada Maria Dolores Aragão. Nêle lecionam 19 professôras, em dois turnos.

As "Escolas Reunidas", de Boa Vista. Dispõem estas de 5 salas e de um corpo docente composto de 10 professôras, inclusive três contratadas.

Quinze Escolas Isoladas distribuídas nos subúrbios da Cidade e nos 4 Distritos.

Existem, ao todo, 44 professôras estaduais em atividade na Comuna.

O Município, por sua vez, não esqueceu êsse magno problema. Instalou escolas na sede, nos Distritos e até em fazendas de maior densidade demográfica. O atual Prefeito, Francisco Lopes, há impulsionado, de modo especial, a alfabetização. Segundo as estatísticas, além dos mencionados estabelecimentos estaduais, Massapê possui mais de 40 Escolas municipais espalhadas nas zonas urbanas e não urbanas. Freqüentam tais casas de instrução, inclusive as do Estado, na cidade, 760 alunos e, em todo Município, 2 910.

Ao lado das Escolas públicas, funcionaram, na sede, na primeira metade dêste século, em fases diferentes, várias escolas particulares. Nos idos de 1901 a 1904, estiveram em atividade os externatos "Santa Úrsula" e "Primeiro de Maio", orientados, respectivamente, pelo pe. João de Lira Pessoa e por Francisco Menescal Carneiro, conhecido por Sotero, que era, também, jornalista. Seguiu-se a êsses externatos, que tiveram vida efêmera, o colégio do italiano Pedro Ciarline, que ensinou lições primárias à juventude e noções de música, especialmente piano, à meia-dúzia de môças da sociedade local. Subvencionado pela Intendência com 300 mil réis anuais, o colégio do professor Ciarline, antigo empregado da Inspetoria Federal, teve vida mais longa do que os anteriores.

No período de 1906 a 1916 estiveram em ação as escolas particulares de Mocinha Pinto, Francisca Sátira de Araújo, Francisca Dionísia de Aguiar e Teresa Leite, as quais prestaram inestimáveis benefícios à infância sequiosa de luz espiritual.

Hábil e vontadoso, Raimundo Medeiros Frota, no ano de 1912, ensinou a selecionada turma de alunos. Infelizmente, porém, o curso por êle dirigido teve vida fugaz, em virtude de sua mudança para Sobral.

Por seu turno, Joaquim Anselmo de Andrade lecionou, durante dois anos, noções de português e aritmética a jovens filhos da terra.

No lapso de 1922 a 1926, o desembargador Hermes Paraíba, então Juiz de Direito da Comarca, abriu um colégio, que foi deveras fecundo em vantagem à causa da instrução citadina.

De 1927 a 1931 outros externatos de iniciativa privada surgiram em datas sucessivas. Destacam-se, dentre êles, os dirigidos por Tupá Milério, Francisco Cavalcante Rocha e José Pessoa de Andrade.

Vale salientar, na fase de 1937 a 1940, o "Curso São Thomaz de Aquino", a cargo do saudoso vigário, pe. Francisco Linhares, auxiliado pelo Dr. Nilo Carleial, antigo Juiz do Têrmo, bem como o "Educandário Nossa Senhora do Carmo", mantido pelas senhoritas Maria do Carmo Carneiro e Ana Bezerra Carneiro. Êsse educandário, hoje, obedece à orientação pedagógica do professor Roberto Carneiro Frota.

A "Escola Aprígio Coelho", instalada em 1937 pelo "Centro Massapeense", ainda funciona sob os auspícios dessa notável entidade.

No espaço de 1944 a 1948 existiu, na Cidade, o "Educandário Santa Úrsula", administrado pelo pe. José Aristides Cardoso, a êsse tempo à testa da Paróquia.

O "Ginásio Massapeense", instalado em 1956, apresenta-se como o melhor centro educacional do Município. Continua em plena forma e dispõe de selecionado corpo docente e crescido número de alunos. O ensino é inteiramente gratuito. Sua criação devemo-la ao Dr. Aurimar Pontes, que lhe foi, também, professor.

IMPRENSA PERIÓDICA

Antigamente, os jornais das Vilas e Cidades do interior circulavam por verdadeiro prodígio de taumaturgia. Só mesmo excessiva boa vontade e intenso amor às letras lhes justificavam a existência. Dada a falta de energia elétrica e maquinaria aperfeiçoada, a composição e impressão da matéria se efetuavam, manualmente, numa morosidade pasmosa.

O número dos anunciantes era tão diminuto quanto o dos leitores. A sua manutenção tornava-se, desta sorte, um caso sério e complicado. Apesar de tamanhos empecilhos, havia, outrora, mais jornais nos burgos sertanejos do que nos dias modernos, em que o dinheiro é accessível e as rotativas são supervelozes.

No curso dêste século, intitulado da luz, Massapê possuiu os seguintes órgãos de imprensa:

A Voz do Povo — Foi o primeiro jornal aparecido. Nasceu a 10 de julho de 1902. Era quinzenal e tinha como gerente Francisco Henrique de Araújo.

A Luz — Órgão semanal, literário e noticioso. O primeiro número circulou em setembro de 1908. Diretor — Mozart de Andrade. Colaboradores diversos. Era bem redigido e divulgava matéria de interêsse geral.

Correio de Massapê — (1.ª fase). Órgão da "Sociedade Beneficente Recreativa". Literário e noticioso. Diretor — Raimundo Frota. Em 1912 passou a dirigi-lo Mozart de Andrade. O primeiro número veio a lume em 8 de março de 1911. Sua equipe de colaboradores era vultosa e selecionada.

Correio de Massapê — (2.ª fase). Semanário independente e comercial. Fundador e Diretor — Álvaro Pereira. Redatores — Pessoa de Andrade e Lauro Meneses. Colaboradores diversos. Publicava-se aos domingos. Tinha por divisa "Condenar o êrro e exalçar a virtude". O primeiro número traz a data de 14 de julho de 1918. Impresso em prelo próprio, circulou por muito tempo. Foi o melhor jornal de Massapê e o de mais longa vida.

Jornal das Môças — Publicação elegante e recreativa da ala feminina. Veio à estampa em 15 de janeiro de 1919. Eram-lhe redatoras as senhoritas Mosinha Meneses, Alice Linhares e Guiomar P. Linhares, brilhantes figuras da sociedade e das letras citadinas. Teve vida efêmera.

Ceará Revista — Publicação semanal dirigida por Lauro Meneses e Ramalho Coelho. O primeiro número surgiu em 4 de abril de 1920. Impresso na tipografia do **Correio de Massapê.**

O Colibri — Fôlha semanal, literária, crítica e humorística. Gerente — Rubens Pereira. Redatores — Osvaldo de Aguiar e Paulo Lopes. Circulava aos domingos. O primeiro

número apareceu em 21 de fevereiro de 1926. A apresentação é redigida em verso e intitula-se "Artigo Raso". Divulgou, sôbre pessoas gradas da terra, interessantes perfis em prosa e burlescos epitáfios rimados, os quais causaram furor no meio dos fotografados.

O Curioso — Jornalzinho quinzenal, sarcástico e caricato. Deu sinal de vida em 1926. Redator — Abdias Lima. Provocou celeuma pelas revelações trazidas à baila.

Diabo a Quatro — Fôlha satírica e chistosa. Redator e proprietário — José de Freitas. Apareceu em 1927. Fotografava eventos interessantes da vida mundana.

Combate — Órgão semanário, independente e noticioso. Dirigido por José de Freitas, exibia variada colaboração. Usava, às vêzes, de linguagem forte, em editoriais políticos. Começou a circular em 1928.

O V Tudo — Jornalzinho quinzenal, crítico e jocoso. Azucrinava muita gente. Circulou em 1929, sob a direção de Abdias Lima. Via tudo ao longe e tudo focalizava em estilo facêto.

A Verdade — Periódico noticioso e neutro. Apareceu em 1929. Obedecia à direção de Francisco Sampaio. Trazia o lema: **Ridendo castigat mores.**

Notícias — Gazeta semanária e independente. Dretor — Rubens Pereira. Redator — Francisco Dias. Foi publicado a 15 de maio de 1932. Teve pouca duração.

União — Publicação semanal e noticiosa. Tinha o mesmo formato da anterior. Apareceu a 23 de fevereiro de 1936. Não indicava o nome dos redatores.

Voz de Massapê — Órgão do "Centro Juvenil Massapeense". Era apolítico e noticioso. Veio à luz em 19 de março de 1962. Orientador — padre José Ataíde de Vasconcelos. Diretores — José Maria Camelo e Maria Lígia Frota. No primeiro número publicou, a par de variada colaboração, esta curiosidade lingüística: "A galinha põe. O homem propõe. O vaidoso antepõe. O operário compõe. O teimoso contrapõe. A testemunha depõe. O industrial expõe. O Estado impõe. O intriguista indispõe. O intrometido interpõe. O ajuizado repõe. O orgulhoso sobrepõe. O caluniador supõe. O viajante transpõe. O ladrão ultrapõe e Deus dispõe."

No meio século decorrido, pessoas radicadas em Massapê, umas filhas da terra e outras não, escreveram nos sucessivos periódicos locais, quer na condição de redatores, quer como meros colaboradores. Em prosa e verso, segundo a respectiva tendência, abordavam temas variados.

Cumpre salientar aqui os nomes mais conhecidos. Vejamo-los, em ordem aproximada de antiguidade: Francisco Henrique de Araújo, Sotero Menescal, Moisés Rocha, Mozart de Andrade, Raimundo Medeiros Frota, Frederico de Andrade, Antônio Coelho de Araújo, José Hosana de Araújo, os irmãos Mac-Mahon e Batista Pontes, Jaime Aguiar, Abdel Kader Magalhães, Manuel Édison Aguiar, José Vitorino, José Frota, Carleones Félix Terceiro, Álvaro Pereira, Rubens Pereira, Alice Linhares, Guiomar Linhares, Mosinha Meneses, Newton Craveiro, Paixão Filho, Alfredo Lamartine, José de Freitas, Totó Leitão, Mariano Rocha, Lauro Meneses, Ramalho Coelho de Araújo, Raimundo Viana, Paulo Viana, Francisco Cavalcante Rocha, Teotônio de Ouro Prêto, Osvaldo de Aguiar, Paulo Lopes, Aldo Prado, Aderbal Sales, José Rodrigues Dias, Francisco Dias, Abdias Lima, José Maria Camelo, Francisco Sampaio, Francisco Lopes, Irineu Eleutério, padre José Ataíde Vasconcelos, Lígia Frota, José Pontes Neto, Mílton Dias e Robério Mendes Carneiro. Êste último, como correspondente da imprensa escrita e falada fortalezense, ora divulga notas sôbre fatos importantes da Comuna.

Os jornalistas citados, na quase unanimidade, não mais vivem em Massapê. Parte já faleceu e parte mudou de residência.

Aderbal Sales, médico respeitável e prosador primoroso, Abdias Lima, filólogo e crítico literário de mérito, Ramalho Coelho, poeta e conteur, Mílton Dias, festejado cronista, pontificam em Fortaleza, abrilhantando as páginas dos jornais com produções variadas.

Mozart de Andrade, cintilante espírito de beletrista, reside no Pará. Raimundo Frota, criador de bonitos cromos sob o pseudônimo de Rofrota e Jaime Aguiar, que atuou, também, na imprensa de São Luís e Belém, estão domiciliados em Sobral.

Os irmãos Mac-Mahon e Batista buscaram o Sul do País e lá ora se acham, plàcidamente, "dos seus anos colhendo o doce fruto".

Pontes Neto, convicto de que o Brasil precisa de médico e não de jornalista, trocou a pena pelo bisturi e moureja, em Quixeramobim, à frente de um hospital.

Ilustre Juiz do Tribunal Regional do Trabalho, Osmundo Pontes não chegou pròpriamente a escrever nos efêmeros periódicos da ex-Serra Verde. Mas colaborou na **Revista do Centro Massapeense**, editada na capital, em cuja imprensa também milita, com agrado e proveito.

Frederico de Andrade, o Colibri Dolente, autor do célebre sonêto "Meu Ódio", grito de revolta contra "o presunçoso, o néscio, o vagabundo, a fera irania, o horrendo saltimbanco, a jabiraca, a meiguice, a beleza e a própria humanidade", é o único integrante da velha guarda que permanece na gleba primitiva, sempre pilhérico e satírico. Ainda não perdeu o antiquíssimo hábito de exclamar, nos momentos de mau humor: "Que tudo vá para o inferno com todos os diabos"...

Semelhante anátema a jovem guarda a acolheu na letra de uma bela canção modernista. Não é tão nova, como se pensa, essa forte expressão de iêiêísmo, que empolga a mocidade nacional.

ASPECTOS CURIOSOS

IMPROPRIEDADE DE NOMES

Nas Cidades e Vilas brasileiras, os logradouros públicos recebem, originàriamente, denominações curiosas e, as mais das vêzes, extravagantes. É o próprio povo, cuja voz reflete a de Deus, que os batiza, na sua alta sabedoria de experiência feita.

Massapê não foge a essa regra geral. São deveras burlescos, e, sobretudo, inadequados os nomes primitivos de várias das suas artérias. O Poder Público os renova, oficialmente, substiuindo-os, no decorrer do tempo, por nomes de santos benquistos, que fazem milagres no céu e de pessoas gradas, que espalham benefício na terra. Os velhos nomes, porém, não desaparecem, de todo. Alguns persistem inapagáveis na memória do vulgo, apesar de inexpressivos e contraditórios.

A antiga Rua da Espora, por exemplo, não obstante a nova denominação recebida, continua como era. O pior é que não mantém nenhuma afinidade com êsse instrumento metálico incitador de cavalgaduras. Ali, em tempo algum, se fabricou ou se vendeu espora. Nem consta que o Cão haja perdido a dêle, quando da sua estada no mundo.

Sita à margem da via férrea, a antiga Rua do Rabicho não tinha tal arreio de sola. Abundavam, nela, outrora, tarrafas, urus e surrões.

A Rua dos Canudos sempre foi serena e pacata. Ignora-se que, no seu seio, haja irrompido qualquer rebelião semelhante à chefiada pelo fanático Antônio Conselheiro, no alto sertão baiano.

Ao lado esquerdo da Matriz, a Rua do Fogo desconhece incêndio ou fogueira. A tradição oral, pelo menos, nada adianta a tal respeito.

A Rua da Palma, hoje, Santa Úrsula, era destituída de palmeira. Apenas um secular tamarineiro floresceu, durante muitos invernos, na sua adjacência.

Na Rua da Ceroula, perto da Cadeia, sòmente existia saia. Era, há tempo, o refúgio predileto das barregãs.

Na pobre ruela do Manivão, cresce exclusivamente jitirana. Nunca se viu, ao seu redor, um pé de maniva ou macaxeira.

A Praça do Tamanduá, em tempo algum, serviu de abrigo a êsse mamífero do mato. Em anos idos, acolhia, tão-só, raros suínos perdidos em busca de alimentos.

A Praça do Juàzeiro nunca ostentou êsse espécime da flora sertaneja. Antigamente, ali existia velha castanhola que a sêca extinguiu.

A Volta da Cuia, travessa estreita, não dispõe dêsse rústico utensílio doméstico feito de cabaça e de coité. Os seus habitantes detestam-no. Só tomam banho no rio munidos de caneco de flandre e só tiram leite mungido em balde de zinco.

Agradável subúrbio citadino, o Alto do Bode, jamais foi chiqueiro de tal ruminante. Nêle, em dia de feira, se vêem apenas jumentos encangalhados, vindos da Meruoca ou de regresso para lá.

A Baixa da Égua, bairro antigo, fica próximo à ferrovia. É desconhecida a origem dêsse topônimo rebarbativo. Em tempo algum, naquele local, pastou qualquer azêmola isolada ou em lote. No começo do século, tornou-se a malhada do afamado touro "Zebu", da fazenda Contendas, então dirigida por Antônio Libânio.

Tais nomes, que se apresentam fora de propósito, são, realmente, extravagantes. Criou-os a fecunda imaginação popular, em tempo que já vai longe. Como o povo é justo e seguro nas suas sentenças, pode até ser que lhe assista razão nesse tocante. Seria convinhável, desta sorte, se realizasse estudo meticuloso em tôrno do caso para o conhecimento pleno da verdade.

Que os investigadores profissionais e amantes do passado tomem, a peito, com afinco, semelhante tarefa de alta significação folclorística e histórica!

CONTRASTES FLAGRANTES

Nas localidades da hinterlândia brasileira, de ordinário, se confere, aos tipos populares, cognome, que nem sempre expressa sentido exato. É resquício de obsoleta usança reinol legada ao País pelos colonizadores e que ainda perdura na massa do sangue da gente indígena. Massapê, nesse particular, prima pelo contraste flagrante das alcunhas dadas a conhecidas figuras do seu meio urbano e rural. Haja vista a prova.

Maroca Paixão, vulgo "Mocinha Virgem", roceira moradora na Cancela, nada tem de môça e de virgem. É quarentona, viúva e mãe de cinco rebentos.

O Chico "Pequeno" só possui de pequeno o nome. Homenzarrão, autêntico gigante, mede um metro e noventa centímetros de altura!

O Manuel "Seleiro" não fabrica nem vende sela e muito menos gosta de usá-la em montaria. Alfaiate de ofício, maneja a tesoura, com perícia.

Empregado da Jacinta Alves, o Jorge "Pureza" desconhece essa virtude. Mantém concubina e não batiza a prole bastarda.

O Zé "Pacífico", veterano na Cartuxa, possui instinto turbulento. Tornou-se ferrabrás dos sambas na redondeza.

Pernóstico e bisbilhoteiro, o Chico "Doutor" não sabe o alfabeto.

Antigo dono de padaria, o "Pretinho" apresenta a epiderme branca. Nem os olhos lhe dão sinal de negrume.

O José "Brancão" não tem a pele alva. Concedeu-lhe a natureza o pretume do azeviche. E não maldiz a sorte.

Sujeito exótico, o "Bigode" pescador meio sarará, não criou cabelo no beiço e na cara. É liso e pintado como ôvo de capote.

O Pedro "Bagaço", caixeiro do armazém do saudoso cel. João Pontes, tinha alergia a bagaço. Para evitá-lo, não chupava cana em rolête, nem lhe bebia a garapa em engenhoca. Preferia ingeri-la já destilada no alambique e metida na garrafa. Da sua bôca, muita vez, saiu esta quadra:

Uns gostam dela moída,
Outros desejam chupada.
A minha cana querida
Eu prefiro destilada.

O Manuel "Ferreiro" desconhecia o fole e a bigorna. Era o sacristão da Freguesia desde menino. Ocupava-se em puxar a corda do sino da Matriz, ora chamando os fiéis à missa, ora conduzindo os defuntos ao cemtiério.

O Chico "Açúcar" foi exímio escultor. A ânsia de perfeição artística o afligia, sobremaneira, tornando-lhe a existência amarga. O cognome, assim, não lhe deu doçura à pessoa.

Nélson "Cuscuz" repelia êsse bôlo de milho, preferindo a tapioca. Arvorava-se em orador popular. Certa feita, em 1926, após vibrante comício político, alguém lhe arremessou êste dardo:

Só merece mesmo murro
Êsse rapaz sem temor:
— Como orador, êle é burro,
Como burro, é orador...

Mocinha humilde, a Chica "Pinote" nunca pinoteou na vida. Andava em casa e na rua, serena e discretamente. Um tarado moral a seduziu. O povo em desagravo a tamanha afronta ergueu-lhe a estátua na Praça São Francisco, no ano de 1930.

Cafeteira fescenina, a "Pé de Cinza" jamais usou cinza no pé. Viveu a beber jeribita e a mascar mapinguim. Morreu intoxicada, sem descendência.

Tocador de bombo na filarmônica local, o Antônio "Cabrito" não tinha agilidade de bode nôvo. Lerdo como jegue, jamais pulou sem bombo e muito menos com bombo pesado a tiracolo. Criava pato e marreca, para negócio.

O Quincas do "Pão" abomina êsse produto do trigo. Vende frutas e picolé.

Rechonchuda e sebosa, a "De Ouro" não passa de negra retinta. Em vez de luzir à semelhança dêsse metal precioso, exala o cheiro característico de legítima africana.

O "Pecado", negociante andejo, especializou-se na venda de catecismo, medalha e rosário.

O Manuel "Carpina", em lugar de enxó e cepilho, utiliza-se de colher e nível. É pedreiro de profissão e dos melhores.

Indivíduo maneiroso, o "Veado" dedica-se à faina inglória de comboieiro. Ninguém, contudo, lhe contesta a sustança de que carecem os "veados" cariocas...

Velha e dedicada serviçal do Dr. Néri Filho, a Joana "Saúde" era enfermiça. Rebelde bronquite a perseguia desde o berço.

O Manuel "Ricaço", destro amansador de poldro bravo, na fazenda Cacimbinha, vive na pindaíba. O dinheiro sempre o evita.

Lídia "Materna" e Isabel "Donzela", filhas de criação do velho Januário, antigo morador na "Barra Mansa", não retratam, fielmente, o significado dos respectivos apelidos. Aquela, apesar de casada, não tem filhos. Esta, embora solteira, já teve três. Aplica-se, ao caso, a famosa quadra popular nordestina:

As fias do Mané Chico
São umas môças de bem:
— As casadas não tem fios,
As solteiras é que tem...

Vejam-se, ademais, os seguintes tipos popularizados, que apresentam epítetos em contraste aos respectivos misteres.

Antônio "Pastôra", de celebridade justa, repelia o pastoreio. Esmerava-se no fabrico de rapé perfumado com o pó de camaru. O "Peroba", vendia manga e ata. O "Carcará" exerce a função de cambista e nada se assemelha a essa ave de rapina. O "Bacorinho" não gosta de chiqueiro. É chofer e, como tal, doido por caminhão e gasolina. O "Galo" não canta em terreiro, distribui água nas casas residenciais em costa de jumento. O "Guaxinim" entrega-se ao trabalho de flandreiro.

O "Morcêgo" é curandeiro, mas não chupa o sangue da clientela emagrecida. A "Mocó" não anda em serrote. Faz chapéu de palha de carnaúba, sentada no chão. O "Caboré", soldado raso, aborrece o ôco de pau. O "Gatinho", merceeiro, jamais miou na vida. O "Capotinho" dominava o violão como exímio tocador. O "Piranha" era futebolista de chute violento. O "Mondrongo" não tinha parentesco com galego, era pedreiro. O "Mofado", repentista chistoso, vangloriava-se de possuir o corpo imune ao bolor.

Ao lado dêsses entes singulares, com profsisão sabida e existência normal, havia, ainda, outros, igualmente portadores de alcunhas impróprias e que vagabundavam e esmolavam pelas ruas, expostas à risota do público impiedoso e ao achincalhe da molecagem desenfreada. Atendiam por "Bibiana", "Broína", "Catita", "Mundola", "Salu", "Chico Doido", "Miguel da Lúcia", "Verniô", "Pedro Bala", "Cesta", "Apragata", "Gorgulho", "Ensebado" e "Podóia". Eram párias ambulantes merecedores de piedade. Há tempo, não mais pertencem ao mundo. Buscaram as misteriosas paragens de além-túmulo.

Que a vida eterna lhes proporcione a felicidade que lhes negou, avaramente, a vida terrena!

A CHEGADA DOS INVENTOS

Convém mencionar, de passagem, a título de curiosidade, as invenções do engenho humano aparecidas, em Massapê, pela primeira vez.

A locomotiva, barulhenta e fumejante, chegou, oficialmente, em 31 de dezembro de 1881. O Telégrafo da Estrada de Ferro instalou-se em novembro de 1881, mas só foi franqueado ao público em 1.º de fevereiro de 1882.

O gramofone, pasmoso fonógrafo, o povo, boquiaberto, o conheceu e lhe ouviu a voz estridente, em 1904. O "bicho falador" atraiu a matutada na distância de duas léguas ao derredor. Trouxe-o da França o Dr. Gaudêncio de Aguiar, que o comprou em Paris, aonde fôra a estudo.

Adquirido por Casimiro Aguiar, o primeiro piano entrou em Massapê em 1905. O segundo apareceu em agôsto de 1906

e pertencia ao professor Pedro Ciarline, de quem Dona Arminda Araújo o obtivera por preço módico.

Chegaram à Vila em 1908, os primeiros instrumentos musicais confeccionados na antiga fábrica "Gautraut". Mandou comprá-los na França, por quatrocentos mil réis, Casimiro Aguiar, cavalheiro traquejado, progressista e sociável, que os destinara à nascente Banda de Música local denominada "Euterpe Massapeense", cujos componentes vestiam farda de cáqui e, nos dias de gala, ostentavam blusa de casimira azul, com botões dourados, à semelhança de oficiais da Guarda Nacional em festas cívicas. A princípio, dirigiu essa filarmônica o maestro "Zequinha", substituído, ulteriormente, por Hipólito Ribeiro, a quem sucedeu, na regência, Joaquim Miranda que, por sua vez, a transferiu, de último, ao exímio artista Aristides Néri Santiago.

A Banda era constituída de onze figurantes assim distribuídos: Aristides Néri Santiago, na requinta, Hipólito Ribeiro, no saxofone soprano, Pedro Frutuoso, no bombardino, Adolfo Pereira, no saxofone alto, Heráclito Néri Santiago, no piston, Antônio Ribeiro, no trombone, Joca Ribeiro, no piston, José Louro, no contrabaixo, Antônio Marinho, na trompa, Antônio Cabrito, no bombo e Manuel Gatinho, na caixa. Ainda hoje existem restos saudosos de tais instrumentos gauleses.

Em 1909, na loja do Casimiro Aguiar, foram expostos à venda os primeiros lança-perfumes carnavalescos adquiridos em Recife. A seringada violenta do cloretilo nos olhos de uma môça ia provocando briga, evitada, em tempo, graças à interferência de Antônio Pompeu e Cosmim Ponte.

O binóculo surgiu no mês de maio de 1911. Veio do Pará conduzido por um mulato, filho de criação do comandante Vicente Lôbo, então na Vila, no gôzo de férias. Enfarado de contemplar a magnífica paisagem campestre, o rapazola forasteiro, um dia, levou o instrumento de alcance para o banho matinal, no riacho, a fim de contemplar a feminina paisagem humana em carne e osso. Lá, próximo ao lugar reservado às mulheres, teve a idéia de subir uma oiticica e do alto, escondido na folhagem, de binóculo aos olhos, passou a observá-las em traje paradisíaco. O prazer visual não durou muito. Descoberto o ardil, as banhistas, rápido, se vestiram, deram alarme e fizeram-no descer, às pedradas, em meio a forte gritaria. O

môço curioso não morreu por um triz. No dia imediato, vendeu o binóculo ao Chico Viana e regressou, envergonhado, a Belém, em cujos igarapés fôra observar, sem luneta, o banho das manadas de búfalos...

Essa ocorrência cômica nos traz à mente a vontade manifestada pelo bardo paraibano, Zé da Luz, nestes versos caipiras:

Quando vejo essa cacimba,
Desejo por que negá?
Desejo sê um caçote
Com dois óio dêste tamanho,
Pra vê aquêle magote
De môça, tumando banho...

A máquina de escrever, cuja utilidade não se pode negar, chegou em 1912. Adquiriu-a em São Paulo, onde estudara, Antônio Lisboa de Araújo, filho do comerciante Antero Coelho de Araújo. Metido a intelectual, gostava de escrever na imprensa e recitar versos de Camões e de Guerra Junqueiro.

A máquina fotográfica funcionou na Vila, nesse mesmo ano. Manejava-a um mascate andejo, arvorado em artista. Fotografaram-se juntos e de pé, **primo loco**, os negociantes Possidônio Soares e Abílio Lima. A foto, porém, por excesso de luz solar, não saiu a contento. Ambos os retratados, embora fotogênicos, apareceram com as fisionomias transformadas. Ninguém conseguiu identificá-los. O retratista, ante o fracasso, continuou a jornada em busca de outras paragens e outras vítimas...

O prelo apareceu em 1917. Imprimiu, por muito tempo, o **Correio de Massapê** e outros periódicos locais. Movia-o, com gôsto e paciência, o Rubens Pereira, que lhe conhecia os segredos.

O telefone arcaico, dotado de manivela, transmitiu a primeira voz humana da sede do Município para a Vila de Palma em 1920 O aparelho, de vez em quando, dava o prego. Tudo indicava que continha vício redibitório. Era uma lástima!

O cinema mudo surgiu à visão do povo em 1926. Aparelho antigo, obtivera-o por pequena soma Francisco Mapurunga,

que o instalou no salão da Prefeitura. Na inauguração, em conseqüência de defeito técnico, ocorreu cena hilariante. As imagens refletidas na tela, em vez de andarem para frente, andavam de costas, como os índios de certas tribos da Amazônia! Felizmente, a falha foi reparada e tudo voltou à normalidade. Em 7 de setembro de 1935, violento incêndio devorou a cabine dêsse cinema. Queimaram-se as fitas e "morreram" carbonizados os astros da tela muda, inclusive o celebérrimo e invencível Tom Mix. Deu um trabalho enrome a extinção das chamas, que destruíram o teto do prédio.

Prodígio da arte sonora, o cinema falado, cuja estréia, em Fortaleza, ocorreu no "Cine Moderno", a 19-6-1930, sòmente surgiu em Massapê, no comêço de maio de 1940, exibido no "Cine Ideal".

A 3 de janeiro de 1920, chegou a Massapê o primeiro caminhão. Era-lhe passageiro o Sr. John Sanford, respeitável cidadão ianque radicado, há tempo, em Sobral e que então supervisionava os serviços rodoviários da zona. Guiava-o, no momento, o chofer Antônio Divino da Silva, falecido a 3 de abril de 1967.

O primeiro automóvel apresentou-se ao povo da Comuna em 2 de fevereiro de 1920. Tipo Overland, placa oficial, conduzia o Dr. Arrojado Lisboa, Inspetor-Geral das Obras Contra as Sêcas, que, em companhia de acessores, fiscalizava os serviços públicos federais em andamento no Estado. Possuidor de enormes barbas, êsse insigne engenheiro era, na época, depois do presidente Epitácio Pessoa, o homem mais prestigiado e poderoso do Brasil. Sob as suas barbas protetoras e patriarcais, trabalhavam, no Ceará, livres da fome, imposta pelo martírio climático de 1919, cêrca de trinta mil flagelados de tôda casta, desde o vagabundo ao almocreve. Isso lhe valeu a irreverente sextilha com que o saudou, de improviso, Dantas Quesado, conhecido e satírico vate matuto:

Eu, debaixo destas barba,
Eu durmo num bom sombrio,
Que as barba dêsse Doutor,
Como oiticica, no rio,
Dá rancho pra comboieiro,
Coito pra cabra vadio...

O primeiro automóvel particular adquirido para Massapê foi um Ford, de segunda mão. Entrou na Cidade a 8 de março de 1921. Compraram-no, de sociedade, João Pontes e Álvaro de Andrade, por quatro contos, valorizada moeda da época. O motorista, Antônio Marinho, reservava o auto, nos domingos e feriados, ao uso do público, cobrando quatro mil réis pela hora de corrida. Muita gente deixou de passear no veículo por achar o preço absurdo!

Certo dia, faltou câmara-de-ar. O chofer Antônio Marinho, sujeito curioso, encheu o pneumático de pano velho e capim sêco, embeiçando-o no aro da roda traseira. Desta forma preparado, o calhambeque partiu em busca do Mirim. Mal rodou 200 metros, o pneu baixa e espalha o estranho conteúdo a seu redor. Um passageiro, irônico, comenta a ocorrência:

Automóvel como o teu,
Eu nunca vi outro assim:
É um Judas! No pneu
Só tem molambo e capim!...

A eletricidade, cuja inauguração oficial fôra marcada para as oito horas da noite de 27 de julho de 1929, sòmente veio tempo depois. Ocorreu fato desagradável. No momento preciso em que o Prefeito acionava a chave de ligação, a luz falhou ante o olhar da assistência decepcionada. A festa dançante e outras solenidades prèviamente organizadas, todavia, não se desfizeram. Efetuaram-se ao clarão do carboreto. Tudo resultou, segundo versão corrente, de mesquinha sabotagem preparada pelo técnico incumbido de instalar o motor "Deutz", de 45 HP. Irritado porque se lhe negara convite para o baile, vingou-se, provocando desarranjo no dínamo. Chamado outro técnico, corrigiu êste o enguiço e a luz, então, se fêz, límpida e cintilante, afastando para longe as trevas, que apavoram os próprios irracionais desde o comêço do mundo. A iluminação pública e domiciliária urbana passou a ser explorada pela "Companhia Industrial de Luz e Fôrça de Massapê Limitada", emprêsa constituída por iniciativa particular, encampada em 1959 pela Prefeitura Municipal.

Em substituição à luz elétrica gerada pelo antigo sistema de motor a gás pobre e a fornecida, posteriormente, pela fôr-

ça hidráulica do Araras, inaugurou-se na Cidade, em 31 de agôsto de 1968, a potente energia de Paulo Afonso, titânica fonte impulsionadora da região nordestina.

O rádio deu sinal de existência em abril de 1935. Foi comprado pela Associação Comercial, por intermédio do farmacêutico João Coraci. Ao anunciar a vitória do Dr. Meneses Pimentel, na eleição indireta da Assembléia, a multidão ouvinte explodiu de entusiasmo. Ardoroso partidário do candidato triunfante não se contendo, abraçou o rádio e com êle saiu, aos pulos, pela rua. Tropeçou adiante, de forma desastrosa. Feriu o braço, mas salvou o aparelho...

O primeiro avião cortou, de surprêsa, os céus massapeenses, na rota Fortaleza-Teresina, no dia 20 de julho de 1936, às 8 horas da manhã. Provocou pasmo e mêdo no seio dos rudes camponeses, que o desconheciam e dêle nunca tiveram notícia. Crentes de que aquêle monstro voador era o Anticristo, anunciante do fim do mundo, conforme profecia do frei Vidal, alguns de tais roceiros, que viviam vida marital irregular, receosos do inferno, abandonaram as amásias e voltaram, arrependidos, aos braços das legítimas mulheres. Se vantagem econômica não trouxe o aparecimento do avião ao meio campestre da Comuna, pelo menos lhe prestou grande benefício de ordem moral. Extinguiu, em parte, a crônica mancebia nêle existente.

A televisão é o maior e mais fantástico invento dêste século. O primeiro aparelho particular chegou a Massapê em agôsto de 1966 e pertence a José Gerardo Magalhães, negociante local. A primeira televisão pública, presente do deputado Osires Pontes ao povo da sua terra, transmitiu imagem e som aos habitantes da Cidade, em novembro de 1966. Acha-se colocada na "Coluna da Hora", em frente à Matriz. Constitui excelente ponto de atração para os munícipes.

Falta, agora, tão-só, a chegada do "Disco Voador". Decerto, será breve. Nada se perde em esperá-lo... ,

CAPRICHO DA NATUREZA

Em pleno "Campo Grande", ao lado da via férrea e próximo ao Serrote das Pulgas, em Massapê, nasceu e cresceu uma carnaubeira, cuja haste, na altura de dois metros, se

bifurca em dois galhos de copas frondosas e verdejantes. Não há notícia, na flora brasílica, de outra palmácia que ostente caule de formato idêntico. Essa singular carnaubeira, vegetal nordestino conhecido, botânicamente, por copernicia cerifera, desperta a atenção dos viajantes, que não se cansam de apreciá-la. Inúmeras pessoas eruditas, em cujo rol se incluem o historiador Antônio Bezerra de Meneses, o técnico Rodolfo Coroaci, o jornalista Alfredo Lamartine e o engenheiro João Thomé buscaram-na para vê-la com olhos de ver.

Na meninice, em três oportunidades, observamo-la, de perto, quando ali estivemos munidos de alçapão para pegar canários. Ignoramos, nesta altura, se a planta em tela ainda existe ou se já a derrubaram, sem dó, mãos de rudes campônios.

Viva ou morta, a verdade é que o seu curioso perfil esgalhado jamais nos saiu da retina. E havemos de conservá-lo, nítido, enquanto nos permitir a fôrça imaginativa.

A Naureza, em verdade, tem caprichos que a própria ciência humana, impotente, não explica!

ASPECTOS FOLCLÓRICOS

A FESTA DO CHITÃO

No dia 24 de junho de 1933 realizou-se, em Massapê, pela primeira vez, na casa residencial do sr. Pergentino Aguiar, a "Festa do Chitão", de cunho tìpicamente caipira. Fêz-lhe os preparativos, com engenho e arte, e a executou, com retumbante sucesso, o Dr. Édison Burlamaqui de Sousa Martins, então Promotor de Justiça da Comarca e presidente do "Centro Recreativo Massapeense". Auxiliaram-no, nesse notável empreendimento, o Dr. João Coraci Vasconcelos, a êsse tempo, ágil como gato maracajá, o cel. Neco Ricardo, homem maduro, mas de espírito jovem, bem como o comerciário Carlos Cunha, gerente da "Pernambucana", que forneceu peças de chita para o necessário ornamento do prédio destinado à folganças nascediça.

O ponto culminante do "Chitão" de estréia, indiscutìvelmente, foi o casamento matuto, em que figuraram como noivos o Dr. Holanda e a srta. Margarida Frota Aguiar, elementos da sociedade citadina. Ao penetrarem os nubentes no recinto da sala, a numerosa assistência prorrompeu em aplausos delirantes, até a consumação do simulado **conjugo vobis** à eclesiática, puxado a hinos profanos e discursos bombásticos.

Essa festa curiosa, apesar de tradicional, não é originária de Massapê, como errôneamente se pensa. Serviu-lhe de modêlo festa idêntica, efetuada, no ano de 1930, nos salões de elegante clube da metrópole paraense. O "Chitão" de Belém, infelizmente, foi efêmero. Teve a duração das rosas de Malherbe. O de Massapê, ao contrário, longe de arrefecer, perdurou no tempo e no espaço.

O transplante do "Chitão", do meio guajarino para o seio da ex-Serra Verde, dada a franca acolhida, equivaleu a processo operatório de êxito excepcional. Semelhante divertimento matuto, prenhe de brasilidade, caiu logo no gôsto do povo e se adaptou à nova gleba, de modo admirável. Ano a ano, mais lhe crescia o entusiasmo. A sua fama atingiu o apogeu e, hoje, repercute, vitoriosa, além das lindes do Município e do próprio Ceará.

Trata-se, em verdade, de pitoresco acontecimento social e folclórico, que constitui motivo de orgulho para a Cidade e atrai luzidia falange de foliões da Capital, das Comunas vizinhas e ainda de alguns Estados do Norte.

Gente de tôda a idade e sexo, em alegre romaria, aflui ao "Chitão", para aderir, de corpo e alma, ao balandrau, que vibra, no recinto do Clube, à luz dos candeeiros e, em pleno ar livre, ao brilho das estrêlas. No calor da animação contagiadora os participantes, ao som de bonitas músicas joaninas, dançam, pulam, sapateiam, estrebucham e gritam até raiar, sangüíneo e ardente, o astro rei, que fecunda a terra para novas colheitas e tonifica os corações para outros idílios.

Na festa impera, via de regra, a singeleza. Nada de indumentos grã-finos. Nada de quitutes de gôsto estranho. Os trajes são essencialmente caipiras e deslumbram a vista dos espectadores atônitos. As iguarias são genuìnamente regionais e agradam ao apetite dos filopanças exigentes.

Tudo, sem dúvida, retrata o sertão na sua simplicidade rústica: o vestido de chita das garôtas, a roupa de riscado dos marmanjos, a blusa berrante das matronas, a fatiota grotesca dos velhotes, o toque harmonioso da sanfona, o estrondo do zabumba, a toada do maracá, a subida dos balões, o clarão das fogueiras, o chiado dos busca-pés, o cheiro apetitoso da carne assada, da canjica, do mungunzá e, acima de tudo, o sabor do capilé, do refrêsco, da jinjibirra e do cauim.

Massapê, através do "Chitão", revela-se defensor indômito dos nossos costumes simples, demonstrando, aos centros cultos, que, nesse tocante, nem tudo se foi ainda da beleza perfeita. Predomina, na sala e no terreiro, a dança antiga: quadrilha, lanceiro, valsa e chote. De último, em matéria de

modernismo, só se admite, excepcionalmente, um caricato iê-iê-iê caboclo, como crítica mordaz à jovem guarda de madeixas longas e calças estreitas... Os próprios convites não fogem à fala característica do homem rural. Vazados em versos burlescos, refletem, de modo fiel, o autêntico linguajar matuto. A princípio, eram escritos, em estilo facêto, por José Maria de Assis, autor do hino de guerra da festa. Falecido Assis, substituiu-o, nesse mister poético, Francisco Carvalho, que se houve, galhardamente, na nobre incumbência.

Prestaram, por igual, sua valiosa ajuda a tão difícil tarefa os versejadores Raimundo Viana e Gerardo Magalhães, radicados na ribeira. De um lustro a esta parte, passou a interferir na seara rimada Custódio Pontes, cuja trova lhe sai espontânea da mente como a água pura brota do útero fecundo da terra. O convite relativo à festa de 1967 despertou as energias dos fuzarqueiros para a dança, inimiga figadal da tristeza.

Eis alguns versos, na sua forma e essência:

Êste ano, você vem
Au "Chitão" du Massapê,
Prá pulá cuma quenquém,
Imitando o iê-iê-iê...

Mungunzá cum carne assada
Vai sê a noça cumida.
Bate-bate e laranjada,
A noça mió bibida...

Do sertão vem todo povo,
Vem também us da cidade.
Vem us veiu, vem us nôvo,
Ninguém oia para a idade.

Tem tanta cumiduria
Qui nem é bom si pensá.
Tem também bibida fria
Qui faz a gente isquentá.

As garôta si balança
para apulumá o chote.
A gente aguenta a dança,
Agarrado nus cangote.

Cum munta sastisfação,
Vamu lhi isperá nu dia.
I agradecendo a tenção,
Si assina a Diretoria...

O "Chitão" há sido decantado em prosa e verso através da imprensa e do rádio alencarinos. Dezenas de cronistas e troveiros já lhe proclamaram, aos quatro ventos, o real esplendor. Os próprios bardos populares da região, de vez em vez, lhe tecem loas ao vibrante repenicado das violas. Em 1935, tivemos ensejo de ouvir referências lisonjeiras, a seu respeito,

partidas da bôca de dois turunas no repente. Conservamos de cor estas passagens:

— **Eu nasci na Meruoca,**
Me criei no Massapê.
Vou louvá a noite inteira,
Nosso "Chitão" cum você,
Comendo junto à fogueira,
Mio assado e manuê.

— **Pois eu nasci no sertão,**
Fui pra serra e moro lá.
Pra conhecê o "Chitão",
Viajei, onte, prá cá
Essa festa é, com razão,
A mió do Ceará...

— **Vem gente da redondeza**
Prá vê de perto o "Chitão"!
Do Ipu, Sobral, Fortaleza,
A pé, de trem, de avião.
Vem de Granja, Camocim,
Do Pará e Maranhão.

— **É na casa do seu Prejo**
A retumbante função.
Um casamento caipira
Torna grande a animação,
O povo todo se atira,
Cum vontade, no "Chitão".

Em certa altura dessa narrativa laudatória, outro violeiro, chegado no momento, interveio na cantoria, encerrando-a com chave de oiro:

No Massapê, o "Chitão"
Arrebata o povo inteiro,
É na noite de São João,
Santo querido e festeiro.
Hai quadria no salão

E fogueira no terreiro.
Tem traque, bomba, balão
E bôlo de tabuleiro,
Um casamento matuto,
Com musga, viva e berreiro
Anima tanto o "Chitão"
que a festa vira salseiro!

É, com franqueza, estonteante e fantástica a noitada do "Chitão" em Massapê. A Cidade inteira, no auge do entusiasmo, vibra em febril delírio coletivo. Os foliões, numa alucinadora apoteose, caem no pagode cantando, e puxam cordões, horas a fio, "da bôca da noite à bôca do dia", no dizer pitoresco do saudoso Manuel Virgem.

BUMBA-MEU-BOI

O Bumba-meu-boi, conhecido vulgarmente pela denominação de reisado, é uma dança popular muito em moda no interior cearense. Dentre os folguedos plebeus, sem dúvida êle se apresenta como o mais interessante e o que mais agrada à modesta gente matuta. Realiza-se no período de 25 de dezembro a 6 de janeiro, ou melhor, do dia do Natal ao de Reis. Compõe-se de figuras humanas caracterizadas e de simulados quadrúpedes e bípedes da fauna sertaneja.

Em Massapê, o Bumba-meu-boi goza de justa fama e atrai enorme massa de curiosos. Seus participantes são variados. Além do Cazuza, proprietário da fazenda, da sua espôsa Donana, de Mariquinha e Zabelinha, filhas do casal, do Mateus e Eliseu, vaqueiros de confiança, dos Caretas, Papangus, Damas e Galantes, integram o elenco burlesco, o Boi, a Burrinha, a Ema e o Caboré. Aparece, primeiramente, em cena, o Boi, que berra, saudoso, e dança, sereno, ao som da harmônica e à vozeria dos vaqueiros, que o qualificam de bonito, mimoso, valente e querido. Enquanto o Boi, entre ovações, sapateia no pátio, as personagens que compõem o ruidoso auto popular, arremessam lenços nos circunstantes, à cata de propinas.

Se atendidas forem na solicitação simbólica, o agradecimento logo aparece através desta toada dolente:

Meu Boi bonito
Da cabeça aos pés,
Faz uma vênia
Ao seu **Manassés!**

Caso, porém, o lenço seja devolvido sem dinheiro enrolado na ponta, a represália é fulminante:

Meu Boi de luxo,
Que dança ligeiro,
Fura, agora, o bucho
Do Oscar Carneiro!

Garrote famoso
Da fazenda Oiti,
Dá uma chifrada
No seu **Coraci.**

Em certo momento, o Boi se exaspera e investe contra todos e contra tudo. Ante a sua fúria, certeira paulada do vaqueiro Mateus lança-o por terra, ferido. Apesar do clister que lhe aplica, rápido, o curandeiro, introduzindo-lhe no ventre um menino espavorido, a rês suspira e morre. É logo esquartejada e distribuída em pedaços às pessoas gradas da platéia, ao som dêste estribilho:

O filé e o mocotó
Dou a seu **Caló.**

O patim e a chã,
Ao Isaac e ao Marrã.

O debuio do fato,
Ao Soares e ao Renato.

E a tripa gaiteira
É do Zé-Teixeira...

Em seguida, surgem, um a um, a Burrinha, a Ema e o Caboré, que pulam, estrebuchnam e sapatelam aos brados das Damas, dos Galantes e dos Caretas, de cujas bôcas saem, às vêzes, versos facetos. Para a Burra enfeitada, ouvem-se quadras dêste jaez:

Dança e requebra, Burrinha,
Minha flor de muçambê.
Escaramuça, bichinha,
Hoje, aqui no Massapê.

A minha burra castanha
Come tudo que lhe dão.
Só não come carne fresca,
Sexta-feira da Paixão.

A Ema e o Caboré recebem, por igual, referências rimadas. Os figurantes do conjunto caricato dirigem-lhes cantilenas ora laudatórias, ora causticantes. Anotem-se estas trovas alusivas ao avestruz brasileiro:

Lá vem a Ema,
Comendo feijão.
Vem bem de mansinho,
Com o bico no chão...

Lá vem a Ema,
Vem bem devagar,
Com o bico no chão,
Comendo juá...

O Caboré, pela insignificância e feiúra, é castigado de modo cruel. Não o toleram, nem lhe respeitam os próprios pais. Observe-se como os Papangus e as Damas tratam o infeliz:

Caboré malvado,
Figura do cão,
Tu és desgraçado.
Ninguém te quer, não...

Caboré, cara suja,
Do ôco do pau,
Tua mãe é coruja,
Teu pai, bacurau.

O Caboré encerra o tradicional bailado matuto, em meio a vaia da assistência. Terminada a folgança, o grupo festivo retira-se da casa, cantando trovas repletas de saudade, aos acordes da harmônica e da viola.

JUDAS DE CAPIM

O famoso Judas de Capim reproduz a figura execranda do Iscariote, que, num cinismo revoltante, vendeu Cristo aos fariseus por 30 moedas. Brincadeira essencialmente folclórica, o enforcamento dêste traidor, hediondo e desprezível, no sábado de Aleluia, expressa a repulsa do povo ao ato infame que a história regista em página negra.

Em Massapê, tal usança se pratica, anualmente, em meio a desbragada algazarra do poviléu. Na noite do último sábado quaresmal, grupos de rapazolas expansivos e folgazões tentam roubar os Judas simbólicos escondidos nas casas dos costumeiros confeccionadores. Quando não conseguem o intento, serram-lhes as portas, bebem o leite das vacas no curral, deixando os bezerros em jejum, e, ainda, lhes levam as galinhas gordas dos chiqueiros, para a ceia alegre e fraterna. A seguir continuam a perambular pelas ruas afora e, com voz disfarçada, em tom cavernoso, chamam "para o pau" certas pessoas da Cidade, especialmente os cavaquistas, que, fulos de raiva, se exasperam ante a provocadora invocação das alcunhas burlescas por que são conhecidos.

Às vêzes, semelhante divertimento resulta em xilindró. No ano de 1922, prèviamente combinados, 15 pixotes da sociedade, em grupos de 5, alta madrugada de sábado da Ale-

luia, iniciaram o gaiato chamamento gutural no centro e nos arrabaldes, numa irreverência martirizadora. Avisada em tempo, a Polícia, munida de sabre e fuzil, seguiu-lhes a pista, conseguindo, com tiros para o ar, recolher 12 à velha e sórdida cadeia da Baixa, onde permaneceram o resto da noite. Sòmente escaparam às malhas do destacamento vigilante, Alequi Vasconcelos, José Carneiro Frota e Moacir Lira, cujas pernas, na vertiginosa correria, foram mais velozes que as dos perseguidores de reiúnas apertadas.

Em 1926, o gracejo de mau gôsto repetiu-se, de forma mais violenta. Dessa feita, porém, não houve prisão no imundo xadrez. Sereno e cordato, o nôvo Delegado, que era o Tenente João Vieira, hoje, Coronel da Polícia Militar do Estado, limitou-se a levar os "chamadores" reincidentes para o banho no riacho, donde apenas saíram, ao raiar do sol, limpos de corpo e tiritantes de frio, como pintos calçudos.

Diversos Judas, na manhã do dia anterior à Ressurreição, aparecem enforcados em árvores improvisadas, nas praças e esquinas. Rompida que seja a Aleluia, tais bonecos de capim, ao bimbalhar dos sinos, são derrubados a tiros de rifle e estraçalhados pela meninada vadia e furiosa. Ato contínuo, costuma dar-se ao público ciência do testamento deixado pelo "suicida", no qual consta a distribuição dos bens aos seus parentes e amigos moradores na ribeira. O testamento é redigido em verso e encerra, de ordinário, legados chistosos e esmolambativos. Vejam-se apenas as três seguintes quadras constantes do longo testamento lavrado em 1926 e inserto no jornalzinho **O Colibri**, de 3 de abril dêsse ano. Nelas, Judas faz uma súplica à autoridade policial e oferta dois haveres a vultos destacados da urbe.

Tenente João Vieira!
Fiscalize o "balandrau",
Não consinta que a negrada
Chame o povo "para o pau".

Ao Prisco, meu bom parente,
Muito esperto no pagode,
Deixo a "cunhã" residente
Nos confins do "Alto do Bode"...

Ao Frederico de guerra,
O terror das Jabiracas,
Lego uma nesga de terra
No reino das Curicacas...

Entregues as dádivas aos respectivos donos, todos se recolhem, satisfeitos, aos lares. Pena é que, em vez de simples Judas de capim, não subam à fôrca, na manhã da Aleluia, milhares de Judas em carne e osso, que infestam, como uma praga, a face da terra!...

OUTROS ASPECTOS

DIPLOMADOS, MILITARES E SACERDOTES

Massapê, nada obstante a sua pouca idade, já possui regular número de filhos que conquistaram grau científico em diversas Faculdades do País, obtiveram patentes nas fileiras do Exército, da Marinha e Aeronáutica e receberam ordens sacerdotais nos Seminários das Dioceses cearenses.

Vão, a seguir, enumeradas as carreiras escolhidas e os nomes dos que as abraçaram.

DIPLOMADOS

DIREITO:

Anésio Frota Aguiar, filho de Francisco Felinto Aguiar e Rosa Frota Aguiar; **Raimundo Osvaldo de Aguiar**, filho de Pergentino Aguiar e Joaquina Frota Aguiar; **José de Melo Arruda** e **Aluísio de Melo Arruda**, filhos de João Arruda e Laura de Melo Arruda; **Francisco Vasconcelos Arruda**, filho de Ricardo José de Arruda e Teodora Carminda de Arruda; **Joaquim Morizé de Andrade**, filho de Francisco Álvaro de Andrade e Maria do Carmo Andrade; **Osmundo Pontes** e **Edilberto Pontes**, filhos de Manassés Pontes e Maria Sabino Pontes; **Maria de Lourdes Vasconcelos Pinto** e **Abelardo Vasconcelos**, filhos de José Carneiro Vasconcelos e Maria Corcira Aguiar Vasconcelos; **José Alaor de Albuquerque**, filho de José Edésio Carneiro de Albuquerque e Maria dos Anjos Lima de Albuquerque; **Francisco Édson Urano de Carvalho**, filho de Antônio Urano Sobrinho e Maria Mosinha Urano de Carvalho; **Luís Carlos Aguiar** e **Aderbal Magalhães Aguiar**, filhos de Vilebaldo Frota Aguiar e Maria Magalhães Aguiar; **Odaléia Alves Carneiro**, filha de Porfírio Carneiro e Maria Alves Carneiro; **Francisco Vicente Arruda**, filho de Vicente Arruda e Beatriz Arruda; **José Raimundo Linhares Ponte**, filho de Francisco Gonçalo da Ponte e Inestita Linhares Ponte; **Manuel Aguiar de Arruda** e **Maria do Socorro Aguiar Arruda**, filhos de Ricardo José de Arruda e Maria da Conceição Aguiar Arruda.

FILOSOFIA:

José Olimar Magalhães Carneiro, filho de Francisco Alcides Carneiro e Dalva Magalhães Carneiro.

MEDICINA:

Antônio Raimundo Gomes da Frota, filho de Antônio Raimundo Ferreira Gomes e Inês Furtado da Frota; **José Ossian de Aguiar**, filho de Joaquim Casimiro Aguiar e Ana Excelsa Andrade Aguiar; **Ivan da Frota Pôrto**, filho de José de Magalhães Pôrto e Francisca da Frota Pôrto; **José Pontes Neto** e **Aurimar Pontes**, filhos de João Pontes e Auri Araújo Pontes; **Antônio de Melo Arruda**, filho de João Arruda e Laura de Melo Arruda; **Raimundo Vasconcelos de Arruda**, filho de Ricardo José de Arruda e Teodora Carminda de Arruda; **Djacir Ribeiro Paraíba** e **Adjemir Ribeiro Paraíba**, filhos do Desembargador Hermes Paraíba e Elvira Ribeiro Paraíba; **Hélder Vasconcelos Alves**, filho de Raimundo Alves e Ana Alice Vasconcelos Alves; **José Austregésilo Medeiros Mendes**, filho de Rubens Mendes Carneiro e Marfisa Medeiros Mendes; **Gérson Soares Carneiro**, filho de Dermeval Carneiro de Vasconcelos e Francisca Soares Carneiro; **Eládio Pessoa de Andrade**, filho de Francisco Rodolfo Pessoa de Andrade e Luisa Pessoa de Andrade; **Otacílio Costa**, filho de Nonato Costa e Maria Angélica Costa; **Francisco Potiguara Carvalho**, filho

de Gaudêncio Carvalho e Juvita Chaves Carvalho; **José Pompeu Vasconcelos Filho**, filho de José Pompeu Vasconcelos e Maria Edith Figueiredo Pompeu e **Francisco Edward Aguiar**, filho de Antônio Rodrigues Aguiar e Maria Marfisa Aguiar.

Nota: Nessa relação dos esculápios naturais de Massapê, apenas o primeiro e o segundo, Dr. **Antônio Raimundo Gomes da Frota** e Dr. **José Ossian de Aguiar**, abriram lá consultório e clinicaram por alguns anos. É justo, por isso, que lhes sejam feitas ligeiras referências neste momento.

— Nascido a 15 de junho de 1889, o Dr. Antônio Raimundo Gomes da Frota, conhecido na intimidade por Santinho, após defesa da tese epigrafada "Do Granuloma Ulceroso Tropical", diplomou-se em Medicina e recebeu o grau de Dentista, em 1915, na Bahia. Chegou a Massapê em começo de 1916 e clinicou até março de 1919, ano em que partiu rumo ao Triângulo Mineiro, mudando-se, depois, em definitivo, para a cidade de Ipameri, no Estado de Goiás, onde se impôs como exímio técnico na arte de curar e dirigiu confortável hospital. Ingressou na política e fêz carreira, como parlamentar e administrador.

Durante sua gestão na Prefeitura de Ipameri, realizou várias obras de relevância. O povo da Cidade, em sinal de gratidão, ergueu-lhe o busto em bronze na praça pública.

Na condição de deputado, bateu-se pela mudança da Capital do Estado para a moderna Goiânia.

* * *

— Diplomado em 1923, com louvor, pela Faculdade de Medicina do Rio, o Dr. José Ossian de Aguiar regressou a Massapê, em 1924 e ali permaneceu até o fim de 1927, prestando ao povo da Cidade valiosos serviços médicos. Transferiu-se, nesse mesmo ano, para Sobral, granjeando logo merecida fama no exercício da profissão.

Em 1936, veio residir na capital cearense, de cuja sociedade é figura marcante e em cujo meio científico se projetou

como notável cirurgião, atenta a sua perícia nessa especialidade. Abrilhantou a cátedra de clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade do Ceará da qual foi Diretor nos primórdios do seu funcionamento.

ENGENHARIA:

Francisco Aguiar Carneiro, filho de José Carneiro de Vasconcelos e Maria Corcira Aguiar Vasconcelos; **João Batista Vasconcelos Dias**, filho de Pedro Dias e Iracema Vasconcelos Dias; **Vilmar Pontes, Auricélio Pontes** e **Glauco Pontes**, filhos de João Pontes e Auri Araújo Pontes; **Sebastião Carlos de Albuquerque** e **José Airton Albuquerque**, filhos de Amadeu Albuquerque e Francisca Magalhães Albuquerque; **José Afrânio Vasconcelos Carneiro**, filho de José Carneiro de Araújo e Edith Vasconcelos Carneiro; **Francisco Edvanir Andrade**, filho de Paulo Andrade e Diana Arruda Andrade; **Antônio Jairo Soares Arruda**, filho de Sigefredo Arruda e Creusa Soares Arruda; **José Osvaldo Pontes**, filho de Manessés Pontes e Maria Sabino Pontes; **Yapagan Ribeiro Costa** e **Nélson Júnior Vieira Costa**, filhos de Nasário dos Santos Vieira Costa e Débora Ribeiro Costa e **Francisco Dias Vasconcelos**, filho de José Ananias Vasconcelos e Mimosa Dias Vasconcelos.

AGRONOMIA:

Francisco Leôncio Andrade, filho de Joaquim Anselmo de Andrade e Maria da Penha Andrade; **Francisco Edmundo de Sousa Melo**, filho de Pedro Melo e Maria da Conceição de Sousa Melo; **Luciano Vasconcelos Carneiro**, filho de José Carneiro de Araújo e Edith Vasconcelos Carneiro e **João Aguiar Melo**, filho de João Alfredo Melo e de Maria Aguiar Melo.

ODONTOLOGIA:

Antônio Raimundo Gomes da Frota, filho de Antônio Raimundo Ferreira Gomes e Inês Furtado da Frota; **Francisco**

Frota Aguiar e **Renato Frota Aguiar**, filhos de Pergentino Aguiar e Joaquina Frota Aguiar; **Amílcar Mamede**, filho de João Mamede de Sousa e Maria Mamede de Sousa; **Joaquim Morizé de Andrade**, filho de Francisco Álvaro de Andrade e Maria do Carmo Andrade; **Osman Mendonça de Aguiar**, filho de Miguel Arcanjo de Aguiar e Maria Cândida Mendonça de Aguiar; **Francisco Aguiar**, filho de Emílio Aguiar e Angélica Frota Aguiar; **Miguel Enéas Silva**, filho de Raimundo Enéas Silva e Maria Umbilina Silva; **Francisco Mendes Medeiros**, filho de Francisco Ulisses Medeiros e Maria Mendes Medeiros; **Francisco Parente Dias**, filho de José Dias de Carvalho e Marieta Parente Dias; **Armando Costa**, filho de Nonato Costa e Maria Angélica Costa; **Elso Aguiar Medeiros**, filho de José Ulisses Medeiros e Ormisa Aguiar Medeiros; **Maria Odele Soares Canuto**, filha de Francisco Canuto e Maria Soares Canuto e **Aderson Wellington Magalhães Carneiro**, filho de Francisco Alcides Carneiro e Dalva Magalhães Carneiro.

FARMÁCIA:

Miguel Frederico Aguiar e **Anete Aguiar**, filhos de Vicente Aguiar de Sousa e Maria Andrade Aguiar; **Odila Soares**, filha de José Arteiro Soares e Júlia Soares; **Adjemir Ribeiro Paraíba**, filho do Desembargador Hermes Paraíba e Elvira Ribeiro Paraíba; **Ialomita Arruda Lorda**, filha de João Arruda e Laura Melo Arruda; **Maria Stela Aguiar Feitosa e Castro**, filha de João Batista Aguiar e Isabel Iraci Aguiar, **Luís Valdir Soares Arruda**, filho de Sigefredo Arruda e Creusa Soares Arruda.

CIÊNCIAS ECONÔMICAS:

José Marcelo Aguiar Vasconcelos, filho do Dr. João Coraci Vasconcelos e Giselda Aguiar Vasconcelos; **Evandro Pessoa de Andrade**, filho de Francisco Pessoa de Andrade e Luísa Pessoa de Andrade; **José Osmar Pontes**, filho de Manassés Pontes e Maria Sabino Pontes e **Francisco Leôncio Andrade**, filho de Joaquim Anselmo de Andrade e Maria da Penha Andrade.

CIÊNCIAS CONTÁBEIS:

Ademar Arruda, filho de José Livino Arruda e Maria da Conceição Arruda; **José Ribamar de Vasconcelos** (também quartanista de Direito) e **Maria da Conceição Vasconcelos Sabóia**, filhos de José Carneiro de Vasconcelos e Maria Corcira Aguiar Vasconcelos; **José Isaac Pontes**, filho de Isaac Pontes e Maria Agripina Pontes; **Antônio Pontes Aguiar**, filho de Patriolino Aguiar e Maria Pontes de Aguiar; **José Osvaldo Dias**, filho de José Dias de Carvalho e Maria Jovem Andrade Dias; **Egídio Balduíno Araújo**, filho de Francisco Henrique de Araújo e Ana Xavier de Araújo; **João Raimundo Sancho**, filho de Francisco Rodrigues Sancho e Isabel Rodrigues Sancho; **José Odernes Figueiredo**, filho de Inácio Capistrano Figueiredo e Maria Madalena Arruda Figueiredo; **José Frota Bezerra**, filho de Pedro Bezerra de Sousa e Angélica Frota Bezerra; **Francisco Anastácio Carneiro**, filho de Alfredo Ildefonso Carneiro e Maria da Conceição de Sousa Carneiro; **Gerardo Pereira**, filho de Virgílio Pereira e Valfrida de Meneses Pereira; **José Emetério Costa**, filho de Nonato Costa e Maria Angélica Costa; **João Batista Aguiar**, filho de Patriolino Aguiar e Maria Pontes de Aguiar; **José Jales Figueiredo**, filho de José Osvaldo de Figueiredo e Maria Petronila Vasconcelos Figueiredo; **Maria do Livramento Alves**, filha de Raimundo Araújo Gomes e Jacinta Alves Araújo; **José Mário Pontes de Sousa**, filho de Francisco Joaquim de Sousa e Maria Júlia Mouta.

PROFESSÔRAS TITULADAS:

Albetisa Aguiar de Figueiredo, filha de Joaquim Aguiar e Maria de Sousa Aguiar; **Arolisa Aguiar de Freitas**, filha de **José Aguiar** e **Elvira Carvalho Aguiar**, **Francisca Alcida Aguiar Veras**, **Maria Zélia Aguiar Ferreira Gomes** e **Elda Maria Aguiar**, filhas de João Batista Aguiar e Isabel Iraci Aguiar; **Antonina Aguiar Pereira**, **Rosa Maria Aguiar Rebouças** e **Margarida Maria Aguiar**, filhas de Vilebaldo Frota Aguiar e Maria Magalhães Aguiar; **Maria de Jesus Dias Memória**, **Adiléia Dias Melo**, **Teresa de Jesus Dias**, **Zilmar Dias Valença**, **Maria Consuelo Dias Hernandez**, **Úrsula Celina**

Dias Azevedo, filhas de Joaquim Dias de Carvalho e Rosa Urcisino Dias; **Maria Renée Aguiar Hasmann**, filha de Pergentino Aguiar e Joaquina Frota Aguiar; **Maria de Jesus Olímpio** e **Maria Tereza Olímpio Albuquerque**, filhos de Pedro Olímpio e Maria Conceição Olímpio; **Simone Frota Aguiar**, filha de Jarbas Aguiar e Margarida Frota Aguiar; **Helena Andrade Pontes**, filha de Miguel Pontes e Orsety Andrade Pontes; **Valdívia Soares Arruda**, filha de Sigefredo Arruda e Creusa Soares Arruda; **Maria de Jesus Dias Bastos**, filha de Miguel Dias de Carvalho e Maria Carmelinda Mendes Dias; **Maria de Jesus Carvalho Albuquerque**, filha de Francisco Chaves Carvalho e Diva Carvalho; **Iná Rocha Carvalho Lima**, filha do Dr. Raimundo de Carvalho Lima e Neusa Rocha Carvalho Lima; **Maria Cândida Soares Frota**, filha de Coriolano Gomes Frota e Laura Soares Frota; **Avani Mamede Carneiro** e **Helena Mamede Cisne**, filhas de João Mamede de Sousa e Nair Cisne Mamede; **Chirles Aguiar Albuquerque**, filha de Adalberto Aguiar Albuquerque e Ilca Aguiar Albuquerque; **Regina Pontes**, filha de Manassés Pontes e Maria Sabino Pontes; **Maria José Carneiro**, filha de Francisco Carneiro e Maria Conceição Andrade; **Maria Celeste Medeiros Gurgel** e **Rita de Cássia Mendes Medeiros**, filhas de Francisco Ulisses Medeiros e Maria Mendes Medeiros; **Maria do Carmo Vasconcelos de Castro Paula**, **Marta Maria Aguiar Vasconcelos**, **Marilsa Aguiar Vasconcelos** e **Irene Aguiar Vasconcelos**, filhas do Dr. João Coraci Vasconcelos e Giselda Aguiar Vasconcelos; **Maria Nazareth Albuquerque**, filha de Amadeu Albuquerque e Francisca Magalhães Albuquerque; **Maria do Socorro Carneiro**, filha de Dermeval Carneiro de Vasconcelos e Anísia Cunha Carneiro; **Maria Lúcia Pontes Arruda**, filha de Custódio Pontes e Alda Vasconcelos Pontes; **Benedita Soares**, filha de Plínio Arteiro Soares e Rita Magalhães Soares; **Margarida Vasconcelos Carneiro**, **Ana Virgilina Carneiro Lima** e **Conceição Vasconcelos Carneiro**, filhas de José Carneiro de Araújo e Edith Vasconcelos Carneiro; **Rita de Cássia Dias**, filha de Manuel Dias de Carvalho e Maria José Rodrigues Dias; **Maria de Lourdes Melo da Costa**, filha de Francisco Ribeiro da Costa e Maria Argentina Melo da Costa; **Aleuda**, **Elígia** e **Zoráida Medeiros Alves**, filhas de Assis Alves de Sousa e Teresa Medeiros Alves; **Teresinha Aguiar Guanabara**, filha de Raimundo Guanabara Aguiar e Arimá Guanabara Aguiar; **Rojane Frota Aguiar**, filha de Jarbas Aguiar e Margarida Frota Aguiar; **Vanderliza Carneiro Frota**, filha de Expedito Frota e Maria Estela Carneiro Frota; **Maria Aparecida Vasconcelos Marques** e **Maria Helena Vasconcelos Marques**, filhas de José Gerardo Marques e Lucília Vasconcelos.

MILITARES

EXÉRCITO:

General Raimundo Gomes Alves, filho de Francisco Alves e Maria Ferreira Gomes de Morais; **General Jales Pontes**, filho de João Pontes e Auri Araújo Pontes; **Coronel João Batista Aguiar**, filho de Patriolino Aguiar e Maria Pontes de Aguiar; **Coronel Lourival Nunes Ribeiro**, filho de Francisco Ribeiro Lima e Francisca Nunes Ribeiro; **Major Francisco Vidal Alves**, filho de Bento Alves de Sousa e Maria de Lourdes Vidal Alves; **Major Francisco Assis Magalhães Aguiar**, filho de Vilebaldo Frota Aguiar e Maria Magalhães Aguiar; **Tenente Moacir Nogueira**, filho de Joaquim Nogueira Borges e Luisa Nogueira Borges; **Tenente Ofir Andrade**, filho de José Frederico de Andrade e Úrsula Lima de Andrade; **Tenente José de Sena Filho**, filho de José de Sena e Maria Joaquina de Sena; **Tenente Francisco Cavalcante Azevedo**, filho de Vicente Azevedo e Maria Alice Cavalcante Azevedo e **Tenente José Mário Pontes de Sousa**, filho de Francisco Joaquim de Sousa e Maria Júlia Mouta.

MARINHA:

Capitão-Tenente José Maria Aguiar, filho de Francisco Lopes Maria de Aguiar e Rita Maria da Conceição; **Tenente Manuel Florêncio de Aguiar**, filho de Antônio Atibones Ximenes e Angélica Aguiar Ximenes; **Tenente Carlile Mendonça Aguiar**, filho de Miguel Arcanjo de Aguiar e Maria Cândida Mendonça de Aguiar; **Tenente Edmílson Costa**, filho de No-

nato Costa e Maria Angélica Costa e **Tenente Sebastião Jales Sena**, filho de Francisco Sena e Sinhá Dourado.

AERONAUTICA:

Coronel Mário Mamede, filho de João Mamede de Sousa e Maria Mamede de Sousa; **Major Ivan Moacir da Frota**, filho do Dr. Antônio Raimundo Gomes da Frota e Adélia Baiocci Frota; **Capitão Francisco Garcez Lira**, filho de Antônio Lira Pessoa e Menta Alves Pessoa; **Tenente Estélio de Freitas**, filho de Pedro Tomé de Freitas e Ester de Freitas e **Tenente José Humberto Dourado**, filho de Francisco de Sena e Sinhá Dourado.

SACERDOTES

Pe. **José Arteiro Soares**, filho de José Arteiro Soares e Júlia Soares; Pe. **José Osmar Carneiro**, filho de Francisco Carneiro e Maria da Conceição Andrade Carneiro; Pe. **Francisco de Assis Sancho**, filho de Francisco Rodrigues Sancho e Isabel Rodrigues Sancho; Pe. **Otalício Carneiro Vasconcelos**, filho de Antônio Leocádio Vasconcelos e Guiomar Carneiro de Vasconcelos; Mons. **Joaquim Arnóbio de Andrade**, filho de Joaquim Anselmo de Andrade e Maria da Penha Andrade; Pe. **Moésio Nogueira Borges**, filho de Joaquim Nogueira Borges e Luísa Nogueira Borges; Pe. **Raimundo Frota Bezerra**, filho de Pedro Bezerra de Sousa e Angélica Frota Bezerra; Pe. **João Batista Soares Frota**, filho de Coriolano Gomes Frota e Laura Soares Frota; Pe. **Francisco Apoliano**, filho de Joaquim Apoliano e Ana Ferreira Apoliano; Pe. **Gerardo de Sousa Melo**, filho de Pedro Melo e Maria da Conceição Sousa Melo; Pe. **Mário Andrade Pontes**, filho de José Raimundo Pontes e Rosa Andrade Pontes e Frei. **Valentim**, filho de Rubens Pereira e Francy Olinda Arruda Pereira.

TITULADOS ADOTIVOS

São tidos como filhos adotivos de Massapê, já em virtude da sua fixação cedo à gleba, já pelos inestimáveis serviços prestados a ela, os seguintes portadores de grau científico:

— **Torquato de Aguiar**, odontólogo, **Francisco Olímpio de Aguiar**, bacharel e dentista e **Gaudêncio de Aguiar**, farmacêutico com estágio na Europa, filhos de Miguel Arcanjo de Aguiar e Teresa Maria de Aguiar. Procedentes da Palma, chegaram, na companhia dos genitores, em 1898, a Massapê, onde passaram a juventude e parte da idade madura.

— **José Deusdedith Vasconcelos.** Médico formado no Rio em 1926. Munido do canudo esculapiano, desembarcou em Massapê em janeiro de 1927. Deu logo início à atividade profissional e o fêz com tamanho sucesso que, rápido, lhe repercutiu o nome, vitorioso, em tôda a Zona Norte do Estado. Sua presença, bastas vêzes, recuperou doentes desenganados. No princípio de 1931, fixou residência em Fortaleza, granjeando justa fama como clínico. **João Coraci Vasconcelos.** Titulado em Farmácia. Lá exerceu a profissão, por dois decênios, com desvêlo fraternal e prestou assinalados benefícios ao povo do Município. **Moacir Vasconcelos.** Formado em Engenharia pela Faculdade de Ouro Prêto. Especializou-se em minérios e, atualmente, exerce o cargo de Professor na Escola de Engenharia de Pernambuco. São filhos do cel. João Batista de Vasconcelos e Virgilina Mendes Vasconcelos. Oriundos da Cidade de Santana, radicaram-se em Massapê, no ano de 1924.

Resistente qual Jacarandá, o cel. João Batista de Vasconcelos, aos 93 anos de idade, pois nasceu, em Santana do Acaraú, a 13-6-1876, ainda dirige as suas propriedades rurais e passeia em cavalo de sela com o equilíbrio de um mancebo. Da forma em que vai, na certa, atingirá os cem anos, sem perder as energias, as ouças, a visão e a lucidez!

— **José Mílton Dias.** Bacharel em Direito, Professor de línguas e brilhante escritor. Já deu à estampa três obras consagradas pela crítica indígena. Pertence à Academia Cearense de Letras. **Miron Vasconcelos Dias.** É formado em Medicina. Conquistou destacada posição no seio da classe. Especialista em obstetrícia, desfruta, nesse ponto, de renome. **Wilson Vasconcelos Dias.** Diplomado em odontologia, tornou-se abalizado técnico na matéria e goza de merecido conceito profissional. **João Batista Vasconcelos Dias.** Os quatro são filhos de Pedro Dias, farmacêutico já falecido, e Iracema Vasconcelos Dias. Dessa irmandade, o último é o único massapeense nato. Engenheiro Civil, ora ministra aulas na Faculdade de Enge-

nharia de Pernambuco. Os três titulados **Mílton, Miron** e **Wilson Dias** chegaram a Massapê tão guris que ainda chupavam bico, usavam sunga e tomavam banho de chuva, sem calção, em plena rua, nos "jacarés" das casas residenciais. A Cidade adotou-os como filhos diletos.

— **José Morethson Soares,** odontólogo e **Djalma Soares,** Médico, filhos de João Coridon Soares e Maria da Penha Soares, naturais da ex-Licânia, mudaram-se, fedelhos, para o torrão massapeense, em cujo meio passaram anos a fio. Abnegados e hábeis profissionais, lá residiram e clinicaram, com eficiência e a contento da população. Ora atuam em Fortaleza.

MASSAPEENSES HONORÁRIOS

São havidos, no conceito coletivo, como massapeenses honorários, em face da vinculação à terra pelo casamento com filhas de Massapê, dentre outras, as seguintes pessoas de projeção nos círculos culturais, jurídicos, médicos, pedagógicos, militares, bancários, industriais e mercantis do Ceará — Prof. **Djacir Meneses,** sociólogo notável e laureado catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Rio de Janeiro; Prof. **Fernando Leite,** catedrático das Faculdades de Medicina e Farmácia, brilhante tribuno e Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará; Ministro **Pedro Firmeza,** jornalista, ex-Deputado Federal, ex-Interventor do Ceará e antigo membro do Tribunal de Contas da Guanabara; Ministro **Edval Távora,** Advogado, parlamentar e atual componente de destaque do Tribunal de Contas do Estado; Desembargador **Agenor Monte Studart Gurgel,** magistrado esclarecido e elemento de relêvo do Egrégio Tribunal de Justiça do Ceará; Desembargador **Herbert de Maratoaan Castelo Branco,** Juiz de alta influência na magistratura; **Thompson Soares Bulcão,** causídico e ex-Procurador da Justiça Militar; Dr. **Edmílson Pinheiro,** Advogado, Professor e atual Diretor do "Colégio Municipal Filgueiras Lima"; Dr. **José Jereissati,** Bacharel, serventuário público e político; Dr. **Édison Burlamaqui de Sousa Martins,** Bacharel e ex-Auditor da Justiça Militar; Dr. **Tomaz Gomes da Silva,** Estatístico e Professor da Faculdade de Ciências Econômicas; Dr. **Luís Teixeira de Alcântara,** Magistrado e Conselheiro do Estado; Dr. **Vilebaldo Monteiro,** Advogado e Jornalista; Dr. **Ilo Cavalcante Aguiar,** Bacharel e Advogado; Dr. **Francisco José de Arruda Coelho,** Advogado e Procurador do I.N.P.S.; Dr. **Francisco Rocha Vítor,** Bacharel e Juiz de Direito; Dr. **Heládio Feitosa e Castro,** Professor da Faculdade de Medicina do Ceará e famoso cardiologista coestaduano; Dr. **Francisco de Andrade Leite,** Professor assistente da Escola de Medicina cearense; Dr. **Turbay Barreira,** Médico e clínico coestaduano; Dr. **Everton Mont'Alverne,** Médico radicado em Sobral; **Acilino Portela Marcílio,** Professor do "Colégio Estadual Justiniano de Serpa"; Dr. **Edmílson Bastos de Oliveira,** Médico; Dr. **Nilo Bezerra,** profundo conhecedor da ciência farmacêutica; Dr. **Francisco de Assis Barbosa,** Banqueiro e Professor da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará; Dr. **Antônio Esmerindo Pinto,** Contabilista e Professor da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará; Dr. **José Rebouças Macambira,** Professor de linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará; **Aloísio Pereira,** Contabilista; Dr. **Paulo O'Grady,** Engenheiro Civil com especialização na América do Norte; Dr. **José Augusto Lopes,** Engenheiro Civil, Professor de Mecânica e ex-Diretor da antiga Estrada de Ferro de Sobral e da Rêde de Viação Cearense; General **Cleto Potiguara Veras,** expressiva figura do Exército brasileiro; Coronel **Luciano Salgado,** oficial de largo conceito no Exército; Capitão-de-Fragata **Carlos Alberto Ferreira Gomes,** ex-Comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará; Coronel **Lúcio Mendes Frota,** Médico da Aeronáutica; **Abel dos Santos Lima,** ex-Deputado Federal e atual suplente; Dr. **Péricles Moreira da Rocha,** político e antigo parlamentar; **Francisco Baima, Carlos Alberto Moreira, Antônio Carlos Sabóia, João Carlos Sabóia, Gerardo Pinto, Ernesto Sabóia Figueiredo, João Evangelista de Araújo, Alan Beleza, Apolônio Ibiapina de Moura, Reinaldo Hasmann, Mílton Cavalcante,** graduados funcionários do Banco do Brasil e outros bancos; **Francisco Ernani de Castro, Francisco Ferreira da Costa** e **Lázaro da Silva,** competentes técnicos do antigo Ministério da Viação; **Francisco Alcides Carneiro,** funcionário de categoria do Tesouro do Estado; **Édison Queirós, Aristeu Holanda, Patriolino Ribeiro,**

Adalberto Mota, Jesus Hernandez e **José Elias Bachá,** altos comerciantes e industriais cearenses; **José Osvaldo Vasconcelos,** hábil estatístico; **Romeu de Castro Paula,** grande técnico nordestino no setor de refrigerantes; **José Alves,** negociante especializado no ramo de calçado. **Alaor de Albuquerque Júnior** e **Gonçalo Jorge de Oliveira,** contabilistas e negociantes; **Caramuru** e **Benjamin Aguiar Rocha,** vultos atuantes no funcionalismo público; **Belarmino Bezerra,** ativo corretor; **Luís Vidal, José de Magalhães Pôrto, Frederico Ponte, Francisco Lorda Filho, Campoamor** e **Brisamar Aguiar Rocha,** marcantes figuras do antigo comércio cearense.

Vale indicar, por igual, como massapeenses honorárias, às doutôras **Eulália Martins Carneiro, Francisca Coelho Paraíba** e **Maria Angélica Teixeira Andrade,** Médicas de renome, casadas, respectivamente, com Gerardo de Sousa Carneiro, Dr. Djacir Ribeiro Paraíba e Dr. Francisco Edvanir Andrade, influentes filhos de Massapê radicados na Capital alencarina.

Fazem parte, também, dessa galeria honorífica, Dona **Helena Rangel Aguiar,** espôsa do Dr. Ossian de Aguiar, fervorosa apologista do beletrismo e fundadora do "Clube das Amigas do Livro", centro cultural que há prestado inestimáveis benefícios às letras cearenses, e a distinta carioca, Dona **Maria Luísa Pontes,** ex-Chefe do Executivo Municipal massapeense e consorte do Dr. Aurimar Pontes.

ARTISTAS NATOS

Massapê já produziu regular número de artistas espontâneos que honraram e honram a vocação. Alguns dêles jamais tiveram o menor estudo especializado. Merecem trazidos à balha, na **Escultura** — Pedro Frutuoso e Francisco Lopes; na **Pintura** — Hermenegildo Louro Magalhães e Manuel Eleutério; na **Música** — João Louro Magalhães, José de Sena Filho e Francisco Carneiro; na **Arquitetura** — Ogésimo e Albertino Gomes; no **Rádio** — Constancinha Aguiar Vasconcelos; na **Comédia televisionada** — Wilson Aguiar, o "Cheiroso"; no **Canto** — Benedita Ribeiro e Cleide Vasconcelos.

No concernente à versicultura, arte quase divina, além de Frederico Andrade, que a exercitou **in illo tempore,** de

Aloísio Bezerra, Alci Carneiro e Batista Pontes, que a ela se dedicam, do Rofrota, perito em cromos setissílabos, e de Maria de Lourdes Vasconcelos Pinto, alma eleita de poetisa dotada de perfeição estética, salientam-se os bardos popularizados e adeptos da musa burlesca — Miguel Soares, Raimundo Viana, Francisco Lira, Ovêncio Júnior, Custódio Pontes, Francisco Carvalho e Gerardo Magalhães. Há, de suas lavras, interessantes primores rimados. Eis duas amostras colhidas na seara sentimental dos menestréis apologistas do torrão nativo.

Acometido de nostalgia súbita, Aloísio Bezerra, ao rever, em 1967, a materna gleba sertaneja, recordando a infância, fotografa-a neste sonêto:

Eu entro em Massapê. Já vejo a letra
Do casarão de meu avô, antigo,
Dos meus dez anos carinhoso abrigo,
De onde se ouvia o toque da retreta.

Como era bom correr pra Mansueta,
Galgar Bandeira Branca!... E que perigo
O Chico-Doido, o Verniô!... Bendigo
A Deus a sorte em possuir Mãe-preta!

E ao reviver meu tempo de criança,
Encerra cada olhar uma lembrança,
Quanta saudade cada olhar encerra!

Ah! se pudessem retornar, agora,
Aquelas mesmas ilusões de outrora,
As doces ilusões da minha terra!

Dominado pela saudade, "delicioso pungir de acerbo espinho", Francisco Alci, após impenitente andança no ôco do mundo, regressa ao rincão bucólico, onde enterrou o umbigo e, cheio de júbilo, o enaltece neste instantâneo:

Massapê, realmente, só agora,
Volto ao teu seio, terra estremecida,
Nunca olvidei o dia da partida,
O destino causou-me essa demora.

Vagando sempre pelo mundo afora,
Não consegui que fôsses esquecida,
Nesta hora, ao te fitar, terra querida,
Minha alma de prazer logo se enflora.

Os amigos dos quais levei saudade,
Os amigos da minha mocidade
Dão-me, outra vez, levíssimos acenos...

E a bonita casinha em que nasci
Relembra-me o passado e eu revivi
A infância ao lado dos irmãos pequenos.

Merece, também, conhecido o fruto rimado dos troveiros chistosos e irreverentes. Pertence a Miguel Soares o seguinte improviso, feito em resposta a certa dama, que lhe suplicara conselho para romper o laço matrimonial:

Nunca fui, nem sou poeta,
Não faço versos de vate.
Por mim ninguém se inquieta,
Quem deu seu nó que desate...

Atribui-se ao Raimundo Viana esta aguda explosão de jejum amoroso, na fase risonha do seu noivado:

Eu confesso, sem gracejo,
Minha beldade adorada:
— No dia em que não te vejo
Não como, nem faço nada...

Francisco Lira pouco ligava à crendice popular. Para êle fantasmas dêste e do outro mundo não passam de mito. A tal respeito, assim exprimiu, irônicamente, o pensamento:

Bicho que anda de noite,
De dia, o sinal consome.
Não conheço rasto de alma,
Nem couro de lobisome...

Em 1930, numa roda de calçada, na residência do cel. João Batista, em Massapê, após delicioso licor de peroba, serviram, ao poeta Ovêncio Júnior, uma xícara de café. Em vez de passar nôvo moca, a empregada, displicente, requentou a sobra contida no bule e lha ofereceu. Ao sorver os primeiros goles, o conhecido humorista exclamou, de chôfre:

Com arte e com gôsto até,
Tomo licor de peroba,
Mas, quem diz que isto é café,
Jamais bebeu manjerioba!...

Êste café é tão ruim
Que me deixou zuruó!
Vá fazer café assim
Na casa da sua avó!...

Filhos adotivos de Massapê, Lauro Meneses, Francisco Rocha e Alcides Pinto receberam, por igual, a doce inspiração de Apolo. O primeiro fêz bons sonetos parnasianos, o segundo compôs belas trovas repletas de lirismo e o terceiro escreve admiráveis poemas modernistas.

VITORIOSOS NO REINO DE MERCÚRIO

O massapeense é, antes de tudo, um batalhador intimorato. A sua admirável resistência suporta o açoite da adversidade e a fibra rígida que a natureza lhe deu o encoraja para a refrega. Nascido em meio pobre e causticado pelo flagelo climático, cedo se dedica, com ardor, ao trabalho incessante, a fim de não fracassar na luta pela vida. Deslocado que seja para outro meio, já vacinado se acha contra as intempéries avassaladoras da alma humana e apto, portanto, para enfrentar qualquer situação, sem perigo de insucesso.

Inata lhe é, via de regra, a vocação para o comércio, em cujo seio costuma ingressar adolescente, e de cujos segredos fica logo senhor. Daí o motivo por que Mercúrio se apresenta como o deus mitológico da sua preferência. Para prová-lo basta dizer que atinge a mais de meio milhar o número de

massapeenses que se dedicaram ao setor mercantil e venceram, galhardamente, na capital cearense e em outras cidades do Brasil. É-nos impossível, na estreiteza dêste folheto, a citação da totalidade de tais felizardos. Restringir-nos-emos, por isso, a mencionar sòmente alguns nomes que nos são do conhecimento pessoal. Vejamo-los à frente de vários negócios nas seguintes capitais:

FORTALEZA

Exportadores. Antônio Carlos de Paula, Antônio Garcez Vasconcelos, Alberi Dias, Aparício Aguiar, Francisco de Melo Arruda, Francisco Anastácio Carneiro, Francisco Andrade Dias, Gerardo de Sousa Carneiro, Hermano Frota, José Osvaldo Dias, José Alfredo Carneiro, Joaquim Morizé de Andrade, José Raimundo Figueiredo, José Vilar de Andrade, José Pompeu Vasconcelos, Manuelito Rodrigues Dias, Mário Pompeu Vasconcelos e Wilson Rodrigues Dias.

Lojistas. Aprígio Coelho de Araújo, decano dos lojistas fortalezenses, Alfredo Parente Dias, Alequi Vasconcelos, Alci Carneiro Cavalcante, Antônio Sabino de Paula, Antônio Felinto Frota Aguiar, Antônio Pontes Aguiar, Ábner Pontes, Antônio Cândido Aguiar, Bento Alves de Sousa, Deusdedith Carneiro Cavalcante, Fernando Pontes Aguiar, Francisco de Assis Alves, Francisco Costa, George Airton de Melo Arruda, Hindenburgue Vasconcelos, Irajá Vasconcelos, Jasson Vasconcelos, José Isaac Pontes Filho, José Odernes Figueiredo, José Maria Dias, José Augusto Aguiar, José Pontes, José Vidal Alves, José Pompeu Vasconcelos, José Machado, José Barreto Arruda, José Eurípides Arruda, José Haroldo Aguiar, Joaquim Arteiro Soares, João Batista Medeiros, João Raimundo Sancho, José Garcez Rios, Luciano Alves, Luís Vidal Alves, Manuel Carneiro Cavalcante, Moisés Rodrigues Sancho, Manuel Levino Rodrigues, Miguel Anastácio de Sousa, Nilo Mendes Medeiros, Olavo Pontes, Osman Pontes, Ólsen Pontes, Raimundo Nonato Alves, Rossi Frota Aguiar, Raimundo Guanabara Aguiar e Humberto Rios.

Industriais. Operam nessa área Antônio Garcez Vasconcelos, Antônio Bastos Sampaio, José Valdecir Aguiar, José Afonso Sancho, José Alves Vidal, José Dias Vasconcelos e Miguel Dias Sobrinho.

Banqueiros. Dedicam-se a essa especialidade José Afonso Sancho, José Carneiro de Araújo, José Adberto Sabino e José Raimundo Figueiredo.

Bancários. Pontificam nessa esfera, em elevados postos, Aloísio Bezerra, Abdias Lima, Carlos Soares Lopes, Francisco de Assis Figueiredo, Francisco Nélson Ferreira Gomes, Hermenegildo Louro Magalhães, José Jales Figueiredo, João Coraci Vasconcelos Júnior, José Wilson Figueiredo, José Vitor Mendes Medeiros, José Soares Lopes, José Adroaldo Costa, Olavo de Sousa, Valdir Milério, José Barreto Arruda Filho, José Luciano Arruda e José Danilo Rubens Pereira.

Corretores. Desempenham essa tarefa Carlos Alberto Figueiredo, Francisco Pontes, Garcez Milério, José Wilson Frota, José Maria Pontes, José Raimundo Figueiredo e Miguel Frota Aguiar.

BRASÍLIA

Lojistas. Mourejam em tais condições Antônio Frota Soares, Francisco Bastos Sampaio, e como proprietários da "Emprêsa Eldorado", Francisco Aguiar Carneiro e Francisco de Assis Vasconcelos.

RIO DE JANEIRO

Lojistas. São maiorais nesse particular Altamir Oquendo, Armando Andrade Rios, Francisco das Chagas Alves de Sousa, Francisco Lira Rios, Manuel Isaac Pontes e Piragibe Aguiar.

SÃO PAULO

Lojistas. Exploram êsse campo mercantil Alberto Wilo Rios, Albério Frota, Francisco Ernani Rios, João Rios Neto e José Wilson Frota.

PÔRTO ALEGRE

Bancários. Desempenham essa função em casas creditícias oficiais, Jacinto Aguiar Medeiros, Miguel Aguiar Medeiros e Mac-Mahon Pontes.

* * *

Além dêsses batalhadores em plena atividade, outros há que lidaram no comércio e, hoje, dêle se afastaram, uns para adoção de nôvo mister, outros para gôzo de descanso restaurador. Figuram como tais Osires Pontes, Manassés Pontes, João Mílton, João Cisne, Isaac Pontes, Oscar Carneiro, Gabriel Aguiar, Fausto Aguiar Arruda, Inácio Capistrano Figueiredo, Edgard Arruda, José Ursulino de Paula, Antônio Coridon Soares, Osmar Soares Lopes, João Bôto, Elpídio Marques Costa e Nonato Costa.

Merecem, também, salientados, num preito de saudade, os massapeenses desaparecidos, que se tornaram sólidos negociantes em Fortaleza. Incluem-se nesse rol de tão nobres padrões de energia os inesquecíveis, João Pontes, João Arruda, Francisco Álvaro de Andrade, José Raimundo Pontes, Luís Nélson Lopes, Miguel Dias de Carvalho, Antero Coelho de Araújo, Antônio Lira Aguiar, Plínio Arteiro Soares, José Osvaldo Figueiredo, Vilemar Soares Lopes, Patrício Coelho de Araújo, Francisco Ulisses de Medeiros e José Pontes Filho. Embora mortos, continuam sempre lembrados através do exemplo edificante do seu trabalho fecundo deixado na face da terra.

Entregues à lida mercantil, industrial e bancária, êsses incansáveis homens de negócio se apresentam úteis ao meio em que passaram a viver e fortes perante a coletividade em que se integraram. Mercê da energia de sua têmpera e da

rigeza do seu ânimo, contribuem e contribuíram, com valiosa parcela de labor construtivo, para maior incremento das metrópoles, em cujo ambiente lutam e lutaram, sob o impulso de bravura estóica. São, em verdade, dignos de elogio e merecedores de admiração.

COLÔNIA, LIGA E CENTRO MASSAPEENSES

Na década de 1920, em conseqüência da tremenda crise do ano anterior, massapeenses, às centenas, deixaram o berço nativo pela "loura desposada do sol", que os acolheu, de bom grado, no seio carinhoso. Vieram, ficaram, lutaram e venceram. Hoje, a Colônia, numerosa e respeitada, constitui admirável reflexo da antiga opulência da terra distante, atuando e florescendo em Fortaleza, que é o próprio coração do Ceará.

Ciente de que a união faz a fôrça, a Colônia deliberou, em boa hora, congregar-se em um só bloco para adquirir mais valor perante a sociedade em particular e junto às autoridades estaduais em geral. Nasceu, assim, em 1922, sob os auspícios do cel. João Arruda, a "Liga Massapeense", cuja primeira Diretoria ficou desta forma composta:

Presidente, cel. João Arruda; Vice-Presidente, Dr. Nilo Bezerra; 1.º Secretário, Aldo Prado; 2.º Secretário, Urcisino de Castro; Tesoureiro, Edgard Arruda; Adjunto de Tesoureiro, Aparício Aguiar; Diretores — José Raimundo Pontes, Aprígio Coelho, Osvaldo de Aguiar, José Maria Pontes e Joaquim Arteiro Soares; Conselho Fiscal — Dr. Olímpio Aguiar, cel. José de Magalhães Pôrto e Frederico Ponte.

Durante 10 anos, prestou a Liga grandes favores a Massapê em variados sentidos.

A 30 de novembro de 1932, dada a deliberação de pujante equipe de filhos da terra, tais sejam: João Arruda, João Pontes, Álvaro de Andrade, Isaac Pontes, Edgard Arruda, Manassés Pontes, Aprígio Coelho de Araújo, Francisco Vasconcelos Arruda, Francisco de Melo Arruda, Antônio Pontes Aguiar e outros de igual relêvo, a Liga sofreu transformação, tomando o nome de "Centro Massapeense", sociedade civil de esfera mais ampla. O seu escopo é louvar as nobres iniciativas e amparar os justos desejos de Massapê, partilhando dos seus eventos festivos e cooperando com o poder público na solução dos seus problemas primaciais.

A construção da sede própria do "Centro" iniciou-se em 21 de abril e terminou em 30 de novembro de 1954. O prédio é moderno, amplo e elegante. Fica situado em Fortaleza, na Praia de Iracema, na Avenida Aquidabã, n.º 760.

Presidiram aos destinos da renovada associação beneficente e diversional, no lapso de 1932 a 1967, os seguintes cidadãos: cel. João Arruda, de 1932 a 1935; Dr. Francisco Vasconcelos Arruda, de 1936 a 1940; Dr. Ossian de Aguiar, 1941; Dr. Pontes Neto, 1942; Dr. Osmundo Pontes, 1943; Edgard Arruda, 1944. Ocuparam, a seguir, a presidência, em tempos sucessivos, o Dr. Raimundo Arruda Vasconcelos, Francisco de Melo Arruda, Wilson Rodrigues Dias e o Dr. Antônio de Melo Arruda. Os ditos presidentes tiveram brilhante e proveitosa atuação à testa do Grêmio. Lutadores e operosos, muito produziram, no período das respectivas administrações, correspondendo, assim, à confiança que lhes depositaram os associados.

O "Centro" há sido vigilante em tudo que diz respeito ao bem-estar do Município. Nunca lhe negou auxílio, nos dias difíceis da sua vida. Lá, em tempos passados, além do "Gabinete de Leitura Cel. João Arruda", criou a "Escola Aprígio Coelho", em homenagem àquele velho chefe político e a êste conceituado líder do comércio lojista cearense e devotado amigo de Massapê, para cujo progresso sempre tem concorrido. Realizou, ainda, o "Centro" outros cometimentos de suma significação e patente interêsse público. Nos anos escassos, vai-lhe ao encontro e lhe fornece dinheiro, gêneros alimentícios e remédios para socorro dos necessitados. De tempo em tempo, promove **in loco** o Natal das crianças pobres, cercando-as de carinho fraternal e ofertando-lhes leite, roupas e brinquedos.

Eleito para o biênio de novembro de 1967 a novembro de 1969, dirige o "Centro", presentemente, a pessoa de Carlos Félix de Sousa, que se há conduzido com aprumo e eficácia administrativa. Hélder Vasconcelos Alves, vice-presidente, está sempre ao lado da agremiação, auscultando-lhe os anseios, de modo afetuoso. Por último, substituiu-o no cargo o cel. Austregésilo Rodrigues Lima. Integram, também, a vigorante Diretoria João Batista Ponte de Sousa, José Edílson Frota, Teófilo Elias Romcy, Dr. Lúcio Melo e Dr. Rui Amorim, equipe

esforçada e valiosa. Figura como diretor-tesoureiro José Mário Pontes de Sousa, incansável no desempenho do mister.

Se bem não participem da atual direção, contudo, Francisco de Melo Arruda, Antônio de Melo Arruda, Antônio Pontes Aguiar, Manassés Pontes, Osmundo Pontes, Morizé de Andrade, Odernes Figueiredo, Osvaldo Dias, Gerardo Carneiro e tantos outros de igual mérito jamais esquecem o "Centro", a que dedicam estima especial e em cuja defesa gastam as energias físicas desde longa data.

Sem dúvida, o "Centro Massapeense" honra os filhos da terra e já se impôs ao conceito do público cearense, pelo valor intrínseco e, sobretudo, pela sua conhecida atividade beneficente e social. Basta isso para torná-lo credor da nossa consideração e do nosso aprêço.

LEIS ATINENTES AO MUNICÍPIO, AO TÊRMO, À CIDADE E À COMARCA

LEI N.º 398, DE 25 DE SETEMBRO DE 1897

Eleva à categoria de Vila, sob a denominação de Serra Verde, a povoação de Massapê.

O Estado do Ceará, por seus representantes, decretou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1.º — Fica elevada à categoria de Vila, sob a denominação de Vila da Serra Verde, a povoação do Massapê.

Art. 2.º — O nôvo Município limitar-se-á do seguinte modo: Do quilômetro 118 na via-férrea de Sobral, parte a linha divisória diretamente à fazenda Eixo Queimado, buscando o Rio Acaraú, até encontrá-lo e por êle abaixo até confrontar com a fazenda Patos, de José Thomaz Lourenço, daí a S. Pedro, altos do Acaraú-Mirim, atravessando o serrote do Madeira, para a fazenda Baixa Grande, de Pedro Horácio da Frota, tomando a direção das fazendas Morgado, de Pompeu Mendes de Vasconcellos, Morro Vermelho, Bôca da Picada, do falecido Vicente Sabino, Arapuá, do Dr. Miguel Nogueira Borges, Paus Brancos, de Miguel Amorim, a Lagoa de Dentro a limitar-se no quilômetro setenta e seis, de onde seguirá em linha reta às fazendas Penedo, do Dr. José Mendes Pereira de Vasconcellos, Salão, Cabeça do Morro, sítio Caunhanpé, da Serra Meruoca, inclusive tôda a falda da mesma, Catarina na ladeira Caranguejo, Furna, sítio de Gabriel Simão, Riacho Fundo na ladeira Cocochini, Ôlho d'Água Grande, na ladeira Cajueiro, saindo, daí pelo riacho Meruoquinha, compreendendo tôdas as suas águas, bem como as do riacho Terra Nova a limitar-se com o sítio Ingàzeira, atravessando a serra em rumo direto às Cruzes do Mumbaba, encruzilhada da ladeira Julião, no quilômetro cento e dezoito, sendo respeitados os limites consignados na Lei n.º 8 de 31 de agôsto de 1896, e passando a pertencer ao nôvo Município os demais sítios e fazendas indicados neste artigo.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrário.

O Secretário de Estado dos Negócios do Interior a faça publicar.

Palácio da Presidência do Ceará, em 25 de setembro de 1897, 9.º da República.

Antônio Pinto Nogueira Acioly
Cezídio de Albuquerque Pereira

Nota:
O Município só foi instalado, oficialmente, em 5-2-1898.

* * *

LEI N.º 512, DE 31 DE OUTUBRO DE 1898

Cria o Fôro Civil na Vila de Serra Verde.

O povo do Estado do Ceará, por seus representantes, decretou e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1.º — Cria-se Fôro Civil na Vila de Serra Verde.

Art. 2.º — Haverá na mesma Vila um Tabelião do público, judicial e notas, que exercerá cumulativamente os ofícios de escrivão do crime, civil, órfão e mais anexos.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio da Presidência do Ceará, em 31 de outubro de 1898, 10.º da República.

Antônio Pinto Nogueira Acioly
Alfredo Teixeira Mendes

* * *

LEI N.º 540, DE 10 DE AGÔSTO DE 1899

Restaura para a Vila e Município de Serra Verde a primitiva denominação de Massapê.

O povo do Estado do Ceará, por seus representantes, decretou e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1.º — Restaura-se, para todos os efeitos, relativamente ao Município e Vila de Serra Verde, o primitivo nome de Massapê que tinha a respectiva povoação anteriormente à Lei n.º 398, de 25 de setembro de 1897.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio da Presidência do Ceará, em 10 de agôsto de 1899.

Antônio Pinto Nogueira Acioly
Cezídio de Albuquerque Martins Pereira

* * *

LEI N.º 1 235, DE 9 DE SETEMBRO DE 1914

Cria o Têrmo Judiciário de Massapê.

O povo do Estado do Ceará, por seus representantes, decretou e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1.º — Ficam elevados à categoria de Têrmos judiciários com juízes substitutos formados, os Têrmos de **Massapê, da Comarca de Sobral,** e Várzea-Alegre, da Comarca de Lavras.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio da Presidência do Ceará, em 9 de setembro de 1914.

Benjamim Liberato Barroso
Dr. José Lino da Justa

* * *

LEI N.º 1 408, DE 27 DE AGÔSTO DE 1917

Eleva à categoria de Cidade a Vila de Massapê.

O povo do Estado do Ceará, por seus representantes, decretou e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1.º — Fica elevada à categoria de Cidade a Vila de Massapê.

Art. 2.º — Esta Lei entrará em vigor desde a data da sua promulgação.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio da Presidência do Ceará, em 27 de agôsto de 1917.

João Thomé de Sabóya e Silva
José Sabóya de Albuquerque

Nota: A inauguração oficial da cidade ocorreu em 5-2-1918.

* * *

LEI N.º 1 943, DE 18 DE NOVEMBRO DE 1921

Cria a Comarca de Massapê.

O povo do Estado do Ceará, por seus representantes, decretou e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1.º — É criada a Comarca de Massapê, que será constituída pelos Têrmos de Massapê e Palma, desmembrados, respectivamente, das Comarcas de Sobral e Granja.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio da Presidência do Ceará, em 18 de novembro de 1921.

Justiniano de Serpa
Teofredo Cavalcante Goiana

* * *

LEI N.º 2 445, DE 30 DE OUTUBRO DE 1926

Altera as disposições da Lei n.º 1 949, de 23 de dezembro de 1921.

A Assembléia Legislativa do Estado do Ceará decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 11 — Redija-se: — Serão suprimidas, logo que entrar em vigor a presente Lei, as Comarcas de Juàzeiro e **Massapê**, passando os Têrmos dos mesmos nomes, que serão providos de Juiz letrado, a pertencer às Comarcas de Crato e **Sobral**, respectivamente.

Palácio da Presidência do Estado do Ceará, em 30 de outubro de 1926.

José Moreira da Rocha
José Carlos de Matos Peixoto

* * *

LEI N.º 2 677, DE 2 DE AGÔSTO DE 1929

Restaura as comarcas de Santa Quitéria e Massapê.

A Assembléia Legislativa do Estado do Ceará decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 3.º — Ficam restauradas as Comarcas de Santa Quitéria e **Massapê**, constituída a segunda do Têrmo de Massapê, que será a sede, e dos de Santana e Palma.

Palácio da Presidência do Ceará, em 2 de agôsto de 1929.

José Carlos de Matos Peixoto
Joaquim Máximo de Carvalho Júnior

* * *

DECRETO N.º 1 271, DE 29 DE MAIO DE 1934

Reorganiza a divisão judiciária do Estado.

Art. 4.º — Ficam suprimidas as Comarcas de Camocim e **Massapê**, que continuam como Têrmos judiciários providos de Juiz togado.

Palácio da Interventoria Federal no Estado do Ceará, em 29 de maio de 1934.

Olívio Dornelas Câmara
Manuel Pio de Farias

* * *

CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DO CEARÁ DE 23 DE JUNHO DE 1947

Ato das Disposições Transitórias.

Art. 22 — Os atuais têrmos providos com Juízes municipais ficam transformados em Comarca de 1.ª entrância, cujos titulares terão os vencimentos atribuídos aos Juízes extintos.

Paço da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará, em Fortaleza, 23 de junho de 1947.

Joaquim Bastos Gonçalves — Presidente
José Napoleão de Araújo — 1.º Secretário

(Seguem-se as assinaturas dos demais deputados)

* * *

LEI N.º 213, DE 9 DE JUNHO DE 1948

Dispõe sôbre a Organização Judiciária do Estado.

Art. 12 — O território do Estado divide-se, para a administração da Justiça e dos serviços que lhe são conexos ou auxiliares, em Comarcas e Distritos.

Palácio do Govêrno do Estado do Ceará, em Fortaleza, aos 9 de junho de 1948.

Faustino de Albuquerque e Sousa
J. Clodoveu de Arruda Coelho

NOTA: A Lei n.º 3 082, de 10 de fevereiro de 1956 elevou para 2.ª entrância a Comarca de Massapê e a Lei n.º 6 904, de 12 de dezembro de 1963, atual Código Judiciário do Estado, conservou essa classificação na Tabela A, sob número de ordem 40.

ÍNDICE

Nota Explicativa 9

Aspectos Históricos

De Fazenda a Cidade 11
A Estrada de Ferro 12
Famílias Povoadoras 15
Edifícios Iniciais 16
Viajantes Ilustres e Conceitos Emitidos 18
Emancipação Política e Outras Conquistas 19
Êxodo de Efeito Positivo 20
Surto de Progresso 22
Nova Emigração de Efeito Negativo 26
Providência Imperiosa 27
Destino da Casa Antiga 29
70 Anos de Município e 50 de Cidade 30

Aspectos Físicos

Localização do Município 31
Clima e Temperatura 31
Acidentes Orográficos 31
Serra da Meruoca 32
Situação Hidrográfica 33
Açude Acaraú-Mirim 34
Olho-d'Água da Racha 36

Aspectos Administrativos e Políticos

Resumo Esclarecedor 38
Inauguração do Município 40
Legisladores-Mirins 41
Intendentes e Prefeitos 42
Divisão Distrital 44
Política, Partidos e Chefes 45
Representantes do Povo 49

Aspectos Urbanos

Fisionomia da Cidade 51
Mercado 53
Matadouro 53
Atrativos Naturais 53
Repartições Públicas e Dirigentes 55
Estação da Estrada de Ferro 56
Coletoria Estadual 56
Agência do Correio 57
Telégrafo Nacional 57
Junção dos Correios e Telégrafos 58
Coletoria Federal 59
Agência da Estatística Municipal 59

Aspectos Demográficos

Decréscimo Populacional 61
População Urbana e Rural 61

Aspectos Eclesiásticos

Religiosidade do Povo 63
Capelania e Paroquiato 64
Igreja e Capelas 65
Associações Cristãs 66
Vigários da Freguesia 66
Substitutos Eventuais 71
Coadjutores 72
Milagre Espantoso 73

Aspectos Judiciários

Têrmo e Comarca 74
Juízes Municipais 75
Juízes de Direito 75
Promotores de Justiça 76
Tabeliães e Escrivães 77

Aspectos Econômicos

Meios de Transportes 78
Comércio 78
Indústria 80
Agricultura 80
Pecuária 80
Flora 81
Fauna 81

Aspectos Educacionais e Culturais

Ensino e Instrução 83
Imprensa Periódica 85
Manejadores da Pena 88

Aspectos Curiosos

Impropriedade de Nomes 90
Contrastes Flagrantes 92
A Chegada dos Inventos 95
Capricho da Natureza 100

Aspectos Folclóricos

A Festa do Chitão 102
Bumba-Meu-Boi 106
Judas de Capim 109

Outros Aspectos

Diplomados, Militares e Sacerdotes 112
Titulados Adotivos 120
Massapeenses Honorários 122
Artistas Natos 124
Vitoriosos no Reino de Mercúrio 127
Colônia, Liga e Centro Massapeenses 131

Leis Atinentes ao Município, ao Têrmo, à Cidade e à Comarca .. 134

De 1 a 6

ESCLARECIMENTO:

Se bem haja saído à luz, em agôsto de 1969, todavia êste opúsculo ventila sòmente fatos ocorridos em Massapê até 31-12-1968.

Não se narra, nêle, por isso, além de outros eventos recentes, a retirada de Santa Úrsula, padroeira da freguesia, do calendário universal, através do Decreto *Mysterii Paschalis*, de 14-2-1969, expedido pelo papa Paulo VI e cuja vigência começará a 1.º de janeiro de 1970.

O ato eclesiástico em foco não cassou pròpriamente a Santa, privando-a, por completo, da bem-aventurança eterna. Apenas lhe reduziu os podêres divinos ao âmbito regional, isto é, aos limites da Paróquia, onde continua como orago a derramar bênçãos no seio do povo.

Semelhante *capitis deminutio* não agradou, contudo, aos devotos da querida Santa, no coração dos quais, ela, soberana e excelsa, jamais deixará de reinar com influência ilimitada no céu e na terra.

ERRATA:

— Na página 20, linha 26, quanto à instalação do Têrmo Civil, corrija-se: junho de 1890 para junho de 1899.

— Na página 38, linha 2, onde se lê 24, leia-se 25.

— Na página 47, linha 14, onde se lê maio, leia-se julho.

— Na página 47, linha 29, em vez de transitar, leia-se transmitir.

— Na página 56, linha 14, emende-se: junho de 1899 para junho de 1898, data da criação da Coletoria Estadual.

— Na página 64, linha 22, e na página 66, linha 22, no tocante ao início da função do pe. Antônio Cândido de Melo na antiga Capela de Santa Úrsula, em vez de fevereiro de 1906, leia-se: 16 de abril de 1906, data da sua posse na Coadjutoria de Santana com residência fixa em Massapê.

— Na página 86, linha 13, onde se lê setembro, leia-se novembro.

— Na página 113, linhas 8 e 9, em vez de Francisco Gonçalo da Ponte e Inestita Linhares Ponte, corrija-se para Francisco Ferreira da Ponte e Inês Linhares Pontes.

Por outro lado, ligeiros lapsos ortográficos ressaltam do texto, claramente vistos. Comuns em trabalhos dessa natureza, tais cochilos de somenos monta são de fácil corrigenda pelo leitor esclarecido. Não se torna necessário, portanto, indicá-los.

Composto e impresso para o autor na Imprensa Universitária do Ceará, Av. da Universidade, 2932

Nas letras, porque é um dos cronistas mais perfeitos que o Ceará possui. No jornalismo, porque os seus artigos, sempre acolhidos com admiração pelos leitores, revelam ao público a sutileza espiritual do escritor. Nos meios jurídicos, porque sempre demonstrou senso apurado dos fenômenos que empolgam a ciência do Direito.

Com êsse passado intelectual aliado a uma vida de homem digno e probo, Osvaldo de Aguiar atinge o ponto máximo do Ministério Público Cearense, cercado do respeito dos seus conterrâneos."

De par com a Procuradoria-Geral, exerceu a Procuradoria Regional Eleitoral, no período de 1946 a 1951.

Trabalhou no esbôço da Lei de Terras do Estado e no anteprojeto da Lei de Organização Judiciária, de 9 de junho de 1948.

Redigiu e orientou o Projeto do Código do Ministério Público Cearense, remetido ao saudoso governador Stênio Gomes, com longa Exposição de Motivos.

Desempenhou a Secretaria Municipal do Patrimônio de Fortaleza, no lapso de 1960 a 1963.

Dedicou-se em seguida à advocacia e ao jornalismo. Além de artigos e crônicas, já deu à publicidade oito monografias sôbre assuntos vários.

Atualmente, pesquisa dados para um trabalho acêrca da lua cheia em face do folclore.